

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS
SEMIÁRIDOS –PPGESA**

SAYONARA CORDEIRO DE MARINS NOGUEIRA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA ABORDAGEM DA TRADIÇÃO ORAL E DO
LETRAMENTO ESCOLAR NO SEMIÁRIDO BAIANO**

**JUAZEIRO/BA
2016**

SAYONARA CORDEIRO DE MARINS NOGUEIRA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA ABORDAGEM DA TRADIÇÃO ORAL E DO
LETRAMENTO ESCOLAR NO SEMIÁRIDO BAIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – Stricto Sensu – Mestrado em Educação, Cultura e Territórios (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.
Área de concentração – Educação, Cultura e Contextualidade.

ORIENTADOR: PROF. DR. COSME BATISTA DOS SANTOS.

**JUAZEIRO/BA
2016**

N778c

NOGUEIRA, Sayonara Cordeiro de Marins

Contaçon de histórias: uma abordagem da tradiçon oral e do letramento escolar no semiárido baiano / Sayonara Cordeiro de Marins Nogueira. - Juazeiro, 2016.

166f. il: 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Cosme Batista dos Santos.

Dissertaçon (Mestrado em Educaçon, Cultura e Territórios Semiáridos) – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas -Campus III, 2016.

1. Contaçon de história 2.Oralidade. 3 Práticas de Letramento I. Santos, Cosme Batista dos II. Título.

CDD 028.55

FOLHA DE APROVAÇÃO

SAYONARA CORDEIRO DE MARINS NOGUEIRA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA ABORDAGEM DA TRADIÇÃO ORAL E DO LETRAMENTO ESCOLAR NO SEMIÁRIDO BAIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – Stricto Sensu – Mestrado em Educação, Cultura e Territórios (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Área de concentração – Educação, Cultura e Contextualidade.

Aprovada em _____ de _____ de 201_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cosme Batista dos Santos
(UNEB/PPGESA)
Orientador

Prof. Dr. Juracy Marques dos Santos
(UNEB/PPGESA)

Prof.^a Dr^a. Carla Luzia Carneiro Borges
(UEFS)
Examinador externo

DEDICATÓRIA

*Ao meu querido pai, José Alves Cordeiro, que cuidadosamente escreve seus versos,
canções e histórias no caderno da sua cabeça.*

*À minha querida mãe, Francisca Marins, que amorosamente me ensinou as
primeiras letras para além da cartilha.*

*Às minhas amadas filhas, Joyce, Beatriz e Yasmim, que carinhosamente escutam as
minhas histórias.*

*Ao meu amado esposo, Josinaldo Nogueira, que pacientemente vive comigo uma
linda história de amor.*

AGRADECIMENTOS

Antístenes, um filósofo grego, disse que a gratidão é a memória do coração, assim, eu só queria agradecer para sempre:

Ao meu Deus e meu Senhor, por permitir que eu contasse esta história;

À Universidade do Estado da Bahia – UNEB – DCH-III, por produzir insurgências e forjar lutas a favor de verdadeiras histórias, não permitindo, nesse semiárido chão, sermos o “outro” nas narrativas oficiais;

Aos professores Edmerson, Pinzoh e Edonilce, por nos alertarem do “perigo de uma história única”;

Ao professor Cosme Batista dos Santos, meu orientador, por ter enveredado comigo nesta história;

Ao professor Nadilson Costa, um grande contador de histórias, pelo incentivo e carinho;

Às minhas amigas Nazarete e Kátia, por acreditarem, desde o início, nesta história;

Ao casal Valter e France, por intermediarem o meu contado com os contadores de histórias em Maniçoba/BA e ainda, pelos cafés e bolos oferecidos;

Ao grupo “Os coleguinhas” do whatsapp, Antônio, Manuela, Michelle, Neila e Rose, pelos diálogos constantes, e por nos fortalecer a cada dia como “sujeitos híbridos” da nossa própria história;

À professora Carla Borges e o professor Juracy Marques, banca examinadora, por contribuírem com uma leitura atenta e dicas importantes para esta história;

Aos contadores, Bertolino, Mariano, Reinaldo, Deijanira e Jardilina (In memoriam), por manterem viva a Tradição Oral através da prática de contar histórias;

À escola Municipal Dois de Julho, na pessoa de Rúzia Nascimento, pela disponibilidade e carinho;

À minha família, pela paciência de ter ouvido todos os dias a mesma história.

Enfim, muito, muito obrigada!

RESUMO

Esta dissertação traz uma contribuição ao tema da relação cultura e educação. Faz parte das exigências da Linha de pesquisa Letramento e Comunicação Intercultural do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, PPGESA, Campus III. As práticas de letramento como aponta Street (2014) são empoderadoras dos sujeitos, em especial quando esses se apropriam da leitura e da escrita. Nesta pesquisa, estudou-se como a tradição de contar histórias, causos e contos populares faz interface com a cultura escrita e pode também está inserida nesse processo de empoderamento dos praticantes. Diante disso, foi considerada como questão de pesquisa que as práticas de contar histórias dos contadores de Maniçoba/BA geram um processo formativo na escrita e na leitura dos escutadores e, em alguma medida, dos contadores. Para constatação desse pressuposto, foram investigadas as práticas de contação de história em Maniçoba/BA, como também a transcrição dos contos para a escrita que permite aproximar os contadores nessa prática, além disso, investigou-se como a contação permite formar um aprendizado do oral na interface com a escrita formando leitores escutadores. Assim, as narrativas orais, precisamente os causos populares, bem como as práticas de escrita dessas narrativas foram analisadas no viés dos estudos do letramento. Para tanto, buscou-se os aportes teóricos em Street (2007, 2011, 2014) com a contribuição das reflexões sobre os letramentos sociais, destacando a abordagem do letramento intercultural que valoriza as interfaces entre a leitura e a escrita nas práticas sociais, as agências e agentes de letramentos. Zumthor (1993, 1997, 2007) refletindo sobre a voz na escrita e Vancina (1982) com a relevância da tradição oral, entre outros. A metodologia utilizada a partir da pesquisa qualitativa em educação à luz de Bogdan e Biklen (1994) se configurou numa Triangulação de métodos e técnicas ou Entre-triangulação (DENZIN, 1970 apud FLICK, 2008). Nesse percurso, os resultados apontaram que a tradição de contar histórias em Maniçoba/BA é uma prática fortalecedora na interface da oralidade e da escrita dos contadores e dos escutadores.

Palavras-chave: Narrativas orais. Letramento. Interculturalidade. Retextualização.

ABSTRACT

This essay brings a contribution to the theme of the relationship culture and education. Part of the requirements of research Literacy and Intercultural communication graduate program in education, culture and Semi-arid Territories at the State University of Bahia – UNEB, PPGESA, Campus III. Literacy practices as points Street (2014) are be empowering the subject, in particular when these appropriate reading and writing. In this research, studied the tradition of storytelling, stories and folk tales interfaces with the written culture and can is also inserted in this process of empowerment of the practitioners. Before that, it was considered a matter of research that the practices of storytelling of the Maniçoba counters/BA generate a formative process in writing and reading of the hearing aids and, in some measure, of the counters. For realization of this assumption, were investigated the practices of story-story in Maniçoba/BA, as well as the transcript of the tales for writing that allows to approach the counters in this practice, moreover, to investigate how the story lets form a oral learning in the interface with the written form readers listeners. Thus, the oral narratives, the stories, as well as writing practices of these narratives were analyzed in the bias of the literacy studies. To that end, he sought the theoretical in Street (2007, 2011, 2014) with the contribution of the reflections on the social letramentos, highlighting the intercultural literacy approach that values the interfaces between reading and writing in social practices, agencies and letramentos agents. Zumthor (1993, 1997, 2007) reflecting on the voice in writing and Vancina (1982) with the relevance of the oral tradition, among others. The methodology from the qualitative research in education in the light of Bogdan and Biklen (1994) if configured in a Triangulation of methods and techniques or Between-triangulation (DENZIN, 1970 apud FLICK, 2008). In this way, the results showed that the tradition of storytelling in Maniçoba/BA is empowering in the interface of orality and writing of the counters and the listeners.

Keywords: Oral narratives. Literacy. Interculturality. Retextualização.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1: O Senhor Bertolino Alves no nosso primeiro encontro em Maniçoba	84
Foto 2: Dona Jardimilina na Culminância do Projeto Pedagógico da Escola Municipal Dois de Julho em novembro de 2014	94
Foto 3: Seu Bertolino, Seu Mariano e Dona Jardimilina no estande preparado só para eles com as produções dos alunos	95
Foto 4: O Senhor Mariano de vermelho e as crianças ouvindo suas histórias no VI Festival de Arte, Cultura e Meio Ambiente em Conchas/Maniçoba-BA	96
Foto 5: Eu e o Senhor Bertolino na abertura do VI Festival em Conchas	97
Foto 6: Senhor Bertolino e os tocadores de São Gonçalo no VI Festival de Conchas	98
Foto 7: Estande de artesanatos no VI Festival	99
Foto 8: Entrada do Distrito de Maniçoba/Juazeiro-BA	109
Foto 9: A escola Municipal Dois de Julho em Maniçoba	110
Foto 10: Dona Jardimilina na Culminância do Projeto Pedagógico	114
Foto 11: Senhor Bertolino no Festival de Arte em Conchas	116
Foto 12: Seu Mariano no VI Festival de Arte em Conchas	118
Foto 13: Seu Mariano na apresentação da dança da Bandeira do Rosário na culminância do Projeto Pedagógico	120
Foto 14: Reinaldo no encerramento de uma novena na residência de amigos	122
Foto 15: Dona Deijanira na sua residência em Lagoa da Pedra/Maniçoba-BA	125
Foto 16: Culminância do projeto	146 - 148

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ilustração do Entre-triangulação	82
Figura 2: Capa do Livro de Memórias produzida pelos alunos	103
Figura 3: Capa de Introdução do Livro Memórias produzido pelos alunos	104
Figura 4: Produção realizada pelos alunos	105
Figura 5: Capa do livro de cordel produzida pelos alunos	106
Figura 6: Produção realizada pelos alunos	107
Figura 7: Produção dos alunos – Seu Bertolino	117
Figura 8: Produção dos alunos – Seu Mariano	119

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	REVISÃO DA LITERATURA – no meio da travessia.....	21
2.1	LINGUÍSTICA – uma paisagem	21
2.2	OUTRA PAISAGEM – encontrando na Literatura os vestígios da arte de contar histórias	25
2.3	NO LEITO DA EDUCAÇÃO – uma paisagem no fim da travessia.....	31
2.4	DO OUTRO LADO DA MARGEM – sistematizando o conhecimento....	35
3	DA TRADIÇÃO ORAL À TRADIÇÃO ESCRITA	37
3.1	AS NARRATIVAS ORAIS.....	42
3.1.1	A voz, a vez, a performance dos narradores.....	42
3.1.2	Causos populares: que causos são esses?.....	45
3.1.3	As histórias contadas no chão do terreiro em noite de lua cheia chegando ao chão da escola.....	48
3.2	A ABORDAGEM INTERCULTURAL DO LETRAMENTO.....	57
3.2.1	Escrever as histórias: uma prática de fortalecimento à cultura oral.....	63
3.2.2	Do conto ao ponto: traços da oralidade na escrita e vice-versa e o processo de retextualização na escola.....	66
3.2.3	Os contadores e a escola: um diálogo entre culturas.....	73
4	CONTANDO O ITINERÁRIO METODOLÓGICO ATRAVÉS DA PESQUISA QUALITATIVA.....	81
4.1	A TÉCNICA DA TRIANGULAÇÃO: cruzando as informações entre métodos e técnicas.....	81
4.2	O CONTEXTO.....	108
4.2.1	A comunidade Perímetro Irrigado de Manicoba e a Escola Municipal Dois de Julho.....	108
4.2.2	Os contadores de histórias e suas histórias de vida.....	111
a)	Dona Jardimilina, uma contadora encantadora;.....	112
b)	Senhor Bertolino, um contador escritor de histórias;.....	115
c)	Senhor Mariano, um contador, compositor e tocador;.....	118
d)	Reinaldo, a alegria de um jovem contador;.....	120
e)	Dona Deijjanira, das suas histórias é melhor não duvidar;.....	122
4.3	A DESCRIÇÃO.....	127
5	UM QUADRO PANORÂMICO DAS ANÁLISES: ALGUMAS HISTÓRIAS CONTADAS QUE FORAM ESCRITAS – UMA COTRIBUIÇÃO ÀS PRÁTICAS DO LETRAMENTO.....	128
5.1	A HITÓRIA ORAL E A TRANSCRIÇÃO DAS HISTÓRIAS.....	129
5.1.1	Primeira transcrição – História de Reinaldo José.....	130
5.1.2	Segunda transcrição – História do Senhor Mariano.....	131
5.1.3	Terceira transcrição – História de Bertolino Alves.....	131

5.1.4	Quarta transcrição – História de Dona Deijanira.....	132
5.1.5	Interpretação das transcrições das histórias.....	133
5.2	DESCRIÇÃO DENSA DAS PRÁTICAS DE CONTAR HISTÓRIAS.....	134
5.2.1	Temas – do que se falam nessas contações.....	135
5.2.2	Cenários da contação – um contexto para as práticas de letramento?.....	136
5.2.3	Interpretação das práticas da contação de histórias.....	139
5.3	A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EM EVENTOS DE LETRAMENTO.....	142
5.3.1	O desvelamento de uma escola no semiárido baiano: observando o Projeto Pedagógico.....	143
5.3.2	A Retextualização das narrativas - as narrativas orais e a prática escolar de retextualização.....	149
5.3.3	Algumas considerações sobre o processo da retextualização.....	152
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS – uma história (in)acabada.....	159
	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	163

1 INTRODUÇÃO

“Conto ao senhor é o que eu sei e que o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba.”

Guimarães Rosa

Contar histórias, estórias de trancosos, assuntos, causos, enredos, prosas, entre outros nomes dados para uma narrativa faz com que a imaginação do homem invente, e com seu jeito único, transforme assuntos singulares, da lida do campo, dos afazeres domésticos, das pescarias, das caçadas com os amigos, das brincadeiras em fantásticas contações de histórias que não se sabe se emergem de um dom ou de influências arraigadas na família passadas de geração a geração.

Contar histórias é encantador, por exemplo, as histórias contadas por Sherazade¹, que encantava o rei, seu esposo, com maravilhosas histórias, tática usada por ela para não ser morta, e assim duraram mil e uma noites somente de narrativas orais de aventuras de reis, de viagens fantásticas de heróis, vilões e de mistérios; Jesus, o mestre dos mestres, contava suas histórias, através de parábolas, tática também usada por Ele para tocar no coração de todos àqueles que o ouviam para segui-lo a um reino que não é dessa terra; Homero, contou em *Ilíada*, em versos, a Guerra de Tróia, e em *Odisseia*, a fabulosa viagem de Ulisses; Riobaldo, personagem criado por João Guimarães Rosa, numa única narrativa, conta suas lembranças mais secretas. Contar histórias é viajar por veredas que encurtam a imaginação.

Ouvir histórias, por sua vez, é fascinante. Ouvir histórias dos avós, do pai quando criança (este último meu caso) pode despertar o prazer pela leitura, e assim contribuir para as práticas de leitura e escrita do escutador.

Considerando que a prática dos contadores ao contar suas histórias populares fomenta a cultura de um povo, divulgando os seus quereres, os seus saberes, penso de como tais práticas chegam ao âmbito escolar já que a escola muitas vezes, envereda por outros caminhos, por outras histórias, quando trata apenas da

¹ Xerazade, grafado também como Sherazade ou Sheherazade, é uma lendária rainha persa e narradora dos contos de *As Mil e Uma Noites*. Segundo a lenda da antiga Pérsia, Sherazade, com sua beleza e inteligência, fascinou o rei ao narrar histórias fantásticas por mil e uma noites, poupou sua vida e ganhou o eterno amor do Rei Shariar. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Xerazade>.

literatura oral através de contos universalmente conhecidos, como as fábulas de La Fontaine, os contos dos irmãos Grimm e ou da literatura infanto-juvenil brasileira.

Diante disso, uma questão permeou pelas discussões, poderíamos considerar que as práticas de contar histórias dos contadores de Maniçoba/Juazeiro-BA geram um processo formativo na escrita e na leitura dos escutadores e, em alguma medida dos contadores? Pensei na relevância dessa questão no sentido da inquietação, já que não vemos a contação de histórias, ressaltando especificamente os causos populares, se enveredando nesse sentido processual de formação à leitura e escrita, acredito que a devolutiva dessa questão pode nos esclarecer se a prática de contar histórias além de perpassar pela literatura oral também emerge no letramento intercultural, trazendo uma contribuição pertinente nesse contexto.

Creio que a escola precisa, como espaço de heterogeneidade de culturas, saberes e identidades, estar aberta às tradições, e trazer também para seu meio à valorização da cultura dos contadores, pressupondo que os causos e enredos contados pelos contadores de histórias inseridos num contexto local podem ser relevantes no ensino-aprendizagem dos alunos, e ou dos escutadores, sendo estes em espaços informais, pois a partir do momento que estas narrativas orais passam a ser registradas e são inseridas no mundo da escrita inicia-se aí uma prática de letramento. Já que o letramento são práticas sociais e interculturais que envolvem a leitura e a escrita, que traz um impacto na vida dos sujeitos/contadores/escutadores.

Diante desse contexto, foi relevante estudar a prática da contação de histórias no Vale do São Francisco, especificamente em Maniçoba/Juazeiro-BA, para além do espaço familiar e trazer essa tradição para o espaço escolar e outros espaços informais na perspectiva de fomento a essa tradição, onde as práticas orais de modo recente estão sendo estudadas pelo viés do letramento, pois estamos considerando os pressupostos culturais presentes nessas narrativas, bem como os indícios dessas práticas como a aquisição da leitura e do letramento dos escutadores. Vale salientar que os contadores de histórias residem em Maniçoba no município de Juazeiro da Bahia, localizado a 34 Km da cidade de Juazeiro. Conhecida como o Perímetro Irrigado de Maniçoba, um lugar rico de personagens com o dom para contar enredos ou causos. Numa roda de conversa entre os colegas; na parada obrigatória do

almoço; num dedo de prosa com os vizinhos; numa noite de lua cheia com a meninada.

Homens e mulheres do campo, agricultores, moradores antigos da comunidade, que a princípio buscam apenas a diversão dessas pessoas, alegrar o dia, a noite, mas que na verdade mantêm viva a memória dessa gente, preservando a tradição oral e uma cultura que contribui para a riqueza local, uma riqueza de encantamento, onde personagens imagináveis criam vidas e se integram na vida dos personagens reais, e começa uma convivência harmoniosa, num ato poético, num ato político.

Falar sobre a cultura da literatura oral e sua luta para manter a tradição oral numa sociedade escriturística é sem dúvida ir de encontro com os pensamentos ocidentais, que de maneira autoritária impõe a escrita ao jogo do poder. Não questionamos a relevância da mesma, mas nos posicionamos sobre o domínio que a ela é atribuída.

Assim, foi se percebendo nos nossos estudos através dos nossos teóricos que a oralidade não é a ausência da escrita, bem como a escrita não transcreve apenas a nossa fala, há um envolvimento cultural, cada uma nasce e é fielmente preservada de acordo com as suas tradições. A fala veio antes para assim estabelecer uma comunicação entre os povos, bem como para preservar as suas culturas, têm-se exemplos em países no continente africano que comunidades ágrafas perpetuam sua cultura somente pela memória das suas gerações. Vancina (1982, p. 139) nas suas pesquisas nesse continente ressalva que “uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais”. A Tradição oral.

Desse modo, pensar nas narrativas como contribuição para a permanência dessa tradição é também pensar de como essas narrativas orais em dado momento perpassa para a escrita, quando se tem a necessidade do registro, a escrita também nesse momento se coloca à disposição como recurso importante mantendo uma junção sem que uma venha sobrepor à outra, as duas são relevantes para a cultura local.

Para dar conta dessas questões, traçamos nossos objetivos, de maneira geral, esta pesquisa investigou as práticas de contação de história em Maniçoba/BA

considerando os pressupostos culturais presentes nas narrativas dos contadores e os indícios dessas práticas como a aquisição da leitura e do letramento dos escutadores. Para isso, especificamente foram necessários traçar os objetivos específicos: interpretar os pressupostos apresentados nas contações de histórias se são inventadas ou se são criadas a partir de situações reais; compreender como as narrativas orais se mantêm vivas através do tempo; descrever as práticas de contação de história dos contadores de Maniçoba em Juazeiro – BA; analisar os efeitos da contação de histórias nas práticas escolares, e por fim, estudar a retextualização como prática de letramento escolar.

É certo que os atos de contar e de ouvir histórias se tecem no cotidiano daqueles que preservam essa tradição. Quando criança pensava como criança, brincava como criança e ouvia muitas histórias como criança. Não lia, ainda, mas já viajava na ilha perdida de Robson Crusoé, meu pai (José Alves Cordeiro), nos levava até lá, com suas histórias. Ele não tinha livros, pouco escolarizado, mas encontrou na leitura o encanto das histórias, com os poucos livros que arrumava emprestado, assim, as histórias que lia guardava tudo na cabeça, na memória², impressionante. Isso no pouco contado que teve com a escola. Anos depois, os filhos nasceram (meus dois irmãos mais velhos e eu) e aproveitou para se deleitar contando muitas histórias que trazia na memória e outras histórias que criava.

Logo, não há dúvidas que o interesse por esta temática partiu a princípio dessa influência familiar. Lembro-me dos momentos quando nos reunimos para ouvirmos as histórias que meu pai contava quando eu era criança, e de vez em quando, no alpendre da nossa roça (Bom Sossego) ele põe a contar suas histórias de menino, e de outros causos, que sei da grande importância de um dia registrá-las.

E a escolha do lugar? Por que Maniçoba? Logo após uma longa prosa sobre o fascínio de contar histórias e também do encantamento em ouvi-las, com um colega de profissão (Nadilson Costa), somos professores, fiquei intrigada com tanta informação do Perímetro Irrigado de Maniçoba, percebi no seu relato, como tinham

² “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. (LE GOFF. 1994, p. 423)

peessoas que mesmo não tendo participado das exigências da educação formal, de uma Academia, contribuíam ali, através de suas histórias, causos e enredos de forma modesta para o desenvolvimento cultural e educacional daquela região.

Nesse contexto, fui presenciar e conhecer de perto algumas dessas pessoas. Figurantes³ que conheci e meus informantes na proposta desta pesquisa, por isso, esta temática carece de uma amplitude, que será relevante para a educação e a cultura local, contribuindo com uma educação contextualizada inserida nas raízes culturais de um povo agente, sujeito, colaborador, encantador, que fazem de suas histórias elementos de construção de força, norteando novos saberes em espaços formativos.

Logo, esta pesquisa irá contribuir de maneira relevante não só para os contadores, os seus escutadores, mas também à comunidade escolar, à Academia, à sociedade e para minha vida pessoal e profissional.

Aos contadores e escutadores, é certo que a mesma vai se revelar como um fomento à tradição oral, levando o reconhecimento a essas pessoas, pelo dom e perseverança, fortalecendo essa singularidade.

À comunidade escolar, onde as práticas de contação de histórias desses contadores podem servir às práticas pedagógicas no sentido de contribuir com os estudos do tratamento da oralidade, da prática da leitura e da produção de textos através do processo da retextualização na sala de aula.

Para a Academia, a sua contribuição terá um caráter que vai explorar e investigar a permanência da cultura oral nas exigências da cultura escrita, na perspectiva do letramento, tratado aqui como um viés entre o oral e a escrita, potencializando a voz no verbo, alvo relevante no espaço acadêmico, bem como, acrescentando aos estudos da tradição oral a pertença das narrativas, dos causos, das histórias populares dos contadores que mantêm essa tradição na comunidade em que vivem.

³ Como são tratados os que contam histórias, segundo a fala de um dos contadores.

E para a sociedade, essa abordagem há de se mostrar como uma reflexão à importância de contar e ouvir histórias para desacelerar a correria que o cotidiano da vida contemporânea exige.

Deste modo, para dar conta desse itinerário, o aporte teórico-metodológico esteve imbricado nessa história. Assim, dei início, aos estudos da pesquisa qualitativa, sem nenhuma intenção de gerar dados, números, quantos contadores existem nesse território, mas o que eles estão fazendo com a prática de contar história. Acredito que o contexto da pesquisa qualitativa deu mais confiabilidade a nossa investigação, segundo Bogdan e Biklen(1994, p. 16) “As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, pois são formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural”.

Nesse sentido, tive a pretensão de usar estratégias de investigação que comungasse com os objetivos aqui propostos, para isso, busquei nos conceitos da triangulação de métodos e técnicas para tencionar a pesquisa. Denzin, (1970 apud FLICK, 2008, p. 69) vê a triangulação de forma mais diferenciada, onde afirma que os pesquisadores (traz os sociólogos como exemplos) que empregam o método da triangulação estão comprometidos com o rigor sofisticado, bem como tornar seus esquemas empírico e interpretativo o mais público possível. Então, o que é triangulação? Para o mesmo autor acima citado “é a combinação de metodologias nos estudos do mesmo fenômeno”.

Sendo assim, parti do princípio de que o uso da triangulação poderia descrever e interpretar melhor a prática da contação de histórias em Manicoba/BA. Para tanto, articulei os seguintes métodos e técnicas que reúnem característica que configuram a triangulação aqui proposta: A História Oral, Descrição Densa e a técnica da Observação Participante.

Do ponto de vista do enquadramento metodológico, dialoguei com a História Oral, por se tratar aqui num método e não um pressuposto teórico, como propõe Thompson (1992). Na perspectiva de mostrar que esse método é bastante promissor para a realização das diversas áreas em pesquisas, pois mostra a preservação da memória física e espacial, bem como também pode descobrir e valorizar a memória

do homem (FREITAS, 1992, p. 17). Trago também Meihy (2005) com as categorias por ele propostas: História Oral de Vida; História Oral Temática e a Tradição Oral. Sendo que o primeiro e o último deram conta da interpretação dos pressupostos apresentados nas contações de histórias se são inventadas ou criadas a partir de situações reais, e da compreensão de como as narrativas orais se mantêm vivas através do tempo.

Na descrição densa a coleta de dados foi feita numa descrição minuciosa das práticas de contações de histórias dos contadores, para tanto busquei em Geertz (2008) essa contribuição.

A observação participante é uma técnica em que o pesquisador pretende compreender as pessoas e suas ações, com essa técnica coletei dados de grande importância para as análises, pois segundo Gil (1990, p. 104) pode facilitar “o rápido acesso a dados sobre situações habituais em que os membros das comunidades se encontram envolvidos”, fez com que na observação obtivéssemos um resultado de excelência que também contribuiu na hora de analisar os dados de maneira indutiva e compreensiva. Aqui analisei os efeitos da contação de histórias nas práticas escolares e os estudos sobre a retextualização como prática de letramento escolar.

Este trabalho foi organizado da seguinte maneira:

No capítulo 02 (dois) foi elaborado um plano de revisão literária, pois o tema aqui abordado é de grande relevância no cenário de pesquisas científicas, e no meio da travessia, encontramos no contexto de outras ciências que adentraram na aventura de investigar temáticas que enveredam pela prática da contação de histórias, como da oralidade à escrita, assim passamos pelas veredas da Linguística, da Literatura e da Área de Educação.

Em seguida, no capítulo 03 (três), as veredas da tradição oral à tradição escrita foram tratadas nos aportes teóricos como Zumthor (1993, 1997, 2007) refletindo sobre a voz na escrita e em Vancina (1982) com seus estudos na África sobre a tradição oral; Na abordagem intercultural do letramento, contribuiu Street (2007, 2011, 2014) com os letramentos sociais, destacando a abordagem do letramento intercultural que valoriza as interfaces entre a oralidade e a escrita, tratando dessas

duas práticas sociais, das agências e agentes de letramento, também outros teóricos permearam pelas discussões, trazendo suas valorosas contribuições.

No capítulo 04 (quatro) o itinerário metodológico foi enveredado pela pesquisa qualitativa em educação à luz de Bogdan e Biklen(1994) buscando na triangulação cruzar as informações entre métodos e técnicas (DENZIN, 1970 apud FLICK, 2008). Foi explorado, ainda, o contexto e a descrição da pesquisa, a comunidade do Perímetro Irrigado de Maniçoba, os contadores de histórias e suas histórias de vida.

Para o capítulo 05 (cinco) trouxemos um quadro panorâmico das análises com algumas histórias contadas que foram escritas numa contribuição às práticas do letramento.

Concluímos com as considerações finais, dando um desfecho nessa história, ou melhor, acreditamos que esta história não terá fim.

Geertz nos traz uma história indiana:

“ — pelo menos eu a ouvi como indiana — sobre um inglês a quem contaram que o mundo repousava sobre uma plataforma apoiada nas costas de um elefante, o qual, por sua vez, apoiava-se nas costas de uma tartaruga, e que indagou (talvez ele fosse um etnógrafo; é a forma como eles se comportam), e onde se apoia a tartaruga? Em outra tartaruga. E essa tartaruga? "Ah, "Sahib; depois dessa são só tartarugas até o fim." (GEERTZ, 2008, p. 20)

Vimos nessa história que não há uma resposta exata, e que pela curiosidade queremos ir até o fim, ter resposta para tudo, então cremos que esse trabalho teve maior profundidade de pouco, do que superficialmente de tudo. Talvez não chegue “nem perto do fundo da questão”, mas enveredamos, com entusiasmo, no chão dessa gente, desbravando, assim, nosso itinerário.

2 REVISÃO DA LITERATURA – no meio da travessia

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

Guimarães Rosa

Na travessia, a fim de situar essa pesquisa no contexto dos estudos de outras áreas, buscamos algumas contribuições da Linguística, incluindo o letramento, da Literatura e da Educação, num viés interdisciplinar, buscou-se nessas áreas estudos pertinentes sobre a Oralidade e a Escrita.

2.1 A LINGUÍSTICA – uma paisagem

No meio da travessia nos deparamos com pesquisas relevantes na área da Linguística realizadas pelo grupo de estudo do Professor Luiz Antônio Marcuschi⁴, o Núcleo de Estudos Linguísticos da fala e da Escrita (NELFE) da Universidade Federal de Pernambuco que analisa as relações entre língua falada e língua escrita na hipótese linguística, vê nas características e usos da língua um trabalho a respeito de práticas sociais. Este Núcleo atua desde os anos 90 com trabalhos publicados nas diversas esferas de comunicação.

Se nessa travessia nos deparamos com questões da língua ou até mesmo noção de linguagem, é certo apontar o Núcleo citado acima com as contribuições do seu mentor, o Professor Marcuschi, que nos mostra a linguagem como atividade social e interativa, pois todos nós falamos e ouvimos muito mais do que escrevemos ou lemos, no entanto o peso que essas práticas têm não é mesmo sob a ótica dos valores sociais, assim explica o professor sobre o uso da língua

Contemplar a língua em uso é importante porque pode auxiliar bastante nossas ações no trabalho de desfazer tais equívocos. É certo que a escola existe para ensinar a leitura e escrita e estimular o cultivo da língua nas mais variadas situações de uso. Mas como a criança, o jovem ou o adulto já dominam a língua de modo razoável e eficiente quando chegam na escola, esta não pode partir do nada. Isso justifica que se tenha uma ideia clara dessa competência oral para partir dela no restante do trabalho com a língua. A escola não

⁴ Linguista brasileiro. Atualmente é professor aposentado da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

vai ensinar a língua como tal, e sim *usos* da língua em condições reais e não triviais da vida cotidiana. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p 08)

Marcuschi e Dionísio (2007, p. 8), ainda tentam mostrar nos seus estudos que há algumas premissas que devem ser levadas em consideração quando se trata da relação entre fala e escrita, são elas:

- 1) *Todas as línguas desenvolvem-se em primeiro lugar na forma oral e são assim aprendidas por seus falantes. Só em segundo lugar desenvolve-se a escrita, mas a escrita não representa a fala nem é dela derivada de maneira direta.*
- 2) *Todas as línguas variam tanto na fala como na escrita, e não há língua uniforme ou imutável, daí ter-se que admitir regras variáveis em ambos os casos.*
- 3) *Nenhuma língua está em crise, e todas são igualmente regradas, não havendo quanto a isso distinção entre línguas ágrafas e línguas com escrita.*
- 4) *Nenhuma língua é mais primitiva que outra, e todas são complexas, pouco importando se são ágrafas ou não.*

Assim, o ato da contação de histórias perpassa nessas proposições quando são de fato apreendidas como ato da língua na modalidade oral, não vista apenas como a manutenção de uma tradição, mas tratadas, seja nos espaços formais ou informais, como relevantes para o uso da língua, reavaliando alguns conceitos estabelecidos pelas instituições de ensino onde a língua na modalidade escrita ocupa um lugar privilegiado nos estudos. Ora, vimos aqui não estabelecer uma dicotomia, mas rever questões que trate das duas modalidades, como bem estabelece Marcuschi, tendo em vista que a consequência das premissas estabelecidas acima “é a noção de que fala e escrita são dois modos de funcionamento da língua, e não dois sistemas linguísticos como pensaram alguns autores”.

Nesses estudos trago especificamente um ensaio publicado em 1997 pelo professor Marcuschi com o tema **Oralidade e Escrita**, onde trata as primeiras análises das relações entre a fala e a escrita não mais centradas nas questões apenas no código linguístico. Nesse ensaio, ele traz a discussão da produção discursiva para as práticas sociais analisando os contextos da produção, os usos e as formas de transmissão da oralidade e da escrita no cotidiano.

Faz uma ressalva entre oralidade e letramento como práticas sociais, fala e escrita como modalidades de uso, campos distintos, mas não dicotômicos, a primeira centra-se na realidade sociocomunicativa, a segunda na análise de fatos

linguísticos, pois para o autor é impossível ainda tratar nesse campo teórico apenas de diferenças e semelhanças entre a fala e a escrita, “é preciso avançar, e vê-las para além do código, é preciso enxergá-las como práticas sociais.” E mesmo que viemos de uma cultura da tradição oral, esta não deve ser tão importante quanto à escrita, que é vista como um fenômeno de massa e desejável, as duas são do mesmo modo relevantes para a sociedade.

O autor nos traz algumas contribuições segundo as tendências linguísticas: A primeira tendência estuda a análise do código de modo imanente do fato linguístico observando somente a relação desse fenômeno. A segunda tendência, fenomenológica, de caráter culturalista que permeia pelas práticas da oralidade e escrita, num paradigma de visão culturalista. A terceira é vista como intermediária entre as duas primeiras, que está ligada ao fomento dos processos educacionais, estuda a língua na perspectiva das variações dos usos da língua, nos dialetos. Por fim, a quarta tendência trata a fala e escrita dentro do continuum textual, numa visão interacionista, baseando-se na relação dialógica no uso da língua.

Vislumbro aqui, nesse ensaio do professor Marcuschi, que nosso estudo se pauta como definição das categorias próprias da linguagem nessa quarta tendência, pois a prática de contar histórias como uma tradição oral se imbrica nas linhas traçadas dessas histórias num papel, quando sem instrução formal da escola, um dos nossos contadores recorre a sua filha para colocar num papel, sejam suas histórias, seus versos, e seus hinos, num ato dialógico, um fala e o outro escuta, o dito passa a ser escrito num momento de acordo, de uso, realizando assim, num domínio discursivo as práticas de letramentos imbricadas com as práticas orais.

É relevante também ressaltar que o professor Marcuschi, nesse ensaio, traz a contribuição dos estudos realizados pelo grupo da UFPE em 1995, numa pesquisa que foi realizada num Projeto intitulado Fala e Escrita: usos e características, onde foram feitos levantamentos de uns 500 informantes sobre os usos da fala e da escrita nos mais variados contextos do cotidiano. Para surpresa do grupo foi constatado que poemas e cartas, gênero escritos, eram os textos mais frequentes entre homens e mulheres, sendo essas em maior número. O resultado também trouxe o tempo que era empregado para a escrita, que não passava de 5% de uso,

um pouco mais para a leitura, e o restante do tempo é gasto com a comunicação oral, concluindo que a nossa sociedade é de fato oralista, e que independe de classe social, idade, formação, profissão.

A pesquisa mostrou também que a escrita tem um caráter consagrado e com características específicas, os estudantes acadêmicos, por exemplo, só a utilizavam para fins pedagógicos, e que em todas as áreas de trabalho existem pessoas selecionadas para desenvolverem os trabalhos escritos, nesse contexto, os chefes e diretores de empresas, recorrem às secretárias, ou seja, em todas as áreas de trabalho a alguém especializado para a produção textual.

Na investigação, também, foi observado pelo grupo o uso contínuo do gênero lista, um dos usos mais intensos da escrita pelas pessoas, donas de casa não vão ao supermercado sem a lista de compras, a mesma é utilizada em todos os momentos de eventos possibilitando organização e economia no orçamento familiar. Um evento de letramento se realizando na sua prática.

Para encerrar a valorosa contribuição desse ensaio a nossa pesquisa, é bom aqui salientar que para a Linguística, antes dos anos 50, não se tinha interesse pelos estudos da relação entre fala e escrita, oralidade e letramento, pois sabedores que Ferdinand Saussure estabelecendo oficialmente a ciência linguística, teve como objeto de estudo a língua numa vertente estruturalista, a língua estudada em si e por si mesma.

No entanto, trazemos a Linguística no viés interacionista, tratada nesse ensaio de forma tão relevante, tendo em vista, que a nossa pesquisa usa uma linha entre os estudos da oralidade e do letramento nessa perspectiva, de um contínuo, duas modalidades que se imbricam, se entrelaçam.

Certamente, os aspectos importantes desse contexto é notar a contribuição da linguística na caminhada dessa pesquisa, não se tratando do enfoque geral nessa área da ciência, mas apenas uma parada na travessia para segurar com mais precisão o fio que deveras estamos conduzindo, pois a Linguística, de acordo com estudos do NELFE, estuda a oralidade no contexto dos seus usos, onde as questões linguísticas que perpassam na oralidade e que segundo a visão marcuschiana se realiza naturalmente em contextos informais do dia a dia, se dando nas práticas

sociais, que muito nos interessa para o desafio de pensar a oralidade na perspectiva do letramento.

2.2 OUTRA PAISAGEM – encontrando na Literatura os vestígios da arte de contar histórias

Contar uma história perpassa por um ato natural do espírito do contador, se concretiza na voz, no jeito, trejeitos. Escutar as histórias perpassa por um ato de cerimônia do escutador, se dá na atenção, no olhar, na confabulação. O ato de contar história testemunha uma cultura que mantém viva uma herança. A herança da Tradição Oral. E essa herança os pesquisadores literários também nos trazem nessa travessia o real das suas contribuições.

A literatura é a arte de contar histórias ou seria o contrário?

Na Índia, a literatura nos conta que se encontram fortes indícios que a arte de contar histórias partiu de lá, pois alguns estudiosos literários veem nos contos budistas essa origem, por fornecer uma grande quantidade dos seus contos disseminados pela Europa e pelo Oriente (REYZÁBAL, 1999, p.285). Viu-se por lá fortes indícios da Tradição Oral.

No Brasil, Sílvio Romero, escritor brasileiro do século 19, nos seus estudos etnográficos já contemplava as contações de história, escreveu Contos Populares do Brasil em 1885, numa coletânea de contos de tradição popular, priorizando várias origens e autores desconhecidos, advindo da diversidade étnica do povo brasileiro. Uma literatura depurada.

Luís da Câmara Cascudo na década de 50 foi importante no cenário das pesquisas realizadas sobre a nossa cultura popular brasileira, em especial sobre a literatura oral, no seu livro "Literatura Oral no Brasil" que foi publicado em 1952 num panorama entre as questões da Literatura oral e Literatura escrita, sendo que a primeira era ignorada e a segunda reconhecida num âmbito geral. Envereda em questões da cultura popular no Brasil, entre eles o conto popular, um dos gêneros principal da literatura oral. Faz uma interlocução com alguns Clássicos da etnografia

e cita também alguns brasileiros, entre eles traz Sílvia Romero. Uma literatura cultural.

Nos anos 60 o professor Júlio César de Mello e Souza⁵, mais conhecido como Malba Tahan, fascinado pela matemática e pelas tradições orientais, se encanta pela contação de história como fomento à leitura, explora os conceitos das histórias bem como o modo de contá-las. Torna-se assim, no âmbito da educação, com seu livro “A Arte de Ler e Contar Histórias” o primeiro a teorizar sobre essa temática, pressupondo aqui uma leitura mais acadêmica, mas de maneira informal, dialoga com as experiências da sala de aula a importância de contar história na perspectiva do ensino-aprendizagem. Uma literatura de saberes.

A literatura enraizada nesse contexto se sustentou por muito tempo contando e encantando mundo a fora, porém, com o advento da tecnologia, contar e ouvir histórias foram perdendo seu espaço. Sobre isso, Benjamin (1987) mostrou uma preocupação ao afirmar que o ato de contar histórias na cidade já fora extinto e está em via de extinção no campo, sobre isso, diz

Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Essa extinção se deu por motivos de progressos tecnológicos, já que a invenção da imprensa surgiu para valorizar o texto escrito, e trazer o livro como o objeto de estudo no ensino-aprendizagem mais eficiente, assim a narrativa oral foi perdendo espaço.

Percebendo essa problemática, alguns pesquisadores da área da oralidade trouxeram contribuições diante da dinamicidade da fala e da escrita, de alguma forma mostram, diante das pesquisas, confirmarem que cada cultura tem seu espaço, a primeira tem sua técnica própria, a segunda também, as duas têm sua relevância na transmissão de saberes, e que na realidade não deveriam ser

⁵ Sobre esse autor mais informações em HARTMANN, Luciana. “ARTE” E A “CIÊNCIA” DE CONTAR HISTÓRIAS: como a noção de performance pode provocar diálogos entre a pesquisa e a prática. Moringa: artes do espetáculo. João Pessoa, V. 5 N. 2 jul-dez/2014.

analisadas sobre o aspecto dicotômico, pois são atividades discursivas que se complementam como bem resume Marcuschi (2007, p. 15) a “oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem sua história e seu papel na sociedade”.

Assim, notamos a crescente no final dos anos 90 e início dos anos 2000 a retomada das questões literárias, não só a literatura que fomentava os livros literários ao hábito à leitura, como também a literatura oral que retoma com força no cenário acadêmico, como incentivos e contribuições à herança da tradição oral.

Como exemplo, temos as contribuições da contadora de história e escritora Benita Prieto no Rio de Janeiro, a partir de 1999, onde idealiza o “Primeiro Encontro internacional de Contadores de Histórias” e com ele inicia-se o projeto do Simpósio Internacional de contadores de histórias – Um encontro para muitas vozes, que desde 2002 acontece anualmente em parceria com o SESC-Rio25. A autora intitulou-se como “pré-histórica” da contação de histórias, a mesma produziu o primeiro documentário sobre contadores de histórias no Brasil: “Histórias”⁴⁵.

O livro “Contadores de histórias: um exercício para muitas vozes”, organizado por Prieto em 2011, convida os leitores não a ler, mas em ouvir as histórias, pois as narrativas orais não se perderam na história, onde a importância em nosso tempo, disse a autora, “continua presente”. Preservando a memória, aproximando culturas, revelando crenças, valores, éticas, olhares, forma de ser e de estar no mundo. Onde passado, presente e futuro se entrelaçam (PRIETO, 2011). É um livro para ouvir.

O livro nos traz, numa das histórias, a presença da voz do escritor Affonso Romano de Sant’Anna que revela a audácia do homem em fazer história, e a importância da arte de contar histórias, nos conta:

Podemos avançar um pouco mais e dizer: o ser humano é não apenas um ser que conta histórias e ouve histórias, mas, sobretudo é um ser que faz história. Fazer história é a suprema audácia dos humanos. Os romancistas, os cineastas e os líderes sociais, por exemplo, operam isto mais claramente. Não se contentam em ser atores, querem também ser autores, protagonistas de seu tempo.

Portanto, somos seres irremediavelmente históricos.

Digo isto e penso: eis uma observação banal. Qualquer pessoa sabe disto, não é necessário ser um erudito para chegar a essa conclusão. Aliás, até os analfabetos, que alimentam seu imaginário de

contações de estórias, sabem disto. Então, por que fazer essa observação?

Primeiro por uma razão, digamos pleonasticamente, “histórica”. Ou seja, a contação de estórias passou a ser revalorizada de maneira notável nas últimas décadas, sobretudo a partir dos anos 1980. Uma diversificada bibliografia que permeia diversos ramos do conhecimento nos dá conta de uma verdadeira redescoberta da arte de contar histórias.

Isto está até mesmo nos consultórios psicanalíticos, que utilizam a “narratividade” dos clientes como estratégia de tratamento, aperfeiçoando o que Freud há uns cem anos já praticara quando adotou “a cura pela palavra”, revalorizando assim a palavra falada capaz de destravar neuroses e traumas.

E isto se tornou tão visível e notável que as universidades se voltaram para este fenômeno estudando o renascimento da contação de estórias em nossa cultura. Cursos de contadores de história se espalharam por todas as partes, ao mesmo tempo em que, paralelamente, curso sobre leitura, casa de leitura, secretarias de leitura e até mesmo Cátedras de Leitura (a exemplo da PUC–Rio) começam a ser criados nas universidades.

Quer dizer, a leitura e a contação de estórias não apenas estão na moda, mas estão irremediavelmente geminadas. (...) Nesse sentido, assim como nos últimos cem anos alardearam tantas mortes em nossa cultura – morte do autor, morte da arte, morte do homem, etc. – seria de se esperar que tivesse ocorrido a “morte” da arte de contar estórias.

Não ocorreu. Ocorreu o contrário.

De fato, a arte de contar histórias não morreu, ela estar viva nos terreiros dos contadores de histórias, nas escolas, nas universidades, nos encontros literários, nos hospitais, nas feiras de livros, nas feiras livres. Contar história é um ato de liberdade, é uma arte literária. Assim, trouxe o trabalho da dissertação para obtenção do título de Mestre da doutoranda Cristina Mielczarski dos Santos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Área de Literatura, realizada em 2013, intitulada A PONTE ENTRE A PALAVRA DA ALMA E A PALAVRA DO PAPEL – ESPITOLÁRIO FICCIONAL MIACOUTIANO.

Buscamos nas linhas dessa pesquisa uma contribuição a esse trabalho, por fazer uma análise de cinco romances do autor moçambicano Mia Couto e perceber que a representação escrita que é a palavra no papel que se dá através do gênero epistolar numa imbricação com a oralidade, a palavra da alma, visto posto que o autor Mia Couto seja um andarilho entre o oral e o escrito. As histórias africanas têm

a oralidade como uma característica cultural, por sua vez, usa a escrita como empréstimo, pois é europeia.

Mas adiantamos, que o nosso interesse pelo trabalho é a sua relevância na construção teórica de que o autor como sujeito da pesquisa utiliza a escrita para colocar no papel o que é dito, bem como faz uso das palavras no papel por causa do grande índice de analfabetismo que ainda insisti no seu país (África), mesmo sabendo que a tradição oral que vigora culturalmente nele não é baliza para a falta da apropriação das letras, mas acredita que as duas devam caminhar juntas, diz ele, “necessito tecer um tecido africano e só sei fazer usando panos e linhas europeias” (COUTO apud SANTOS, 2013, p. 15).

Cristina Mielczarski dos Santos inicia seus estudos com uma excursão pela África quando viaja por esse país através da literatura. Esmiúça desde as disciplinas que contemplam os estudos Africanos no Brasil a estudos literários que revelam a história do lugar. Assim chega às análises dos romances do autor Mia Couto, por ser de Moçambique – África, e trazer nesses livros o uso da prática social da leitura e escrita contemplando as cartas, bilhetes, diários, cadernos de anotações, gêneros que trazem a voz dos sujeitos para o papel. A pesquisadora ressalva que a escrita é presença constante para o autor, diz ela: “seja como motivo, seja como tema, seja como elemento de composição” e que mesmo sendo herança do Império europeu, ele não a usa como fator de dominância, mas como outro meio de permanência, já que para a cultura africana a oralidade também perpetua de geração a geração (SANTOS, 2013, p. 13).

O escritor, diz a pesquisadora, é considerado um pós-colonial, “soube escutar” sua gente e transpor num papel, num “tecido intertextual”, sai do oral para o escrito, da palavra da alma para a palavra no papel, pois na “literatura africana a escrita apodera-se dos motivos privilegiados nos textos tradicionais orais” (SANTOS, 2013, p. 67).

O capítulo 2 do seu trabalho traz de fato a carta como um gênero epistolar de certo modo usado por Mia Couto para capturar as vozes do cotidiano moçambicano. A autora analisa cinco romances do escritor fazendo a ponte do oral para o escrito, pois nas missivas analisadas as personagens recorrem à escrita para dar vozes a

um diálogo que fora “interditado”, daí inicia a interlocução pela escrita, também a mesma é vista como porta de entrada para manter as relações das personagens, ainda vivifica as vozes dos antepassados, fala pela palavra no papel os gritos subalternos. A palavra da alma corre pelo papel, “escrevo, excelência, quase por via oral”.

A autora no seu percurso trouxe outros gêneros, além da carta, que aparecem nas obras de Couto, como os cadernos de anotações e diários de bordo, onde os protagonistas que se apropriavam das letras e as usavam como meio de libertação e de denúncia, contavam tudo no papel, anotavam tudo que escutavam. “A tinta no papel era a saliva dos já extintos” (SANTOS, 2013, p.112). E busca na análise das personagens do escritor, o elo do oral à escrita, mãe e filha, personagens fortes do universo feminino moçambicano, a primeira teve contato com as primeiras letras escritas na areia, “a terra tinha sido seu quadro-negro, o quintal tinha ido a sua escola”, a segunda uma educação formal, num seminário, numa missão católica. Para Santos, por intermédio dessas duas personagens, há um entrelaçamento entre a oralidade e a escrita.

Ainda percorrendo sobre as obras e os heróis, a pesquisadora traz mais uma vez a voz de Mia Couto numa personagem, ao afinar silêncios, usava cartas para transpor o que a fala não conseguia, diz a autora, “a escrita nesse sentido é o local onde a voz pode se soltar já que a aptidão para a oralidade não era satisfatória para de fato contemplar o vazio que existe no interior do personagem” (SANTOS, 2013, p. 129). Ler o que está escrito é também motivo de poder, “uma sensação de empoderamento” para uma das protagonistas nas obras analisadas. Escrever através de um gênero epistolar é assegurar uma voz que não pode ir, uma presença na ausência. Assim, a palavra da alma se faz verbo na palavra do papel.

Nesse trabalho científico dos estudos literários de algumas obras do escritor Mia Couto, percebe-se a sua relevância para com a nossa pesquisa, pois mesmo não se aprofundando de modo conceitual na relação das práticas sociais, da oralidade e do letramento, abordagem que nos interessa, a pesquisadora traz no seu discurso as concepções de Brian Street (2014) quando nos propõe a contemplar os estudos da relação fala e escrita no contexto das práticas de letramento e nas relações de poder

que tenciona nas sociedades, pois para Street, seriam as personagens analisadas nos romances de Mia Couto sujeitos de persistência e criatividade, seriam então sujeitos ideológicos⁶, por se apropriarem das práticas letradas, através das epístolas, indicam “os aspectos não só da “cultura” como também das estruturas de poder” (STREET, 2014, p. 172).

E isso muito nos interessa, por isso, achamos oportuno fazer essa ponte com a Literatura, pois traz acréscimo à nossa pesquisa.

2.3 NO LEITO DA EDUCAÇÃO – uma paisagem no fim da travessia

Percebe-se que mesmo diante de uma cultura escriturística, muitas comunidades preservam a tradição da prática de contar histórias. A comunidade (lócus dessa pesquisa) vê nos contadores de história (agentes) a possibilidade de preservar a tradição oral. Assim, há uma ênfase tanto na fala como na escuta. A oralidade tem presença marcante. Desse modo, faz com que muitas instituições formais também tratem dessa modalidade como prática constante da sua rotina, especialmente nas escolas, pois esses agentes são reconhecidos como àqueles que mantêm a memória cultural viva da localidade. São personagens ilustres. Há visivelmente na escola um trato pedagógico na contemplação do uso da língua quando reconhece a oralidade como uma competência nos estudos linguísticos, tão importante quanto o escrito.

Assim, no viés da educação, encontramos uma pesquisa salutar para essas discussões. O artigo **Letramento e Oralidade: uma abordagem etnográfica dessas práticas sociais em Teresina- PI** (2012) da professora Lília Brito da Silva da Universidade Estadual do Maranhão, traz uma contribuição no sentido das práticas sociais de oralidade e de letramento onde faz uma reflexão usando o modelo etnográfico para dar conta dessas práticas através da pesquisa participativa, assim ela analisa, descreve e caracteriza tais práticas numa escola e numa comunidade que recebe atendimento dessa escola em Teresina-PI.

⁶ Brian Street usa esse termo não em seu antiquado sentido marxista de “falsa consciência” e dogma simplório, mas no sentido empregado por grupos “radicais” dentro da antropologia, sociolinguística e dos estudos culturais contemporâneos, em que a ideologia é o lugar de tensão entre autoridade e poder, de um lado, e resistência e criatividade individual, do outro (2014, p. 173)

A pesquisadora estudou as práticas de letramento realizadas na escola e como essa instituição faz uso da oralidade, e faz uma comparação com as práticas sociais de escrita e oralidade fora do espaço escolar com pessoas que moram numa comunidade, como elas interagem linguisticamente nos diversos contextos.

Desse modo, a autora enfatiza que a variedade culta em nossa sociedade é erroneamente utilizada como modelo para os usos que fazemos da língua falada, como é, inclusive, ensinado na escola no ensino de língua materna. Aborda que a escola reafirma esse caminho, quando institui a variedade padrão (culto) como a única legítima, unificando assim a nossa língua, negando a variedade linguística, inculcando a norma culta como a única variação aceitável na Língua Portuguesa.

Por isso, disse a pesquisadora, as práticas reais de letramento e de oralidade que os alunos usam na sua comunidade não são consideradas no espaço escolar durante o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Para ela, a escola erra ao desconsiderar a oralidade e letramentos adquiridos no percurso da vida pelos sujeitos nos diversos contextos sociais.

Já na pesquisa que realizamos percebemos os sinais de aceitação dessas práticas na escola, a qual é o lócus da investigação, onde esse espaço escolar desenvolve muitos projetos pedagógicos na perspectiva de valorização da cultura local, inclusive discute as questões de oralidade e sua importância na formação linguística dos alunos.

Na pesquisa realizada por Lília Brito a comparação que faz em dois espaços se mostra importante, pois ao analisar nas aulas de Língua Portuguesa como são trabalhadas as práticas orais e de letramentos, faz um comparativo de como elas também são realizadas fora da escola, em outros eventos de oralidade e de letramentos. O que eles fazem da língua oral e escrita dentro e fora da escola. A pesquisa mostra também um panorama da escola, sendo esta da Rede Estadual, bastante precária, e do bairro, que está inserido num contexto de violência, com muitas famílias carentes.

A autora deixa claro o porquê de ter usado o método etnográfico, pois para ela, este método lhe possibilitou a descrição e análise dos fatos pouco conhecidos, e também este método tem se mostrado bastante proveitoso no campo socioeducacional.

Assim, manteve contato com os indivíduos da pesquisa em várias situações comunicativas, manteve-se sempre presente para obter melhores resultados.

Ela traz argumentos de que a oralidade por muito tempo foi descaso para ser contemplado nos currículos escolares, pois havia uma dicotomia entre a oralidade e a escrita, onde esta última tinha maior valia no cenário educacional, muito superior à fala. Mas temos atualmente outro cenário, pois acreditamos que a oralidade e o letramento são atividades interativas e se complementam no contexto das práticas sociais e culturais. Essa interação, sem dúvidas, traz uma grande contribuição no ensino da língua materna.

Pesquisar eventos de letramentos e eventos da oralidade em contextos diferentes permite ao pesquisador chegar a algumas conclusões. A pesquisa realizada por Lilia Brito chegou a alguns resultados interessantes no cenário escolar, como:

- Os alunos da pesquisa em questão não são estimulados a realizarem na aula de Língua Portuguesa usos diversos da escrita e não são preparados para lidarem com a diversidade de usos da escrita, não fazem uso de atividades que incentivam a oralidade e os usos que os alunos fazem cotidianamente da oralidade não são aproveitados no ensino de Língua portuguesa, pelo contrário, são reprimidos pela escola, conforme depoimentos das próprias professoras;
- Notou-se também que não há práticas de letramentos, apesar de a escrita ser o fio condutor de todas as aulas, mas não asseguram a prática social da escrita, os alunos são meros copistas, nem sabem o porquê que estão escrevendo.

De certo que ficamos perplexos com essa conclusão, ao constatar que as atividades são ainda fragmentadas, com alunos tendo que dar conta apenas dos conteúdos conceituais. E essa não é a proposta para, conforme os discursos dos projetos políticos pedagógicos das escolas, tornar os alunos críticos e reflexivos, para isso, é sem dúvida, empreender práticas de letramentos e práticas de oralidades nesse contexto formativo.

Já nos eventos da comunidade, no bairro onde fica localizada a escola, a pesquisadora chega a outras conclusões:

- No evento de um jogo de futebol na quadra esportiva do bairro os participantes fazem uso constante da oralidade, predominando a comunicação verbal. Todo o evento do jogo de futebol foi realizado por meio da comunicação oral. Foi observado que nesse evento de oralidade se difere do uso da norma culta;
- A variação utilizada pelos participantes desse evento de oralidade difere completamente da norma culta, mas o evento realizado não exige a utilização dessa norma, por se tratar de um momento de lazer, acrescenta ainda ela que os jovens e os adultos presentes no evento descrito conseguiram realizar de modo eficiente esse evento de oralidade;
- Ela observou também que as pessoas do bairro estão a todo instante envolvidos nas práticas de letramentos, desde a venda de jornais, nas leituras e negociações, controles de mercadorias com registros nos cadernos; na missa ao se orientarem por textos escritos; nas residências onde a mesma descreve um momento do uso da escrita pelo morador da casa, preocupado em registrar sua história de vida, mostrando que a escrita também é um meio eficiente para manter a comunicação; mostra também o uso da escrita para os registros em agendas telefônicas, em avisos, em blocos de anotações, as listas da feira, o registro das contas mensais da casa.

Um trabalho bastante relevante para a contribuição no âmbito educacional. A pesquisadora traz o ensino da língua portuguesa no viés da Sociolinguística comprovando que o que é dito lá fora deve ser considerado dentro da escola para que os alunos estabeleçam uma relação do que é ensinado na escola com a sua vida real, porém a mesma observou nas suas participações nas aulas de português que somente a norma culta é privilegiada, e que a prática da escrita tem domínio sobre a oralidade. O que é uma pena.

2.4 DO OUTRO LADO DA MARGEM – sistematizando o conhecimento

Tendo em vista as contribuições das áreas aqui exploradas, busquei sistematizar o conhecimento no percurso de cada uma delas. Poderia traçar outro caminho. Talvez fosse o mais viável. Acredito até que seria mais lógico, ou o mais padrão. De fato, o caminho da pesquisa científica se constrói padronizações para serem seguidas. Fui desobediente. Uma desobediência epistêmica? Talvez. Preferi atravessar a fronteira e chegar às margens me valendo da multidisciplinaridade, pois sistematizei o conhecimento buscando nas fontes da Linguística, Literatura e da Educação, uma justaposição de ideias, ou seja, bebi nessas fontes para tratar da temática, a oralidade e o letramento na intenção de fomentar a pesquisa em curso. Pois bem, “a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda, é num ponto muito mais embaixo, bem diverso em que se pensou”, disse Guimarães Rosa.

Nesse ponto, recorri às valorosas orientações da Linguística, não vista no viés do estruturalismo, mas que trata a língua demandada de uma sociedade. Onde a fala se mostra no dia-a-dia de modo tão constante tanto quanto a escrita, porém as duas se valem do mesmo prestígio social. É preciso contemplar o uso da língua para desfazer o equívoco da dicotomia, fala versus escrita, e nos permitir para além dessa perspectiva, pois a visão dicotômica “tem o inconveniente de considerar a fala como o lugar do erro e do caos gramatical”, onde a escrita tem um lugar de excelência no uso da língua (MARCUSCHI, 2001). Tratamos aqui como fenômenos da fala e da escrita (fatos linguísticos) que se manifestam nas práticas sociais enquanto oralidade e letramento.

Ainda, achei por bem, navegar nas águas da Literatura, na certeza que esta comunga com nossas abordagens. Observei em estudos relevantes que nos permitiu degustar em contos literários as análises da presença marcante da oralidade e letramento. Tendo em vista que a palavra da alma (a oralidade) e a palavra no papel (a escrita) estão imbricadas em situações reais do uso da língua. A linguagem é a matéria prima da literatura. O artista trabalha com a palavra, carregada de significados. Desse modo, as vozes ecoam nas páginas dos livros literários, nas histórias, antes contadas oralmente, agora lidas nas letras marcadas no papel.

Também, ao observar o tratamento da oralidade e do letramento nos espaços formais, na escola, trouxe noutra paisagem as considerações da Ciência da Educação. Lembrando aqui, que para o professor Catedrático António Nóvoa (1996, p. 83) “as ‘novas’ Ciências da Educação devem integrar as diversas racionalidade, não caindo no totalitarismo da exclusão, mas antes na afirmação da diversidade e do pluralismo”. Nesse sentido, o quanto foi salutar observar em pesquisas no âmbito educacional investigações nas práticas educacionais referentes ao uso da língua, num comparativo, como se aborda os fatores linguísticos e suas práticas como fator social na escola e/ou fora dela. Como a escola interage com as práticas da oralidade e da escrita.

Assim, nessa travessia, busquei chegar à margem com um conhecimento sistematizado através das trocas de ideias, da Linguística, Literatura e Educação, que de certa forma não foi fácil, a dúvida fez parte constante nessa viagem. No entanto, nessa troca, tive a certeza de que como seres sociais, usufruímos da língua numa ação dialógica, onde o letramento e a oralidade são vistas, ou melhor, vividas nos contextos formais e informais do cotidiano. E que essas práticas são dinâmicas e não estanques e nem dicotômicas.

Passemos adiante para o próximo capítulo a fim de discutirmos as contribuições de duas tradições intrínsecas à sociedade. A Tradição oral e a Tradição Escrita. Nossa intenção é mostrar um grande encontro. Sigamos na travessia.

3 DA TRADIÇÃO ORAL À TRADIÇÃO ESCRITA

Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo de Sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – é só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza da atenção.

Guimarães Rosa

Nesse grande Sertão, em pequenas veredas, nos deparamos com muitos traços culturais, sendo que um deles é o ato de contar histórias. É uma tradição nessas “veredazinhas”. As narrativas orais estabelecem um elo entre a imaginação e a memória individual e coletiva do homem, e nesse emaranhado de enredos, entende-se que a tradição é preservada. Diante da capacidade imaginativa do homem se tecem às histórias, e se amarram nas memórias dos contadores, se entrelaçam na imaginação dos escutadores.

Não tratamos aqui apenas de histórias de uma “memória individual”, com suas lembranças de infância, apenas, mas de histórias que perpassam geração, com a evocação do outro, de uma “memória coletiva” que para Halbwachs

um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade (HALBWACHS, 1990, p.54).

Nessa concepção, notamos que é necessário ao retomarmos velhas histórias pedirmos emprestados fatos ocorridos, que não presenciamos, mas que pela confiança no outro, por ele ter vivido tal acontecimento, vai passando, pois o que foi dito e não foi escrito nas gerações passadas se tornam fontes de memórias, sendo estas individuais ou coletivas e que só aqueles arraigados com esse dom vão transmitindo de geração a geração, e com seus contos encantam por onde passam, envolvem a quem escuta.

O ato de contar histórias se faz com a participação do outro, o outro que escuta, imagina, acredita. O ato de contar histórias está na raiz da humanidade. As narrativas orais mantiveram a comunicação entre os homens. Em Gênesis, o

primeiro livro das Sagradas Escrituras, é narrado a origem do mundo e da humanidade, uma história belíssima, não tem o reconhecimento científico, mas todo cristão nessa história confia, e para que ela não se perdesse no passado recorreu à escrita, da oralidade à escrita, se fez verbo. Muitas histórias se encontram na memória do contador, e não só a sua voz escutamos, mas seu jeito, trejeitos, olhares, escutamos a vibração do seu corpo. Numa sociedade de tradição oral a voz se corporifica. Os poetas medievais davam vida à voz. Palavras ditas corporificadas na imaginação. Louis Calvet, na sua obra *Tradição Oral e Tradição Escrita*, 2011, se rebela contra o provérbio “Verba volant, Scripta manent”, “As palavras voam, os escritos permanecem.” Para ele as palavras não voam, elas permanecem. Elas permanecem na memória do contador. Permanecem na imaginação do escutador. Um ditado que remete preconceito e dissemina a inferioridade da oralidade e superioridade da escrita. Essa concepção ideológica traz atrito entre duas culturas, forjando uma luta entre “povos civilizados” os que têm propriedade da escrita contra os “selvagens” desprovidos da mesma. Lembrando aqui que toda sociedade de Tradição escrita já foi uma sociedade de Tradição oral. Calvet sobre isso afirma que

Todas as sociedades de tradição escrita foram, em um momento de sua história, sociedade de tradição oral. Os falaram antes de escrever (a melhor prova disso está em que se estuda o nascimento da escrita) e organizaram sua sociedade em função da fala. Mas esses vestígios testemunham também o fato de que todas as sociedades de tradição escrita conservam uma parte de oralidade, e que essa parte não é, não pode ser considerada como um corpus fóssil (CALVET, 2011, p. 140).

Esse mesmo autor mostra que há lugar para as duas culturas, e que uma não pode e nem deve sobrepor a outra. Há de uma precisar da outra, sem pressão. Para a Tradição oral a força está na fala, enquanto que para as sociedades de Tradição escrita está no texto. A primeira não está registrada em livros, mas sim na memória social. A segunda governada por leis, tratados e documentos.

Apesar das duas terem formas linguísticas estruturadas uma pela audição e a outra pela visão, não se fecham em si, há possibilidades de que uma se encontre na outra. Calvet (2011, p.10) para simplificar tipologicamente esse leque de possibilidades reduz a quatro casos específicos das sociedades de Tradição oral e Tradição escrita, sendo que o autor as classifica em quatro tipos de sociedade, sendo, dois tipos de sociedades de tradição escrita antiga, as sociedades de

tradição oral e as sociedades em que a prática alfabética foi introduzida recentemente, são elas:

1. *As sociedades de tradição escrita antiga*, que segundo o autor a língua escrita se dá também na comunicação oral cotidiana, sendo este caso mais específico das sociedades europeias;
2. *As sociedades de tradição escrita antiga*, nesse caso a língua escrita não é usada na comunicação oral cotidiana, mais específico nos países árabes, onde se escreve o árabe clássico e se fala o árabe dialetal;
3. *As sociedades nas quais se introduziu recentemente a prática alfabética*, esses países foram os colonizados;
4. *As sociedades de tradição oral*, sendo, ressalva o autor, que “ a ausência de tradição escrita não significa, de maneira alguma, ausência de tradição gráfica.” Nesse caso, a manutenção do registro se realiza na memória social.

Ressalvando, apenas o quarto caso, onde é destacado que a ausência da tradição escrita nas sociedades de tradição oral não significa a ausência de tradição gráfica, diz ele que

em muitas sociedades de tradição oral, existe uma picturalidade muito viva, nas decorações dos potes e cabaças, nos tecidos, nas tatuagens...e mesmo que sua função não seja, como no caso do alfabeto, ela participa da manutenção da memória social. (CALVET, 2011, p. 10).

Nesse caso, vimos que muitas culturas se valem da pintura, dos riscos, rabiscos para manterem a comunicação. Com seus registros pictóricos reproduzem de maneira simplória o ato comunicacional. Assim, é relevante lembrar alguns exemplos picturais: a cultura indígena usa características diferentes de grupos para grupos, traz uma particularidade nas pinturas dos pratos, vasos e esculturas de barros, também na arte corporal, os desenhos é uma maneira de se expressar de forma individual e única de cada grupo indígena, possuindo diversos significados e motivos pelo seu uso; na Arte rupestre, onde as representações artísticas pré-históricas foram realizadas em paredes, tetos e outras superfícies de cavernas e abrigos rochosos se deram através de pinturas, com pigmentos e gravuras gravadas nas rochas.

Nesse contexto, trazemos as especificidades entre as duas Tradições, não na perspectiva dicotômica, que tradição oral e tradição escrita são apresentadas como tradições opostas, mas sim na perspectiva dialógica, em que as tradições se manifestam em um contínuo de interfaces ao longo da história no plano da representação linguística e no plano das performances. Lembrando aqui das narrativas orais que necessariamente não precisam da escrita para continuar, mas também não a exclui. E tomando as palavras de Câmara Cascudo (1984, p.16) "Verifiquei a unidade radicular dessas duas florestas separadas e orgulhosas de sua independência exterior".

Nesse sentido, vamos tratar aqui essas tradições nas modalidades da oralidade e do letramento, vistas como práticas sociais, pois ao falar e escrever, ler e ouvir nos portamos como seres sociais. Há, nesse sentido, um ato dialógico. As duas se constroem em contextos, formais e/ou informais, na cotidianidade (MARCUSCHI, 2007, p. 10). De forma que a perspectiva dicotômica da relação fala e escrita e da oralidade e letramento não é útil para o quadro de pressupostos propostos para essa investigação.

O desafio, aqui, pressupõe uma ação de mostrar que as duas modalidades, para além da fala e da escrita, concebem o empoderamento das práticas situadas em contextos sociais. Representam realidades que naturalmente se diferem, mas que se completam. Num tribunal, juízes, advogados, réus, jurados, todos envolvidos numa prática de letramento, porém o evento se realiza de modo oral. Os documentos usados no discurso jurídico se entrelaçam de tal modo, que o que está escrito, de fato será dito, esclarecido. Imbuído de vozes, as letras ressoam.

Letramento, como prática social se situa nos domínios discursivos. Inerente à escrita. O letramento inclui e empodera. Realiza-se para além dos espaços formais, em contextos sociais diversos. A oralidade por sua vez, caracterizada pela fala, é uma prática social, se realiza nas atividades corriqueiras. Falar, ouvir, compreender. Habilidades que vão sendo desenvolvidas em contextos sociais. Como incita Street (2014, p. 41), lançar o foco para o caráter ideológico contextualizado, nos "diferentes letramentos", ou seja, ler, escrever e falar. Para Brian Street (2014), a Oralidade e o Letramento devem ser tratados sob a perspectiva do modelo ideológico, para não se

colocar uma acima da outra, como o mesmo autor alerta, especialmente com o que aconteceu com o letramento visto como sinônimo de progresso, isso manifestada numa cultura ocidental. O modelo ideológico vê as práticas de letramentos intrínsecas às estruturas culturais e de poder da sociedade, reconhecendo as práticas culturais do oral e do escrito. Não se realiza aqui apenas a aquisição meramente da escrita, mas a sua relevância em usá-la, do mesmo modo, a fala, não sendo tratada apenas como um material linguístico, mas no viés das práticas discursivas. É preciso inserir discussões da relação fala e escrita no contexto das práticas de letramento e nas relações de poder.

Sobre o modelo ideológico, Street esclarece ao desfazer as possíveis generalizações criadas sobre o letramento, sendo que

Um modelo “ideológico”, por outro lado, força a pessoa a ficar mais cautelosa com grandes generalizações e pressupostos acalentados acerca do letramento “em si mesmo”. Aqueles que aderem a este segundo modelo se concentram em práticas sociais específicas de leitura e escrita. Reconhecem a natureza ideológica e, portanto, culturalmente incrustada dessas práticas. O modelo ressalta a importância do processo de socialização na construção do significado do letramento para os participantes e, portanto, se preocupa com as instituições sócias gerais por meio das quais esse processo se dá, e não somente com as instituições “pedagógicas”. Ele distingue as alegadas consequências do letramento de sua real importância para grupos sociais. Trata com ceticismo as declarações de pedagogos liberais ocidentais sobre a “abertura”, a “racionalidade” e a consciência crítica daquilo que ensinam e investiga o papel de tal ensino no controle social e na hegemonia de uma classe dominante. Concentra-se na sobreposição e na interação das modalidades oral e letrada, em vez de enfatizar uma “**grande divisão**”. (STREET, 2014, p.44, grifo nosso)

Então, a ideia aqui, é quebrar as amarras da “grande divisão” e como desafio, estabelecer uma ligação entre as duas modalidades, o oral e a escrita, no arcabouço do ideológico, como lugar de interação e tensão, manifestadas no uso da língua.

Deste modo, achamos por bem adentrar nesse grande sertão vereda, e sem receio, discutir mais um pouco sobre as narrativas orais e o letramento na abordagem intercultural.

3.1. AS NARRATIVAS ORAIS

“Se deu há tanto tempo, faz tanto,
imagine...” **Guimarães Rosa**

Para contar fatos, acontecimentos e histórias reais ou imagináveis de modo oral, nos valem das narrativas orais. Então narrar é uma atividade linguística que incorpora o cotidiano dos sujeitos, é, pois uma forma de linguagem.

E nessa situação de comunicação oral se concretiza a interação, no encantamento de contar e ouvir as histórias. Para Busatto, contar histórias envolve várias situações, quem narra se envolve como o ouvinte, diz ela

Conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para a nossa existência e reativar o sagrado (BUSATTO, 2003, p. 45/46).

E nesse horizonte, as narrativas orais são de excelência produto da cultura humana. As narrativas orais estão presentes desde o início da história da humanidade se misturando entre as culturas. É uma “arte artesanal”, como ressalva o filósofo alemão Walter Benjamin (1994, p. 205). Esta arte faz parte de artesãos que assumem a vez, e assim usam a voz e a performance para mergulharem nas suas narrativas e logo emergir com esse encanto.

3.1.1 A vez, a voz, a performance dos narradores

Na voz do contador, há um corpo que fala, nos seus movimentos, entendemos que as narrativas orais se entrelaçam e se corporifica na performance do narrador. O contador é, pois, um artesão, que através da linguagem ultrapassa o poder racional e nos envolve num ato de criatividade. A narrativa oral floresce na arte.

Benjamin sobre a narrativa diz que

durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade – é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Nossos artesãos contadores de histórias moram no campo, na zona rural, onde com o dom de narrar, preservam uma tradição, tecem uma rede que deleita os escutadores, suas narrativas perpassam de geração a geração por ter sido tecida com fios-palavras escolhidos com esmero, cuidado, que só um artesão sabe escolher, assim, imprime sua marca de narrador.

Por onde os contadores de histórias passam deixam marcas. Nessas marcas percebemos a voz, a voz mansa, calma, carregada de saudosismo. Uma “voz simbólica”, como ressalva Paul Zumthor. Sobre isso o referido autor esclarece a diferença entre oralidade e voz, diz ele: a “oralidade” é uma abstração; somente a voz é concreta, apenas sua escuta nos faz tocar as coisas (ZUMTHOR, 1993, p.9). Nesse sentido, a voz não é sinônima de oralidade, perpassa pelos elementos linguísticos da comunicação, torna viva a voz na fala. A voz tem sua “força nômade”. É movimento, é passagem. “A voz ultrapassa a palavra”. “A voz se diz enquanto diz.”

Sobre a voz, de modo poético, Zumthor afirma

A voz jaz no silêncio do corpo como o corpo em sua matriz. Mas, ao contrário do corpo, ela retorna a cada instante, abolindo-se como palavra e como som. Ao falar, ressoa em sua concha o eco deste deserto antes da ruptura, onde, em surdina, estão a vida e a paz, a morte e a loucura. O sopro da voz é criador (ZUMTHOR, 1997, p. 12).

Nesse contexto poético, há um liame entre a voz, oralidade e performance. A oralidade se difere em três tipos, de acordo com as três situações de cultura tratada por Paul Zumthor na poesia medieval. Conforme a classificação do autor, portanto, o primeiro tipo é a *oralidade primária e imediata*, que não está presente na escrita e se encontra na sociedade ágrafa. Uma cultura desprovida de sinais gráficos, grupos sociais isolados e analfabetos. O segundo e o terceiro tipos se dão no seio de um grupo social que é influenciada pela escrita. A segunda chamada de *oralidade mista* permanece externa, parcial e atrasada em relação à escritura, para o autor esta classificação procede da existência de uma cultura “escrita” por já possuir a escritura; já a terceira classificação chamada de *oralidade segunda* se dá nas bases da escrita, mas só depois que é esgotada os valores da voz no uso e no imaginário, esta pertence à cultura letrada, onde em cada dito a escrita está inserida, ou seja, toda expressão é marcada pela escrita. (ZUMTHOR, 1993, p.18). A performance,

por sua vez, como presença viva de um corpo se concretiza também no outro que escuta. Nesse ato de comunicação poética há uma presença corporal do intérprete e do ouvinte, num envolvimento para além da audição, se concretiza também, pela visão e numa sinestesia. Paul Zumthor, ao tratar na sua obra “Performance, Recepção, Leitura” que foi traduzido por Jerusa Pires⁷, em 2007, traz uma valorosa contribuição nas suas pesquisas com “os praticantes da voz”, passando pela Europa e América, presencia as histórias contadas pelos Griôs, recitantes, e até os repentistas brasileiros. As suas conclusões se fundamentaram nas pesquisas empíricas, afirmando que “a performance é o único modo vivo de comunicação poética”.

Um momento de comunicação poética, onde a presença de corpos, intérprete e ouvinte, se realiza num envolvimento de elementos sensoriais. Assim, há também uma recepção. Sobre isso, o autor aborda que entre a recepção e a performance não há oposição, e esclarece que

Recepção é um termo de compreensão histórica, que designa um processo, implicando, pois, a consideração de uma duração. Essa duração, de extensão imprevisível, pode ser bastante longa. Em todo caso, ela se identifica com a existência real de um texto no corpo da comunidade de leitores e ouvintes. Ela mede a extensão corporal, espacial e social onde o texto é conhecido e em que produziu efeitos: “a recepção de Shakespeare na França, no século XVIII...” (ZUMTHOR, 2007, p. 50).

Nesse contexto, a performance está no ato e no jeito de comunicar e não necessariamente no conteúdo, no que está sendo dito. O narrador usa o timbre da voz, a fala mansa, a rouquidão, os gestos, trejeitos, num momento privilegiado, numa interação com o outro, o outro que escuta, que recebe, que se encanta, numa recepção.

Assim, como bem iniciamos com Walter Benjamin, notamos essa “arte artesanal” nos narradores, que corporifica na sua voz uma abstração oral, com sua performática, implicado num momento, numa duração. Na África, quem pratica a arte artesanal de contar histórias são os Griôs. E para eles o contador de histórias é um

⁷ É ensaísta e professora de literatura e comunicação social. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Jerusa_Pires_Ferreira. Acesso em 15 de Abril de 2015.

“saco de falas”, nesse continente, um velho que morre é uma biblioteca que se incendeia (CALVET, 2011, p. 55,).

Aqui, os nossos contadores praticam essa arte artesanal com seus causos, enredos, anedotas, que agradam àqueles que escutam, são reconhecidos por onde passam. Contam e recontam, criam e recriam. Deixam suas marcas. Sua voz. Em diferentes situações de performance. Os narradores são populares. As suas histórias, também.

3.1.2 Causos populares: que causos são esses?

Como definir o grau de popularidade? Quem define se as músicas, poemas, histórias são populares? Seria então porque são repetidas em coro, porque há uma adesão?

Alunos da Universidade da Bahia – UNEB do campus Juazeiro/BA, no ano de 1998, sob a coordenação da Professora Maria da Conceição Hélio, coletaram histórias populares da região de Juazeiro, onde afirmam que “o conto popular contém dados imediatos e variados da realidade social, dizem muito sobre o modo de vida dos povos” (HÉLIO, 1998, p.10), logo notamos nas narrativas esse modo de vida, essa realidade, percebemos que as temáticas perpassam pela autoridade masculina que os homens exercem na família e sociedade, para reafirmar o quanto os mais velhos (em especial os homens) eram severos e ou ignorantes, pois um pai de família tinha que mostrar rigidez e autoridade diante dos filhos e esposa, e até com eles mesmos.

Nesse sentido, percebemos que os causos contados nos terreiros dos quintais, nas calçadas, numa noite de calor que reúnem famílias, vizinhos e amigos para ouvirem esses enredos que perpassam pelo dia a dia de todos, assuntos bastantes populares. São experiências vividas pelo narrador/contador de histórias. Benjamin (1994, p. 201) esclarece que o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. Assim, as histórias, os causos, enredos tornam-se populares.

A poesia oral, uma história em versos, por exemplo, foi tratada como poesia popular até a metade do século XX e “se tornou objeto de uma investigação folclórica, no qual eram observados costumes, sincretismo religioso, origem étnica ao passo que o

valor poético descaracterizava-se em meio ao caldo heterogêneo da cultura popular" (ZUMTHOR, 1997, p.22).

Diante do exposto, poderíamos pressupor que a poesia popular, os cantos, os contos populares se dão na produção folclórica? Câmara Cascudo (1984, p. 24) sinaliza a diferenciação entre Folclore e Produção Popular. "A literatura folclórica é totalmente popular, mas nem toda produção popular é folclórica". Afirma ainda o autor, que os elementos característicos do Folclore se realizam na Antiguidade, Persistência, Anonimato e Oralidade. "O folclore decorre da memória coletiva, indistinta e contínua. Tornar-se-ão folclóricos quando perderem as tonalidades da época de sua criação". Mesmo que a produção popular não se encontre no folclore da região é certo que ela deva ser preservada.

A propósito, saliento nesse espaço, algumas considerações sobre o Folclore que a Comissão Nacional de Folclore do Brasil elaborou numa carta. A Carta Brasileira de Folclore⁸ que diz sobre "a importância do folclore como parte integrante do legado cultural e da cultura viva, é um meio de aproximação entre os povos e grupos sociais e de afirmação de sua identidade cultural".

O Capítulo I dessa Carta traz o conceito de Folclore em consonância com a UNESCO que diz

Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora se entendendo que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos.

⁸ O VIII Congresso Brasileiro de Folclore, reunido em Salvador, Bahia, de 12 a 16 de dezembro de 1995, procedeu à releitura da Carta do Folclore Brasileiro, aprovada no I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, de 22 a 31 de agosto de 1951. Esta releitura, ditada pelas transformações da sociedade brasileira e pelo progresso das Ciências Humanas e Sociais, teve a participação ampla de estudiosos de folclore, dos diversos pontos do país, e também teve presente as Recomendações da UNESCO sobre Salvaguarda do Folclore, por ocasião da 25ª Reunião da Conferência Geral, realizada em Paris em 1989 e publicada no Boletim nº 13 da Comissão Nacional de Folclore, janeiro/abril de 1993.

Diferente desse contexto, trazemos os contos populares ou “causos populares”, não como produções folclóricas, são narrativas contadas de geração a geração. Algumas não se sabem o autor, outras se conhecem as fontes. Esses causos podem ser aumentados ou modificados, depende de quem vai contá-los. Diante desse cenário, as histórias se mantêm vivas na memória dos contadores, pois as mesmas não são escritas, estão inseridas na tradição oral desse povo.

Os causos aqui pretendidos à pesquisa são contos que abordam a temáticas relacionadas à vida dos contadores e dos escutadores, geralmente essas narrativas falam de relacionamento familiar, sobre tudo a autoridade masculina na figura do pai, de crenças que os mesmos acreditam, de honestidade, trazem ensinamentos, mas divertem e alegram àqueles que fazem parte desse enredo. Perpassam, nesse contexto, por narrativas populares arraigadas de vivências, experiências, movências.

A narrativa popular foi vivenciada por Câmara Cascudo (1984, p. 16) nas primeiras décadas do século XX, entre duas literaturas. A Literatura oral, do povo, advinda de uma cultura popular, e a outra, a Literatura Escrita (Oficial) de uma cultura letrada, erudita.

Segundo o autor, na sua experiência provinciana, cantou, dançou, viveu como os outros meninos sertanejos do seu tempo e vizinhança, sem notar a existência de outros cantos, outras danças, uma vida para além da sua. Porém, transitou pelas duas literaturas, podendo assim de fato distinguir o que era do povo e da erudição. "Voltando a Natal, fui para o curso secundário e pude ver a diferença entre as duas Literaturas, ambas ricas, antigas, profundas, interdependentes e ignorando as pontas comunicantes." (CASCUDO, 1984, p.16)

Assim, o autor envereda pela Literatura Oral, nas poesias, contos, mitos, lendas, registrando tudo, através de suas produções intelectuais e uma das suas obras foi o Dicionário do Folclore Brasileiro. No citado DFB, Cascudo chama o Conto Popular de documento vivo – “primeiro leite intelectual”. Ainda sobre conto popular exprime

O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões, julgamentos. Para todos nós é o primeiro leite intelectual (CASCUDO, 1984, p. 236).

Nesse leite derramado não se chora, se lambuza, delicia-se. Derrama primeiro no chão dos terreiros nas noites de lua cheia. A tradição de contar história inicia na boquinha da noite, por que há um perigo se contar de dia, é certo, “cria rabo”, àquele que se atrever a derramar esse leite no clarão do dia será infeliz, condenado o resto da vida.

3.1.3 As histórias contadas no chão do terreiro em noite de lua cheia chegando ao chão da escola

Para os cristãos, a primeira narrativa está no livro dos Gênesis, conta a história de como Deus criou o mundo; para os sertanejos, reza a lenda que o mar vai virar sertão e o sertão vai virar mar, que os amancebados e filhos desobedientes em noite de lua cheia, podem virar lobisomem; para as crianças, há um papa-figo num carro preto, solto por aí. Estas histórias são contadas de geração a geração. Então, contar histórias é preservar uma tradição. E trazer aqui, as narrativas orais, uma tradição que estabelece um elo entre a imaginação e a memória individual e coletiva do homem, e nesse emaranhado de enredos, entende-se que essa tradição é mantida. Nessa preservação, as histórias são tecidas com fios de lã (palavras, expressões) e assim, nesse momento de tessitura surgem expressões e palavras que não fazem mais parte dos usos linguísticos do cotidiano das crianças e dos jovens, bem como o modo peculiar de falar, este, às vezes, negado no chão da escola.

E com um jeito único na fala, esses narradores com suas narrativas são fontes de estudos linguísticos, onde a escola com seus saberes deve incorporar também essa cultura popular primando pela valorização desse saber, rompendo assim, com um discurso hegemônico de que só a língua da norma padrão é válida em todas as situações, mas os estudos sociolinguísticos já comprovaram que a variação linguística manifesta-se em todos os níveis de funcionamento da linguagem por diversos fatores, visto que, a língua é dinâmica, e permite uma rede de comunicação diversa.

A escola não pode fechar os olhos para essa tradição oral tão pertinente na cotidianidade dos alunos, que sendo as histórias um produto histórico, cultural e do bem comum, não deve ser negada no espaço escolar. A escola tem o papel de

inserir questões que legitime o que nos pertence, a nossa língua, a nossa tradição, o nosso jeito de falar. A escola deve perpassar o seu currículo.

Sabemos que para entender a dinâmica do cotidiano de uma escola e todo seu contexto, devemos, antes de qualquer coisa, perceber que para além da estrutura física, existe vida, movimento, cheiro, sentimentos e desejos. Que há um itinerário (Currículo), sem dúvidas, que deve ser seguido, pois a escola não é uma ilha, isolada, ela faz parte de uma rede, sendo esta oriunda de uma tradição. Rede de uma esfera seja municipal, estadual ou federal, que por sua vez determina o caminho, “normas básicas” e critérios, e aí como expõem Goodson (1995, p. 17) nessa rede surgem “os conflitos curriculares”.

Os conflitos, por sua vez, forjam uma luta que carece de outras redes. Redes de construção que efetivam práticas contextualizadas, que perpassam o currículo escrito, e traz à tona a necessidade de ver o outro diferente de outros, com suas nuances, especificidades e suas culturas.

Os conflitos curriculares emergem de lutas constantes de sujeitos/atores que buscam no seu contexto, na sua prática cotidiana, estabelecer relações que interajam de modo a atender não só as exigências do currículo como fonte documental (de uma rede estruturada), mas também estabelecer nesse itinerário as novas formas de caminhar, que o caminho pode ser o mesmo, mas os caminhantes são diferentes e a própria caminhada se faz ao longo do processo, nas articulações, nas adaptações, nas discussões, pois nessa rede de conhecimentos o que importa não é a chegada em si, mas o modo de como é vivenciado e experienciado esse processo.

Desse modo é pertinente enveredar fora dos muros escolares, pois a aprendizagem se dá também, para além do chão da escola, ela se mostra nos terreiros, nas praças, nas calçadas. A escola deve estar atenta a esses movimentos. E um desses movimentos são as contações de histórias, que encantam, divertem e ensinam.

Quando a escola insere na sua cultura a cultura da comunidade a qual faz parte, proporciona aos alunos, de certa maneira, uma aprendizagem prazerosa e significativa. Quando a escola situa o currículo escolar na perspectiva da realidade da comunidade escolar rompe com o modelo fragmentado de educação, como

propõe Dominique Julia (2001, p. 33), já que a escola não é um lugar de rotina, ela busca seu lugar de excelência sinalizando à diversidade, à cultura, às tradições ao seu redor. É preciso uma cultura escolar que “repense sua articulação entre a sua visada universalista e o pluralismo do público que ela recebe”, ressalva Julia (2001, p. 37).

A escola deve romper com os paradigmas, com práticas individualizadas e fragmentadas, e buscar novos olhares que dimensionam a cotidianidade escolar, perpassando dos seus muros. É preciso trazer as histórias contadas no chão do terreiro dos alunos fomentando a pluralidade do seu público. É preciso uma cultura escolar que tenha histórias para contar, ou melhor, um currículo que tenha histórias para contar.

É relevante abrir um espaço aqui para contar um pouco mais sobre currículo escolar. O escritor Ivor F. Goodson no seu livro *Currículo: teoria e história* (1995), inicia contando que os sociólogos da educação interessados no currículo escolar vêm defrontando-se com um paradoxo: o currículo é declarado como uma construção social, no entanto, estudos sobre a escolarização veem esse construir social como um dado atemporal. Traz assim, uma discussão sobre a teoria do currículo escolar numa abordagem em países do Ocidente, como Estados Unidos, Austrália e Grã-Bretanha que estão dando bastante ênfase sobre esse assunto. Contudo, faz uma crítica ao estado do conhecimento sociológico em relação ao currículo, afirmando que o conhecimento do currículo escolar continua de maneira pouco estudada.

Com um olhar pessoal nas suas pesquisas ressalva sobre as três dicotomias de modo prático, onde essas se referem às pessoas que provem das “ordens superiores” ou das “classes inferiores”, sendo que as dicotomias versam sobre o caráter sensual e concreto do pensamento, a simplicidade do pensamento e a resposta passiva das ordens inferiores contra as qualidades intelectuais, verbais e abstratas do pensamento, a complexidade e sofisticação do pensamento e a resposta ativa das classes superiores. Inicia-se assim, a divisão de trabalho e a divisão de mentalidades, e como lembra o autor, também o de currículo, percebemos indícios de padrões de exploração e domínio no contexto escolar.

Goodson relata que os novos padrões de diferenciação e exame começaram a surgir na escolarização secundária na metade do sec. XIX na Inglaterra, favorecendo a “cabeça mais do que as mãos”, sendo que esta escolarização estabeleceu vínculos com as universidades, onde desenvolviam currículos para treinar a mente, formando mentes refinadas. Com esse relato o autor nos alerta sobre a criação de uma hierarquia de ordens sociais e de currículos.

Para ele, tratar o assunto da controvérsia em torno da ciência é falar de algo notável, como a batalha da inclusão da matéria de ciências que provocou nas décadas seguintes, pois para uns era conhecimento desinteressado, mas para outros, a ciência como conhecimento escolar era outro assunto, assim um conhecimento interessado, poderia abrir a porta para o ato de entender o exercício do pensar. O autor chega à conclusão que existem indícios claros nos relatórios por ele estudado dos governos contemporâneos, de que a ciência de coisas comuns possibilitava uma aprendizagem significativa nas salas de aula.

Aborda ainda a questão do conflito da diferenciação social na escolarização baseada na hierarquia de mentalidades do modelo inglês e mostra a estreita aliança entre padrões de diferenciação curricular e estrutura social, que polarizava um currículo mais acadêmico ou mais utilitário, o que demonstra claramente a estruturação de recursos financeiros a serviço de uma hierarquização e estratificação curricular.

Conclui ressaltando a internalização da diferenciação social como fator de conflito dentro do currículo e a relação entre escolarização, cabedal cultural e estabilidade ou mudança no currículo como elementos que foram institucionalizados.

Nesse sentido, as lutas para a sistematização dos currículos perpassam por cada especificidade. Percebemos que os currículos devem ser construídos na perspectiva de resolução de conflitos, para contribuir com as demandas específicas, ou seja, do local para o global. Ter significado e significância no arcabouço escolar. Deixando a hierarquia do currículo nas histórias do passado. E o currículo que trata sobre a competência do ensino do eixo oralidade nas escolas assume uma dívida do passado, buscando não mais deixá-la de fora, mas tratá-la com igualdade nos eixos do ensino da língua nas escolas.

Assim, percebemos que as narrativas orais se realizam fora dos muros escolares, no entanto, através da valorização da Tradição Oral, esta pode chegar ao seio da escola de modo a fomentar essa prática. Já que a prática da oralidade por muito tempo ficou de fora da escola, não tinha uma relevância acadêmica para forjar situações vividas nesses espaços. E essa ausência criou uma desvalorização do ensino da língua, permitindo, quando presente, apenas no viés das diferenças, da dicotomia, oralidade versus escrita.

Como prática social, a oralidade ganhou espaço a partir dos anos 80, antes disso, de fato, a prática da oralidade era vista apenas como o uso da fala, sendo esta diferenciada. A primeira é uma habilidade da língua falada, que se realiza em todas as atividades diárias a partir de gêneros textuais orais, a segunda, se realiza por meio fônico, esta é um material linguístico, a outra uma prática discursiva.

Em tantas novidades que advém desse século, não poderíamos deixar de salientar sobre as novas formas de considerar as práticas da oralidade no chão das salas de aula, tendo em vista, uma preocupação de maior relevância nos documentos oficiais educacionais que orientam os professores, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, as Orientações metodológicas, entre outros.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio, já abordam essa questão,

Procura-se, dessa maneira, demonstrar a relevância dos estudos sobre a produção de sentido em práticas orais e escritas de uso da língua – e, mais amplamente, da linguagem –, em diferentes instâncias sociais; conseqüentemente, será apontada a importância de se abordarem as situações de interação considerando-se as formas pelas quais se dão a produção, a recepção e a circulação de sentidos. (OCNEM, 2006, p.18/19)

Trazer as práticas orais para a discussão na sala de aula é sem dúvidas contribuir para um trabalho que fomenta um trabalho em conjunto. Pois, reconhecer que tal prática é relevante para a construção de sentidos é, de fato, deixar um passado errôneo, que não reconhecia a oralidade como atividade importante no conhecimento dos alunos, haja vista que não se tinha um trabalho direcionado com essa abordagem. Se fizermos um panorama das décadas passadas, no sentido histórico, encontraremos documentos oficiais que tratavam apenas de questões na escrita e leitura, dois eixos principais na sala de aula.

Notamos que a ausência das práticas orais como modalidade no ensino da língua perdurou por muito tempo, apesar de permear no chão da escola, mas não era tratada como fonte de discussão de aprendizagem, contribuindo ainda mais para a hegemonia da escrita. Até porque não existiam debates, seminários, conversas na sala de aula. As questões orais, só apareciam apenas, na velha “chamada oral”.

Até os anos 70, as escolas se pautavam apenas em estudos sistemáticos de conteúdos, a escrita por sua vez era a pérola desejada por todos. No entanto, estudos foram comprovados que as práticas orais inseridas no contexto escolar, e tratadas como modalidades da língua trariam contribuições de interação, logo a presença do eixo oralidade traria mais benefícios do que sua ausência, isso porque, deixaria uma lacuna no ensino da língua. Assim, mais uma vez à luz das Orientações Curriculares para o Ensino Médio elaborado no ano de 2006, nos acrescenta que

Certamente, por força das orientações contidas nos diferentes documentos de parametrização construídos nos últimos anos e em consonância, ainda que parcialmente, com estudos produzidos pela Análise da Conversação, pela Linguística Textual e pelas Teorias da Enunciação, ganham cada vez mais espaço, nessa proposta, atividades de produção, recepção e análise de textos orais, obviamente fora da orientação dicotômica e oposicionista – em relação à escrita –, que vigorou na universidade e na escola durante muitas décadas. Sob essa lógica, pretende-se que o estudante veja a fala e a escrita como modalidades de uso da língua complementares e interativas, sobretudo quando se levam em conta práticas de linguagem nascidas na/da tecnologia digital, que também permitem a recorrência on-line desses dois tipos de modalidade. (OCNEM, 2006, p. 34)

Logo, a presença das práticas orais, como propriedade emergente, se concretiza na prática social, onde a todo tempo está imbricado com as práticas da escrita. Letramento e oralidade, vistos aqui, não dicotômicos, mas em contextos de usos específicos. Duas práticas relacionáveis, desafiando um passado que ainda permeia no presente. Porém, devemos aqui, como propõe Marcuschi (2007, p. 45) tratar “a oralidade e o letramento na perspectiva do contínuo” e assim, investigar o letramento na sua relação com a oralidade, observando as práticas linguísticas em situações que as duas devam ser centrais para as atividades comunicativas no dia a dia.

Ainda Marcuschi (2007, p. 10) se diz espantado com a demora do reconhecimento da oralidade como competência para se trabalhar a língua materna nas escolas e que não devemos estranhar a presença do trabalho da oralidade nas salas de aulas concomitantemente com a escrita, mas explicar o fato do “escândalo da sua ausência”.

Todos esses resultados das reflexões e estudos realizados através do Núcleo de Estudos Linguísticos da Fala e da Escrita (NELFE)⁹ da Universidade Federal de Pernambuco, com o incentivo o Professor Luiz Antonio Marcuschi, cujo foco central é o estudo das relações entre língua falada e língua escrita na hipótese linguística.

E é aí que notamos o quão é importante trazer mais uma vez essa discussão para o arcabouço acadêmico, não como novidade, mas com uma veste recente, o de forjar situações arraigadas num contexto social, à tradição de contar histórias por antigos moradores, partindo da premissa de que se essas histórias também chegarem às escolas serão relevantes para o ensino da língua na modalidade da oralidade, já que esta é uma prática discursiva.

Trazer o saber cotidiano desses contadores de histórias é fazer uma interface com o saber da ciência, numa conversa de conhecimentos, produzindo sentido. E assim, pautar-se também de um currículo contextualizado, que traga de fora para dentro e, para pensarmos sobre um currículo contextualizado, é preciso, antes de tudo, pensarmos numa escola que se organiza nessa dimensão, “numa construção de entrecruzamento cultura-escola-sociedade-mundo” (REIS, 2011, p. 109).

Braga, 2004, contribui ao falar sobre contexto

O contexto tomado nestas dimensões supõe pensar o processo educativo não “aprimorado” ao instituído, isto é, às normas e formas institucionalizadas, aos padrões culturais e ao sistema de valores estabelecidos – principalmente para o caso da educação formal. Isto porque o processo educativo contextualizado implica uma metodologia de intervenção social que supõe um modo de conceber, aprender, ressignificar a realidade para nela atuar, visando transformá-la. Implica uma estratégia que articula o local e o global, de forma a orientar a intervenção político-pedagógica. Implica também uma forma de pensar e de viver, baseada na convivência, o

⁹ O Núcleo atua desde os anos 90 com trabalhos publicados nas diversas esferas de comunicação. Disponível em <http://www.pgletas.com.br/programa-nucleos-nelfe.htm>. Acesso em 04/04/2015.

que nos remete ao desafio de buscar um modo de organização social, assentado na complementaridade, na diferença e na diversidade (BRAGA, 2004 apud REIS, 2011, p. 106).

É preciso também de um novo olhar dentro dessa contextualização, um olhar reflexivo sobre um currículo que demanda ir além do escrito. Reis (2011, p. 109) ressalva que esse currículo contextualizado “precisa ser compreendido como um campo de insurgências e transgressões epistemológicas – não limitante do contexto ao contexto, mas sempre chegando ou partindo dele”. Assim, esse currículo passa a narrar histórias, em tramas organizadas, sobre “o mundo social”, que tem atores, personagens, enredo, tempo, lugar, clímax e desfecho.

Partimos, então, para um currículo que conta histórias, que tem o poder da narrativa onde forja novas identidades sociais, que questionam, lutam contra o poder de um currículo hegemônico. Um currículo que conta a nossa história.

Tratamos aqui as narrativas enquanto contação de histórias, um gênero discursivo que habitualmente conhecemos e que perpassa pela imaginação do contador e do escutador, no entanto, há outro entendimento enquanto conceito de narrativas para além dos gêneros, onde “outras práticas discursivas” não são reconhecidas formalmente como narrativas, a exemplo do currículo, que conta apenas uma única história, mas que deve perpassar pela desconstrução dessas velhas narrativas, àquelas velhas histórias que nos contaram como a única verdade, uma verdade que não nos pertence, mas que devemos fazer esse reconhecimento como expõe Silva

Reconhecer o currículo como narrativa e reconhecer o currículo como constituído de múltiplas narrativas significa colocar a possibilidade de desconstruí-las como narrativas preferidas, como narrativas dominantes. Significa poder romper a trama que liga as narrativas dominantes, as formas dominantes de contar histórias, à produção de identidades e subjetividades sociais hegemônicas. As narrativas do currículo devem ser desconstruídas como estruturas que fecham possibilidades alternativas de leitura, que fecham as possibilidades de construção de identidades alternativas. Mas as narrativas podem ser vistas como textos abertos, como histórias diferentes, plurais, múltiplas, histórias que se abram para a produção de identidades e subjetividades contra-hegemônicas, de oposição. (SILVA, 1995, p.206)

Logo, partimos do pressuposto que um currículo contextualizado perpassa por um currículo de muitas histórias, sendo essas narrativas cheias de lutas contra o poder hegemônico, de afirmação de identidades, de construção, desvelando o outro,

fazendo-se conhecer. De acordo com as Diretrizes de Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro da RESAB, o currículo contextualizado não deve se restringir, afirmando que

a uma relação de conteúdos e metodologias de ensino, envolve os processos e as intencionalidades dos projetos de escola e sociedade que se quer e as dimensões de TEMPO e ESPAÇO na escola. O currículo também inclui os procedimentos de pesquisa e produção de saber, a relação com as comunidades e com os espaços das lutas sociais, bem como a formulação de novos documentos e novas narrativas.(RESAB, 2006, p. 12)

E para nós a produção do saber está imbricada no saber da ciência com o saber empírico. Produzindo sentido. E o cerne dessa produção é discutir o desafio do letramento pensando a oralidade em sua relação com a escrita. Tratadas aqui como práticas sociais e não duas propriedades de sociedades distintas (MARCUSCHI, 2001, p. 37).

Diante da exposição feita nesse primeiro tópico do capítulo, vale salientar, que tratamos das discussões das narrativas orais com o objetivo de discutir nessa dissertação algumas assertivas, como perceber a movência de um contador de histórias, a vez, a voz e a sua performance, dando vida ao contador, mostrando o seu itinerário; logo depois mostramos que as histórias contadas pelos contadores se diferenciam das histórias canônicas, as clássicas, mas sim, causos populares corporificadas apenas nas memórias dos contadores, revelando informações da cultura de um povo. Por fim, adentramos na cultura escolar que tem um currículo contextualizado, inserindo-se no chão do terreiro dos contadores trazendo para o chão da escola a prática da oralidade, buscando assegurar a tradição oral da comunidade local. Nesse sentido, buscamos fazer uma costura entre a tradição oral à tradição escrita, uma ligação que tem uma relevância para essa pesquisa, dessa maneira as próximas discussões se realizam no campo da escrita, para por fim, arrematar e dar o ponto final.

A seguir, destacamos no segundo tópico desse capítulo, a abordagem do letramento intercultural que valoriza as interfaces entre a oralidade e a escrita, tratando dessas duas práticas, bem como das agências e agentes de letramento.

3.2 A ABORDAGEM INTERCULTURAL DO LETRAMENTO

Conforme foi. Eu conto; o senhor me ponha ponto.

Guimarães Rosa

As campanhas de Alfabetização por muitos anos no Brasil, tanto para as crianças como para os adultos, sempre contribuíram ao fomento à decodificação e codificação. A urgência em aumentar o número de alfabetizados no País fez com que, o ato de ler e escrever, por si só bastasse para assegurar um lugar de destaque entre os países que mais se desenvolveram no seu continente. Porém, apenas a prática da leitura e da escrita não deram conta de outras demandas, a da inferência, dos pressupostos, do que está implícito. Da utilidade dessas práticas.

Assim, outras campanhas surgiram na perspectiva de Alfabetizar Letrando. Ora, não seria uma redundância? Quando se alfabetiza não se letra? A Alfabetização não seria uma prática de letramento? O objeto do letramento não é a escrita? Muitas questões surgem em torno dessa temática. Mas o que propomos aqui é uma abordagem maior, que forja o empoderamento do sujeito, não o contentamento em saber ler e escrever, mas sim, o que se vai fazer com a escrita, o que se faz depois que se aprende a ler, para além dos muros da escola. Entendemos que o letramento não é só uma questão escolar, mas tudo que envolve a comunicação escrita, ou seja, as práticas de escrita na sociedade.

Street (2007, p.466), partindo de uma perspectiva intercultural do letramento, traz grandes contribuições para este estudo, propondo “um outro” conhecimento, inseridas nas práticas de letramento. O autor prefere trabalhar com base no que ele mesmo chama de “modelo ideológico” de letramento, o qual reconhece uma multiplicidade de letramentos; que o significado e os usos das práticas de letramento estão relacionados com contextos culturais específicos e que essas práticas estão sempre associadas com relações de poder e ideologia: “não são simplesmente tecnologias neutras”.

Busca assim, estabelecer uma opinião contrária do “modelo universal”, único e ocidental, que estabelece padrões de letramento funcional. Diante do andamento dessa pesquisa, algumas evidências mostram que a prática de contação de histórias, tomando como referência os sujeitos dessa pesquisa, pode ser analisada

também pelo viés do modelo ideológico de letramento, que inclui a abordagem intercultural, cujo foco é as zonas de interfaces entre oralidade e cultura escrita ou tradição oral e tradição escrita.

Street, ainda, dá sua opinião quanto ao impacto que causa o letramento na vida das pessoas, afirmando que é preciso assumir uma visão menos paternalista e menos pedagógica do processo. Assim, o autor explica com clareza

Eles querem demonstrar como os indivíduos numa sociedade recém-letrada, longe de serem passivamente transformados pelo letramento, em vez disso aplicam ativa e criativamente as habilidades de letramento para atender a seus próprios propósitos e necessidades; como eles “se apoderam” do letramento, em vez de qual o “impacto” do letramento sobre eles. Um novo letramento é incorporado às convenções e conceitos acerca da comunicação já existente na cultura receptora – os “sujeitos” não são “tábuas rasas” como tantas campanhas de desenvolvimento da alfabetização parecem supor (Street, 1987). Isso também revela como os processos de letramento não podem ser entendidos simplesmente em termos de escolarização e pedagogia: eles são parte de instituições e concepções sociais mais abrangentes (STREET, 2007, p.475).

Vale salientar que Street busca sair de um quadro já elaborado do letramento, não devemos mais nos apegar as pesquisas que investigam apenas o que o letramento está fazendo com as pessoas numa educação formal, mas como as pessoas estão fazendo uso desse letramento como sujeitos ativos desse processo. Pesquisas que resultem, por exemplo, em amostragens de jovens que escrevem hip hop para denunciar as condições de vida do seu povo; mulheres que conquistam o sustento da família usando o caderno de receita da avó; homens que mantêm a tradição oral contando as histórias da região local. Nesse sentido, não basta apenas aprender a ler e escrever, habilidades de fomento da educação formal, é preciso ir além, ser protagonista da sua história.

Brian Street (2014), nas suas pesquisas em aldeias iranianas busca na etnografia os usos do letramento e da oralidade como construtores ideológicos, onde mostra alguns problemas, tendo em vista que as narrativas desenvolvimentistas e educacionais na época estavam de acordo com o modelo autônomo de letramento que forneciam relatos da vida rural ignorando ou depreciando as práticas letradas locais (STREET, 2014, p. 69). Isso ficou bastante mais claro para os estudiosos do

letramento, a partir da obra divisora de águas desse autor que em 1984 inaugura os novos estudos do letramento (NEL/NLS) e que foi divulgada no Brasil, sobretudo por Kleiman(1995). Segundo Street esse modelo vê o letramento em termos técnicos, tratando-o como independente do contexto social, uma variável autônoma cujas consequências para a sociedade e a cognição são derivadas de sua natureza intrínseca (ROJO, 2009, p. 98,99).

Embora o letramento seja uma prática social, e que se manifesta na escrita, não é vista aqui apenas como a aquisição da escrita, esse fenômeno se relaciona em situações de empoderamento, envolvido nos domínios discursivos. Não basta saber ler e escrever a forma de uma carta de reclamação, por exemplo, é necessário saber usá-la numa situação social. Seguindo o modelo ideológico do letramento, onde as práticas são usos culturais que produzimos significados na base da leitura e da escrita conforme propõe Brian Street nos seus estudos.

Numa situação vivida por mim, em sala de aula, com alunos do 7º ano, da escola a qual sou professora, se deu um fato relacionado às práticas de letramento. Em aulas antes foi trabalhado em diferentes momentos o uso da carta de reclamação. Tempos depois, ao entrar na sala, vejo uma discussão entre os alunos, um deles, passava uma lista para que os demais assinassem, dizia que ali era um abaixo-assinado, onde demonstravam a insatisfação no descaso com os ventiladores que estava há muito tempo sem uso, todos quebrados, e o calor não os deixava estudar. Assim o documento poderia ajudá-los na negociação com a equipe gestora. Porém, para minha surpresa a discussão não era porque eles não quisessem assinar o documento, mas porque um dos alunos dizia que antes desse seria necessário elaborar uma carta de reclamação, e assim situar a equipe gestora do fato. Caso não desse efeito a carta, aí sim, fariam o abaixo-assinado, ou seja, ele estabeleceu um grau de hierarquia nos gêneros textuais, e ainda acrescentou, “alguém precisa escrever bem a carta, né professora? se não a diretora não vai nem ler, né?”. Ou seja, os alunos, no contexto formal da leitura e da escrita sabiam a importância do uso de um documento para respaldarem as suas solicitações e ou reclamações, porém, sabiam também, que uma carta bem escrita (a forma) poderia surgir melhor efeito, aqui fica claro, o empoderamento desses alunos. E a importância da escrita para eles.

A escrita é bastante priorizada nos contextos formais e informais da sociedade, no entanto, passou por diversas mudanças. O ensino da escrita na escola foi se adequando às necessidades e urgências de cada época. Vamos aqui optar por uma narrativa contando como o ensino da escrita na escola foi modificando como o passar do tempo.

Estudos mostram que antes dos anos 80 a escrita se pautava na ênfase da gramática tradicional, a escrita, assim, era o lugar das regras. Para Bagno (2007, p. 67), a gramática tradicional é um “produto intelectual de uma sociedade aristocrática, machista, escravagista, oligárquica, fortemente hierarquizada”. Porém, por muito tempo teve um lugar de supremacia, sendo que a concepção de língua era vista como instrumento de comunicação, influenciada pelo estruturalismo. A metodologia transmitida é baseada apenas na exposição, centrada na norma-padrão. Esse tipo de visão da língua revela uma das concepções de ensino que privilegia apenas um único uso da língua. Esse panorama dava-se ao fato de que até o início da década de 1960 as escolas brasileiras se concentravam nas zonas urbanas e prioritariamente apenas numa pequena camada privilegiada da sociedade brasileira.

Depois dos anos 80, mudanças significativas no cenário do ensino da escrita foram surgindo como críticas aos pressupostos do ensino da língua centrada apenas na gramática tradicional. Assim, o foco e o incentivo pautavam-se nos estudos em textos na sala de aula, um ensino voltado à textualidade, visando direcionar os trabalhos nos eixos da leitura e da escrita. No entanto, essas discussões permeavam apenas nas Instituições de fomento a pesquisas, em cursos de graduação e especializações, demorando, de fato, se realizar na sala de aula, pois houve uma lentidão nas políticas educacionais em investir nas formações para os professores, mas mesmo com o processo lento, o texto passa a ser o objeto de estudo nas salas, embora o uso do texto por muitos professores foi utilizado como pretexto para fins gramaticais, sobre isso Mendonça *et al* (2007, p.74) esclarecem que

a “gramática contextualizada” é uma “expressão que aparece no discurso de alguns professores como uma prática renovada do ensino de português. Esse termo, muitas vezes, ‘encobre’ o uso do texto como pretexto para análises gramaticais convencionais. Em outras palavras, a referida ‘gramática contextualizada’ proporia

exercícios do tipo: Retire os adjetivos do texto; Analise sintaticamente o último período do texto; Leia texto e sublinhe os verbos transitivos, etc. (MENDONÇA; SANTOS; CAVALCANTI, 2007, p. 74).

No entanto, durante o percurso houve avanços no sentido de estímulo à leitura e produção textual, o ensino da língua portuguesa nesse período já tinha um novo olhar.

Diante desses avanços, era preciso ir mais além, assim com a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa nos anos 90 houve um novo tratamento para o ensino da língua portuguesa. Nesse contexto Gomes (2009) declara que

Os conteúdos de Língua Portuguesa no ensino fundamental propostos pelos PNC, além de estarem sintonizados com as novas tendências dos estudos linguísticos para o aprendizado de língua materna, oferecem as diretrizes necessárias para a combinação de currículo de acordo com a realidade local de cada escola. Os eixos organizadores se fundamentam nas práticas sociais de uso da linguagem verbal, como atividade discursiva (GOMES, 2009, p. 135,136).

Por fim, a prática da escrita na escola passou a ser norteadada sob o viés do letramento, ou seja, a aquisição da escrita vinculada às práticas sociais, desse modo, o ensino foi exclusivamente voltado para os usos da escrita na sociedade, sendo introduzida a noção de gêneros textuais escritos e orais, numa relação de circulação dos gêneros e as práticas da escrita, se realizando os gêneros textuais aos processos de letramento.

Diante dessa narrativa percebemos atualmente um ensino mais produtivo da língua, num processo de interação, embora, ainda perdure a primazia da escrita. Compreende-se que há uma padronização na escrita, conforme os estudos de Shuman (1993 apud MARCUSCHI, 2007, p. 47), e que de acordo com esse problema de padronização é que se decide entre uma escrita rejeitada e a outra adequada. Apesar de que falamos e ouvimos muito mais do usamos a escrita, no entanto, essa última tem um prestígio social. É o que ficou claro para os alunos na situação da escrita da carta de reclamação, se não fosse escrita seguindo as normas gramaticais a Gestora não iria nem ler, pois estava fora do padrão, seria rejeitada.

Numa visão dicotômica, a fala tem grande precedência sobre a escrita, mas do ponto de vista do ‘prestígio social’, a escrita é vista como mais prestigiosa que a fala. Não se trata, porém, de algum critério intrínseco nem de parâmetros linguísticos, trata-se sim, de uma postura ideológica (MARCUSCHI, 2001, p. 36).

E o que fazer para desfazer tal equívoco e tratar a escrita como de fato deve ser? É preciso, disse Marcuschi (2007, p. 10) “contemplar o uso da língua”. Assim, não precisamos ver a escrita como meio de “fixar a natureza evanescente do som e da experiência” como propusera Walter Ong (apud STREET, 2014, p. 168), e nem tão pouco implicações nos processos cognitivos, mas contemplar como um bem cultural, uma invenção tecnológica, mas um modo de representação da língua, que deve ser tratada no viés das práticas de letramento e nas relações de poder que imperam em qualquer sociedade, no contexto da cultura e da vida social, na perspectiva do “Modelo Ideológico”, onde a língua se manifesta seja na forma escrita ou na forma oral.

Nesse contexto, é relevante trazer para essa discussão às práticas de letramentos dos contadores de histórias como práticas de fortalecimento à cultura oral. Então, podemos considerar os pressupostos culturais presentes nas narrativas dos contadores e os indícios dessas práticas como a aquisição da leitura e do letramento dos escutadores? As práticas da contação de história desses contadores estão inseridas nas práticas escolares de sua comunidade? Essas e outras questões permearam por essa pesquisa para instigar a pertinência da mesma.

É necessário lembrar novamente que a relevância dessa pesquisa desemboca em vários caminhos, no entanto, ressalvo aqui a relevância pedagógica e a relevância científica. Para a primeira penso que as práticas de contação de histórias dos contadores podem servir às práticas pedagógicas no sentido de contribuir com os estudos do tratamento da oralidade, da prática da leitura e da produção de textos na sala de aula, reconhecendo e valorizando a linguagem do seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, conforme as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

Há também uma relevância científica, a sua contribuição terá um caráter que vai explorar e investigar a permanência da cultura oral nas exigências da cultura escrita,

na perspectiva do letramento, tratado aqui como um viés entre o oral e a escrita, potencializando a voz no verbo, alvo relevante no espaço acadêmico, bem como, acrescentando aos estudos da tradição oral a pertença das narrativas, dos causos, das histórias populares dos contadores que mantêm essa tradição na comunidade em que vivem.

3.2.1 Escrever as histórias: uma prática de fortalecimento à cultura oral

Busco aqui, trazer o sentido social da prática de contar história que está imbricada nas práticas de letramentos, e a escola como fomentadora dessa prática. Kleiman (2007, p. 01) ressalta que o letramento tem como objeto de reflexão tanto de ensino como de aprendizagem os aspectos sociais da língua escrita e assumir o objetivo do letramento no contexto escolar é alfabetizar numa concepção social da escrita, se contrapondo com a concepção tradicional que implica em algumas questões que perpassam pelo planejamento das aulas quando se faz as perguntas estruturadora/estruturante, ou seja, para a autora é preciso fazer a pergunta adequada, “quais os textos significativos para o aluno e para a comunidade” e não focar apenas em quais sequencias mais adequadas na hora de apresentar os conteúdos, seguindo a ordem, “letras-sílabas, sílabas-palavras e palavras-frases”.

É nesse contexto, sabendo que o objeto do letramento é a escrita, que a escola deve inserir na prática pedagógica textos significativos a partir das experiências culturais que os alunos trazem para o meio escolar. Ainda Kleiman (2007) nos coloca que

antes de entrarem na escola, os alunos já são participantes de atividades corriqueiras de grupos sociais que, central ou periféricamente, com diferentes modos de participação (mais ou menos autônomos, mais ou menos diversificados, mais ou menos prestigiados), já pertencem a uma cultura letrada (KLEIMAN, 2007, p.01)

A pretensão de estudar o “modelo ideológico do letramento”, como estabelece Street (2007, p. 466), é para não mais pensar em como o letramento está afetando as pessoas, mas como estas pessoas afetam o letramento. Nesse pressuposto, acredito que os contadores de histórias, moradores de Maniçoba/Juazeiro-BA e suas

contações podem ser fontes relevantes nesse processo, pois são práticas de letramentos em contextos culturais diversos, haja vista, que diante de dados já recolhidos para a pesquisa, a relação desses contadores com os alunos e com outros escutadores em espaços informais é de envolvimento e encantamento, onde através da escuta algumas narrativas já foram registradas, bem como recontadas oralmente pelos escutadores. Estão, assim, expostos a essa interação. Num processo de letramentos. Como propõe os Novos Estudos de Letramento, de Brian Street (2011) que ousa trazer para o mundo acadêmico o termo letramentos, no plural, como letramentos múltiplos, o sujeito fica exposto no seu contexto social.

Então, ver as narrativas dos contadores de história dentro da escola e perceber a maneira significativa da cultura desses narradores, dando vez, voz e verbo a estes, que alegram, divertem e ensinam de maneira peculiar às gerações futuras contribuindo na preservação desta prática é mostrar a imbricação dessas duas práticas, a oralidade se fazendo na escrita, e a escrita se valendo da oralidade.

Vale salientar que esse documento oral, no caso em questão, os causos narrados pelos contadores de histórias podem servir de fontes no contexto escolar de modo a contribuir como um fator social e cultural arraigados na comunidade e perpassem para o manuscrito preservando a tradição oral na tradição escrita. Não no sentido de “fator de destruição” da oralidade, mas no sentido de conservação da mesma. Onde o oral e o escrito não sejam vistos como simples relação entre culturas diferentes, mas que sejam vistos como um processo de construção entre ambos, outro saber. Como propõe o modelo Intercultural, um tratamento igualitário de diversidade, sem uma cultura sobrepôr a outra. Um fortalecimento entre ambos.

Na interface oralidade e escrita, partindo da configuração da narrativa, aonde vimos, através de alguns dados levantados que se mantêm um diálogo constante, ou seja, quando um dos contadores foi contar suas histórias num evento¹⁰, pois se encontrava toda a comunidade local de Conchas, comunidade em Maniçoba/BA, crianças, jovens, adultos e idosos, prestigiando a cultura local, aprendendo com o outro, pois como já foi dito posteriormente, o letramento não se concretiza apenas na escola, ele se realiza em outros espaços. Essa aprendizagem se deu na escuta,

¹⁰ VI Festival de Arte e Cultura de Conchas em Maniçoba/Juazeiro – BA no dia 07 de março de 2015.

na fala e na escrita, pois havia ali, pessoas registrando, seja através de câmaras fotográficas, por gravações, seja transcrevendo o que estava sendo dito. Nosso contador inicia sua apresentação dizendo: *“Eu vim somente contar um pouquinho da história [...] pra resgatar um pouco da memória, né? Eu me lembro muito bem que (começa um repente) – Na lua cheia se juntava no terreiro... – para e diz: Oia, como ela tá bunita, a lua, bem bunita, num tá? Se faltasse luz agora num fazia perigo, num era?”* Ao evocar suas lembranças, nosso contador recorre a sua memória. A memória desse contador é algo impressionante. De fato, carrega consigo histórias antigas, conserva na sua memória o que é de mais útil para sua cultura local, para seu povo. Lembra, assim, um *mnemon*, onde bem explica Le Goff (1994) que se trata de uma figura importante na mitologia e nas lendas, diz ele

O *mnemon* é uma pessoa que guarda a lembrança do passado em vista de uma decisão de justiça. Pode ser uma pessoa cujo papel de “memória” está limitado a uma operação ocasional. Por exemplo, Teofrasto assinala que na lei de Thurium os três vizinhos mais próximos da propriedade vendida recebem uma peça de moeda “em vista de lembranças e de testemunho”. Mas pode ser também uma função durável. O aparecimento destes funcionários da memória lembra os fenômenos que já evocamos: a relação com o mito, com a urbanização (LE GOFF, 1994, p. 437).

Continua o autor sobre a importância dos *mnemones* no cenário religioso e jurídico

Os *mnemones* são utilizados pelas cidades como magistrados encarregados de conservar na memória o que é útil em matéria religiosa (nomeadamente para o calendário) e jurídica. Com o desenvolvimento da escrita estas “memórias vivas” transformaram-se em arquivistas (LE GOFF, 1994, 437).

De certo que o nosso contador de história, considerado uma pessoa ilustre no cenário da sua comunidade é uma memória viva para sua gente. E segundo a história das lendas egípcias, a memória viva foi se extinguindo com a chegada dos escribas. Thot, um deus egípcio, foi ordenado como patrono dos escribas e dos funcionários letrados, segundo a lenda ele inventou os números, o cálculo, o alfabeto, entre outros. Assim contribuiu para enfraquecer o desenvolvimento da memória. “O alfabeto engendrará esquecimento das almas de quem o aprender”, sendo que estas cessarão de exercitar a memória porque, já que está escrito, chamarão as coisas à mente não mais do seu próprio interior, do seu íntimo, mas de fora, do exterior, através de sinais considerados estranhos (LE GOFF, 1994, p.437).

Percebemos nesse contexto, que ao descobrir que se podia registrar num papiro o que estava na mente, na memória, e que a memória oral passaria para memória escrita era de fato uma grande contribuição para o desenvolvimento do homem, porém a segunda não substituiria a primeira, veio de certa forma transformá-la, mas sem intenção de destruí-la.

Saindo desse recorte sobre memória, e retornando a questão da oralidade, inserida no que foi dito acima, nota-se também que os fortes indícios dessa prática fomentam para o registro escrito, apesar de que nem tudo que é dito passa para o escrito, mas é certo que tudo que é escrito um dia foi dito. Desse modo, vamos do conto ao ponto, notar traços da oralidade na escrita ou traços da escrita na oralidade, bem como o processo de retextualização na escola.

3.2.2 Do conto ao ponto: traços da oralidade na escrita e vice-versa e o processo de retextualização na escola

Perceber traços da oralidade na escrita e ou vice-versa é dialogar. Zumthor (1997, p. 55-56) diz que o conto oferece à comunidade um terreno de experimentação em que, pela voz do contador, ela se exerce em todos os confrontos imagináveis, e acrescenta dizendo que esta sociedade precisa da voz de seus contadores, independentemente das situações concretas que vive. Assim, nos valem dessas vozes para serem ouvidas não só entre amigos e familiares, mas também no espaço escolar, pois defendemos que a contação de histórias como prática oral nos revela novas textualidades que mantém uma manifestação comunicativa de tal modo que forma leitores e estimula os alunos a escreverem suas próprias histórias, ou escreverem o que foi contado, bem como a produção oral que é uma prática que se herda e se fortalece na comunidade.

Diante do que foi dito, percebe-se a necessidade de ir à busca dos contadores de histórias e das suas contações, e se estas são registradas, ou se apenas ficam na tradição oral, mas que contribuem, sendo documentadas ou não, para o gosto à leitura, e conseqüentemente perceber essa relação com a escrita. Mas sabemos que para a cultura de tradição oral a fala basta, o que foi dito fica amarrado nas vozes,

palavra dada, prego batido, ponta virada, palavra mal dita não se apaga com borracha, se apaga com desculpas.

Nesse sentido, Vancina (1982) diz que a tradição oral foi definida como

um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra. Suas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão, na qual difere das fontes escritas. Devido à sua complexidade, não é fácil encontrar uma definição para tradição oral que dê conta de todos os seus aspectos. Um documento escrito é um objeto: um manuscrito. Mas um documento oral pode ser definido de diversas maneiras, pois um indivíduo pode interromper seu testemunho, corrigir-se, recomeçar, etc (VANCINA, 1982, p.140).

Cabe salientar, interagindo com essas tradições orais, que a escola é um espaço privilegiado para estimular atividades que possibilitem essa interação, contribuindo na preservação das contações de história através do registro. Sobre isso, ressalta o autor

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra (VANCINA, 1982, p.139).

Percebe-se que tanto o contador e o ouvinte são sujeitos expostos a informações da manifestação oral da língua, que a todo tempo buscam uma troca de cumplicidade na aprendizagem destas histórias, fazendo uma ligação entre o que é o tradicional e o moderno, o que é culto ou popular, numa prática constante da linguagem oral. Visto posto, que a miscigenação entre diferentes culturas perpassa por uma cultura heterogenia que está atuante na cotidianidade do mundo moderno, onde os contadores de histórias e os ouvintes (no espaço familiar), alunos e professores (no espaço escolar) pressupõem o elo entre as tradições antigas e as novas, pois trago aqui o papel da escola apenas como fomento dessa tradição, e não como objeto de estudo dessa pesquisa.

Ainda Vancina (1982) nos esclarece que há quatro categorias fundamentais das tradições orais que passam pela forma (estabelecida ou livre) e pelo conteúdo (fixo ou livre) que são o poema, a epopeia, a fórmula e a narrativa, adentro especificamente nesta última, objeto desse estudo, assim o autor explica

[...] a última categoria é a das “narrativas”, que compreendem a maioria das mensagens históricas conscientes. Nesse caso, a liberdade deixada ao artista permite numerosas combinações, muitas remodelações, reajustes dos episódios, ampliação das descrições, desenvolvimentos, etc. Torna-se, então, difícil reconstruir um arquétipo. O artista é completamente livre, mas somente do ponto de vista literário: o seu meio social pode, às vezes, impor-lhe uma fidelidade rígida às fontes (VANCINA, 1982, p.142).

Lembrando, nesse espaço, que as manifestações orais dos contadores não podem cair na armadilha de um registro que perpassa apenas para uma escrita dominante. Certeau (1998, p. 223) enfatiza que “a oralidade se insinua, sobretudo como um desses fios de que se faz na trama – interminável tapeçaria – de uma economia escriturística”, sendo que assim, devemos pensar em como o processo escrito dessas narrativas orais estão se dando na transposição para o papel.

É certo que as vozes podem se concretizar na escrita e a escrita se envolver com as vozes de modo que as duas se entrelaçam e se confundam, não dando a certeza quando uma passa a ser a outra. Segundo Zumthor (1997, p. 16) a relevância do que é dito ou escrito vai depender das tradições de cada cultura. “A tradição cristã, para quem o Cristo é verbo, valoriza a palavra”; as tradições africanas ou asiáticas consideram mais a forma da voz, pois tem um poder transformador ou curativo, que pode está no timbre, na sua altura, no seu fluxo.

Então, vamos compreender aqui nessa transposição do oral para o escrito, como propõe Street (2007, p. 484), “os significados e usos culturais das práticas de letramento”, sinalizando que a partir do momento que as histórias contadas passam a ser registradas no mundo da escrita ou que por intermédio delas o escutador e o contador se fortalecem interagindo, e que descubrem o que fazer com isso, dá-se aí uma prática de letramento. A partir desse contado, suas histórias se concretizam a partir de gêneros textuais, em forma de folhetos, livros de histórias, livretos em cordel, cartas, sendo estes denominados gêneros do discurso, desse modo, a voz se materializa na escrita, e a escrita se tece na voz, numa tessitura, formando um tapete de som e letra. E nas nossas atividades diárias estamos imersos por gêneros, que para Rojo (2009) na vida cotidiana, circulamos por diferentes esferas de atividades sendo

(doméstica e familiar, do trabalho, escolar, acadêmica, jornalística, publicitária, burocrática, religiosa, artística etc) em diferentes

posições sociais, como produtores/consumidores de discursos, em gêneros variados, mídias diversas e em culturas também diferentes (ROJO, 2009, p. 109).

Nessas esferas, entramos no mundo da escrita, além de ouvirmos vozes no papel, passamos a enxergar as letras, nos apropriamos dos contos, causos e enredos, onde os gestos e as expressividades faciais são deixados de lado por alguns momentos e passamos a usar os recursos da pontuação, dar vida ao texto, misturando a autenticidade da narrativa oral com a eloquência da narrativa escrita. Aprender a escrita sem perder de vista a importância da tradição oral. A escrita aqui tratada como libertadora, não para apagar a oralidade, mas para tornar esse contador, dono de sua história, um sujeito empoderado.

Para Zumthor (1993, p.35) o texto passa por uma “mutação” e que no seu interior há “uma intervenção do humano”. E nessa intervenção a de se perceber a implicação social do que foi dito no escrito.

Assim, a escrita não pode ser vista como uma tecnologia para servir a oralidade, não pode ser vista como dominante, mas sim para revitalizar a língua e não apagar a oralidade. É certo, no verbo há voz. Para o escritor Mia Couto (2005, p. 110) “a escrita não é um veículo para se chegar a uma essência. A escrita é uma viagem, a descoberta de outras dimensões e mistérios que estão para além das aparências”.

Nessa viagem de descobertas e revelações se vê também o ato do encontro, os contadores fomentados no espaço escolar, os escutadores nos terreiros das casas, mas com papel e lápis na mão, viajando também na escrita. Um diálogo entre culturas. Estão para além das aparências.

As narrativas orais existiram muito antes da escrita. Uma longa tradição de pensamento, é verdade, considera e valoriza a voz como portadora da linguagem, já que na voz e pela voz se articulam as sonoridades significantes (ZUMTHOR, 1993).

Ainda o mesmo autor nos fala sobre a literatura oral com uma experiência francesa:

Foi por aí que se pôde demarcar, na poesia lírica cortês na França e na Alemanha, a presença latente de uma poesia diferente, talvez de origem muito mais antiga, mas da qual alguns exemplos só serão compilados por escrito na época moderna, após cinco, seis ou oito séculos de existência apenas oral. Mais discutivelmente, foram a firmeza e a perfeição formal das canções de Guilherme IX ou de

Heinrich von Veldeke que levaram os medievalistas a supor para o modelo poético cortês antecedentes mantidos, talvez, por muito tempo sob um regime de pura oralidade (ZUMTHOR, 1993, P. 45).

A voz consolidada na escrita é por sua vez garantia de permanência de uma história que escolheu ser marca registrada numa sociedade que por suas exigências prefere garantir suas memórias em memoriais para assim difundir-las por todos os cantos da cidade, pois o mesmo autor alerta que “O valor de uso da escrita se reduz na medida em que o manuscrito não pode ser um meio de difusão massivo” (ZUMTHOR, 1993, p.110). Assim, é necessário valorizar esse meio de comunicação tão importante para a humanidade. Busquemos também compreender que a unidade entre a oralidade e a escrita faz parte do contexto histórico de cada cultura.

Podemos admitir que o que está escrito hoje já foi dito antes, sobre isso o autor ressalva que

Admitir que um texto, num momento qualquer de sua existência, tenha sido oral é tomar consciência de um fato histórico que não se confunde com a situação de que subsiste a marca escrita, e que jamais aparecerá (no sentido próprio da expressão) “a nossos olhos”. Então, trata-se para nós de tentar ver a outra face desse texto-espelho, de raspar, ao menos, um pouco o estanho (ZUMTHOR, 1993, P. 35).

Trago então nessa discussão, estabelecer a ideia conforme as palavras de Louis-Jean Calvet¹¹, que atualmente a passagem da cultura oral para a letrada é um processo inevitável, mas não deve ser de forma impositiva, mas de maneira natural. Na nossa sociedade as histórias orais estão em contato com o universo da escrita. É inevitável.

Desse modo, a voz se configura nas letras, as letras por sua vez se misturam com a voz, não se sabe exatamente o momento em que uma deixa de ser para ser a outra. Sendo este processo motivo desse estudo, provocar uma discussão sobre a imbricação da oralidade com a escrita, bem como as histórias na boca do povo que perpassam para o papel contribuindo com empoderamento de sujeitos cheios de histórias para contar, e os escutadores cheios de histórias para copiar.

¹¹ Citado em MATTE BRAUN, Ana Beatriz. Tradição oral e tradição escrita, de Louis-Jean Calvet. Eletras, vol. 23, n.23, dez. 2011.

Nessa prática, entre o dito e o escrito, está também inserida a escola, como espaço formativo de saberes, apesar de Street (2104, p.121) questionar o poder da educação formal como única e verdadeira, que nega os múltiplos letramentos e trata apenas uma verdade particular como o único letramento a ser considerável na sociedade. Nesse sentido, situo a escola, apenas como mais um espaço de fomento à tradição das narrativas orais, bem como mais um espaço de letramento, onde traz as narrativas para serem contadas e escritas, ou retextualizadas.

E assim podemos também compreender o que Marcuschi (2001, p. 47) vem fomentar como passagens ou transformações do texto falado para o texto escrito que ele denominou de *retextualização*. O mesmo autor afirma que essa passagem não se realiza de um “caos para a ordem”, diz ele: “é uma passagem de uma ordem para outra ordem”. A retextualização não se configura numa atividade meramente mecânica, mas perpassa antes de tudo pela compreensão de quem vai realizar esse processo. É preciso compreender o que está sendo dito, contado, falado. Esse autor esclarece sobre isso

Assim, para evitar mal-entendidos, faz-se necessária uma observação preliminar em relação ao que está em jogo nestas atividades. Em hipótese alguma se trata de propor a passagem de um texto supostamente “descontrolado e caótico” (o texto falado) para outro “controlado e bem-formado” (o texto escrito). Fique claro, desde já, que o texto oral está em ordem na sua formulação e no geral não apresenta problemas para a compreensão. Sua passagem para a escrita vai receber interferências mais ou menos acentuadas a depender do que se tem em vista, mas não por ser a fala insuficientemente organizada (MARCUSCHI, 2001, p. 47).

Ainda sobre a retextualização, cabe salientar que Marcuschi (2001, p. 49) faz uma distinção entre a transcrição e a retextualização, para o autor Transcrever e Retextualizar são processos distintos, a primeira trata apenas a passagem da fala, de sua realização sonora para a forma gráfica, já na retextualização, há interferências, mudanças, como por exemplo, o uso de pontuação e outras operações, há nesse processo uma manifestação do uso da língua, tanto na forma oral como na escrita.

Assim, a retextualização, diferente de outras expressões, “refacção”, “reescrita”, “tradução”, se realiza nas variáveis da passagem da fala para a escrita, tratando-se de um processo que envolve operações complexas que vai interferir tanto no código

como no sentido evidenciando uma série de aspectos nem sempre compreendidos entre a oralidade e a escrita (MASCUSCHI, 2001, p. 46).

Para Marcuschi, antes de iniciar qualquer atividade de transformação textual, ocorre primeiro a atividade cognitiva denominada “Compreensão”. É preciso antes compreender o que se quer dizer, por isso, há nesse processo uma complexidade, e continua o autor dizendo que “a retextualização não é, no plano da cognição, um atividade de transformar um suposto pensamento concreto em um suposto pensamento abstrato”, pois se assim for tratada voltamos à questão da dicotomia entre a oralidade e a escrita, e não é a nossa pretensão, pois as duas são vistas nesse trabalho num contínuo.

Ainda Marcuschi (2001, p. 48), nos apresenta as respectivas combinações entre a fala e a escrita, onde elabora um quadro com quatro possibilidades de retextualização:

1. Fala —————> Escrita (entrevista oral – entrevista impressa)
2. Fala —————> Fala (conferência – tradução simultânea)
3. Escrita —————> Fala (texto escrito – exposição oral)
4. Escrita —————> Escrita (texto escrito – resumo escrito)

Essas atividades são rotineiras, que ocorrem no nosso dia a dia, mas não mecânicas, pois o autor afirma que nós lidamos com elas o tempo todo nas sucessivas reformulações dos mesmos textos num envolvimento intrínseco, que vão desde a variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos.

No que foi exposto, o processo de retextualização aqui tratado, deve fazer parte no contexto escolar, e reconhecer que as histórias dos contadores e suas histórias são possibilidades à prática letrada. Da fala para a escrita, um processo dinâmico e acolhedor.

Vislumbro agora, os contadores de histórias com suas narrativas e a escola com suas exigências educacionais formalizadas, num diálogo amoroso, pois onde há diálogo, há entendimento.

3.2.3 Os contadores e a escola: um diálogo entre culturas

Faz-se urgente num cenário de diversidade cultural um tratamento igualitário nessas diversidades, bem como um processo de construção entre as raízes dessas culturas numa imbricação intercultural.

A interculturalidade nos permite ir ao encontro do outro, sem ser vista aqui apenas como uma inter-relação entre culturas, a dos contadores e da escola, as duas nesse sentido estão abertas para a troca, para o envolvimento. E esse envolvimento nos faz ouvir, deleitar-se, encantar-se.

Considerando que a escola é um espaço de vivências de currículos multiculturais, de currículos descolonizados, então é relevante que os “conflitos curriculares” devam forjar lutas e demandas, que permitam a inclusão do ambiente cultural da família e da comunidade, que estas devem permear pelo chão da escola e a escola deve pisar pelo chão da comunidade. A busca do conhecimento se entrelaça na troca. Há outros letramentos envolvidos nesse processo. A escola é mais uma agência para o letramento, ela não é a única.

Preocupa-nos quando pesquisas revelam as convenções culturais preconceituosas nos espaços de formações, entre elas a escola, onde não há diálogos, mas amostra de poder, de subversão, de exclusão. Brian Street(2014) aborda essa questão nos de aspectos das práticas letradas que tendem a serem marginalizadas nas escolas, contempla ele

Muito, então, do que vem junto como o letramento escolar se revela como o produto pressupostos ocidentais sobre escolarização, poder e conhecimento, mais do que algo necessariamente intrínseco ao próprio letramento. O papel exercido por perspectivas desenvolvimentistas na escolarização, por exemplo, faz como que a aquisição do letramento se torne isomórfica a partir do desenvolvimento pela criança de identidades e posições sociais específicas: seu poder na sociedade fica associado ao tipo e nível de letramento que elas adquiriram (STREET, 2014, p. 125).

Sabemos que os diferentes letramentos se dão também fora dos muros escolares; que o letramento não precisa está associado à escola. Sabemos também que na abordagem intercultural que propõe Street (2007) a leitura e a escrita se realizam para além da escola. No entanto, estamos trazendo a escola como papel

ressignificadora desse cenário de preconceito que nos expõe Street nas pesquisas. Buscamos aqui encontrar não uma “superioridade de letramento escolarizado”, mas uma rede de trocas, de experiências, de saberes, onde a escola e os contadores, com suas culturas, dialoguem; a oralidade e a escrita, nas práticas letradas, se encontrem. Uma demanda intercultural.

Numa análise empírica de um currículo contextualizado de uma escola, presenciei práticas letradas num evento oral. A escola, como agência de letramento, fomenta atividades que integram de modo natural à inserção da linguagem oral, embora seja tratada como eixo de orientação curricular oficial há tão pouco tempo. Sendo esse eixo um objeto de ensino-aprendizagem de modo bastante significativo.

Numa abordagem qualitativa que permitiu compreender para além de números, usei a observação participante (GIL, 1990) como técnica, adentrando na vida da cotidianidade de uma comunidade escolar no semiárido baiano, para presenciar a culminância de um Projeto Pedagógico vivenciado nessa escola. A mesma saiu do seu chão com seus alunos e foram permear por outras vielas. Forjou situações de interesses dos alunos, buscando para além da escola trazer a cultura da comunidade, suas crenças, saberes, histórias, tradições, costumes, e criando táticas, como a construção coletiva de Projetos pedagógicos que trouxeram para dentro da escola a realidade local, fomentando “uma identidade crítica e cultural” nos sujeitos inseridos no contexto escolar. Observei ali, um currículo para além do escrito, do exigido. Um currículo contextualizado.

Assim, a escola a qual trato nessa discussão, traz nos seu currículo demandas específicas, num enredo local para um desfecho global e encanta através das práticas da pedagogia de projetos, a exemplo do Projeto pedagógico “Desvendando a história, cultura e religiosidade da minha comunidade”¹², esse projeto envolveu todas as disciplinas desde a Educação Infantil, Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, desenvolvido durante dois meses no segundo semestre de dois mil e catorze, sendo a conclusão no mês de novembro.

¹² Trago mais detalhes desse Projeto no capítulo quatro do itinerário metodológico, bem como no capítulo das análises.

Mostra-se nesse projeto o cuidado com seu território, onde buscaram mergulhar na história de sua comunidade e desvendaram o Distrito de Maniçoba/BA, viajaram pela cultura do seu povo, pelas peculiaridades da sua história e pelas belezas naturais, e como está escrito na proposta do Projeto, “aflorando assim o orgulho de ser Maniçobense e despertando o desejo pelo conhecimento”.

Assim, atividades com as práticas orais e de letramentos foram sendo estimuladas com a mesma relevância e imbricadas, visto posto, que foram desenvolvidas atividades com antigos moradores, sendo, entrevistas, conversas, palestras. Permitindo que os alunos constatassem um passado ainda presente, realizando perguntas e ouvindo histórias de quem as viveu, compreendendo melhor os conceitos de identidade coletiva, patrimônio material e imaterial.

Desse modo, se debruçaram nas vozes. Vozes vivas. Vozes da cultura quilombola e da tradição da dança de São Gonçalo, na comunidade de Mulungu; o caruru feito na festa de Cosme e Damião na comunidade de Boqueirão; o Samba de Veio e a Bandeira do Rosário na comunidade de Conchas, além de conhecerem e baterem um papo com o Senhor Bertolino Alves, contador de histórias e escritor dessa mesma comunidade, sujeito ilustre; também ouviram sobre o Reisado na comunidade da Santa Inês; a história da Quadrilha Luar do Sertão de Maniçoba I; visitaram a Rádio Comunitária em Campos; a história do artista plástico Ledo Ivo, famoso no mundo da Comunidade de Lagoa da Pedra; bem como a importância da irrigação para todo o Distrito no Projeto Irrigado de Maniçoba, o riacho do Boqueirão e a barragem no Assentamento. Encantaram-se com as narrativas dos contadores de histórias nas várias comunidades, e os rezadores e benzedores. De fato, as práticas orais, se realizaram nas produções (falar), na audição (ouvir) e na compreensão.

Diante de tudo isso, ao mesmo tempo, se concretizava os eventos e as práticas de letramentos. Surgiram as produções: Diário de Bordo, contendo registros das experiências das diversas viagens; um Jornal Escolar, para as diversas notícias e novidades observadas nas visitas de campo através de fotos e registros; um Livro de Memórias, com a participação dos contadores de histórias; uma cartilha/livro foi criada com as músicas cantadas em cada apresentação das diversas manifestações

culturais e a produção de um CD com essas músicas; a criação de um Vídeo com o roteiro turístico das comunidades e a produção do Livro de Cordel contando a história das personalidades de cada comunidade.

Satisfeita com o envolvimento de toda comunidade escolar a Gestora falou sobre a realização do projeto

“O principal objetivo dessa experiência foi despertar nos alunos o interesse por nossa comunidade, levando em consideração que a evolução de uma sociedade acontece mais amplamente quando compreendemos o contexto social no que estamos inseridos. Conhecendo nossas possibilidades e necessidades podemos fazer o que realmente necessitamos para que a mudança aconteça. Além de que, com as saídas de campo, teremos um maior envolvimento com as matérias trabalhadas em sala de aula.”(Ruzia do Nascimento Lima , Gestora da Escola Municipal Dois de Julho, 2014)

A proposta de trabalho dessa escola vai para além do currículo, se torna visível quando se desvela, reconhecendo-se e fazendo-se conhecer no contexto do semiárido baiano. Assim, assume a educação como um direito social que emana de um povo rico de diversidade, perpassando do “currículo escrito” como expõe Goodson (1998) para um currículo de significados, onde de acordo com Silva (2010, p. 10) “o currículo deve ser visto como prática cultural e como prática de significação”. E a vivência desse projeto pedagógico por todos na comunidade escolar em questão, mostra de maneira clara, essa relação.

Pontuo nesse espaço, um pouco sobre os contadores de histórias que também fizeram parte desse Projeto Pedagógico, onde nos últimos anos, houve um aumento significativo de interesse pelo estudo de narrativas. O ápice desse projeto se deu através de um evento oral, com apresentações de danças, músicas, recitação de poemas e contação de histórias, e as práticas de letramentos inseridas, pois nos estandes se encontravam todas as produções dos alunos realizadas durante o processo de vivência do projeto. Cordel, Jornal, Cartilhas, convites, desenhos, fotos e vídeos. O que foi dito foi escrito.

A escola como agência de letramento, deve se reconhecer como mais um espaço de práticas de letramento e oralidade, não deve se preocupar apenas em ensinar os usos formalizados da língua e a sujeitar o oral às convenções da escrita; não deve privilegiar a língua escrita sobre a oral (STREET, 2014, p. 133/144). Não deve

marginalizar os letramentos que os alunos trazem de casa, sinalizando que os alunos e os contadores de histórias não têm letramentos, isso é contribuir com um discurso hegemônico, que não dialoga com outras culturas. Trago aqui uma história que Brian Street nos coloca, a partir da etnografia, compreendendo melhor o letramento diferente das práticas já abordadas acima pelas instituições de ensino, diz a história de uma tartaruga e alguns peixes:

“uma tartaruga resolveu deixar a água e ir para terra seca e a ao voltar contou para os peixes a maravilha de estar em terra seca, porém eles ficaram sem acreditar como era possível e pediram mais explicação: em terra seca? De que a senhora está falando? Essa terra seca é molhada? A tartaruga respondeu: Não, não é. Lá é fresco? Não, não é? Tem ondas? Não, não tem. Lá se pode nadar? Não, não pode.

Os peixes disseram: Não é molhada, não é fresco, não tem ondas, não se pode nadar. Portanto, essa terra seca de que a senhora está falando não deve existir. É coisa da sua imaginação. Não é real.

A tartaruga disse: É, pode ser. (...) Os peixes disseram para a tartaruga: Não nos diga o que não é. Nos diga o que é”. Não consigo, disse a tartaruga: Não tenho uma língua para descrever isso.”

Assim, refletimos que a negatividade está presente na nossa história, “os contadores não sabem ler e nem escrever”, “os alunos não sabem ler”, ou melhor, “não sabem escrever” e com esses discursos a escola como espaço de práticas de letramentos, inicia pela via errada, sempre com a ideia do letrado e não-letrado, alfabetizado e não-alfabetizado. Diante do relato, a escola deve ficar atenta ao que os alunos têm e não no que não têm. Deve dizer aos peixes o que é e não o que não é. Dessa maneira fugiria do quadro dominante imposto na sociedade. Os sujeitos não são “tábuas rasas”.

A partir desse contexto, ressalto que a escola e os alunos, sujeitos da nossa pesquisa, com os contadores de histórias estariam inseridos no processo dialógico, onde as relações estão envolvidas, na lógica do empoderamento. Visto aqui, no sentido de fortalecimento e evolução entre as duas partes, pela conquista, pela valorização e reconhecimento da importância da cultura local.

Como duas culturas distintas se entrelaçam? Como elas dialogam sem invadir a outra cultura? Na cultura das narrativas orais os fios se tecem à medida que contribuem no chão da escola através das contações de histórias, o contador nesse outro chão deixa uma mensagem de sabedoria, e não raras vezes, uma lição de vida como dever de casa. Para Bauer e Gaskell (2002) parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar histórias, acrescentam eles ainda sobre o ato de contar histórias

Contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente, do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através das narrativas as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social (BAUER; GASKELL, 2002, p.91).

E essa forma elementar de comunicação inerente ao ser humano deve ser reconhecida pela cultura escolar como um fio necessário a essa outra cultura. A cultura letrada, trato aqui a escrita como eixo norteador das atividades realizadas na escola, onde dialogando com a oralidade, no caso das narrativas orais dos contadores de histórias, fomenta o trabalho da escrita apenas como instrumento comunicativo que se relaciona com a tradição oral, este processo de inter-relação deve ser um ato dialógico, sem imprimir a força dominante que instituíram à escrita, lembrando aqui, que essa força dominante nasceu no princípio do desenvolvimento moderno, onde o ocidente disseminou pelos quatro cantos que a invenção da escrita era “um feito do homem civilizado”.

Sobre essa invenção, a questão não é a introdução da escrita na tradição oral, mas a sobreposição que uma quer ter sobre a outra, criando situações de superioridade e inferioridade, dominante e dominado, inclusão e exclusão, letrado e não-letrado, nesse embate quem não sabe ler fica às margens, num território árido, solitário, às margens. Uma realidade cruel. Calvet (2011) alerta que a introdução da escrita em uma sociedade não é fator de destruição. Revela-nos nas suas pesquisas que tanto a sociedade de tradição escrita como a de tradição oral desempenha seus papéis sem sobrepor a outra, alerta ele

Nas sociedades de pastores, a criança “tem” muito precocemente um rebanho que ela mesma administra sob a supervisão de seu pai; ela aprende a contar seus animais, a tratá-los, interessa-se pela

reprodução etc. Poderíamos desse ponto de vista, alinhar numerosos exemplos que nos mostrariam todos a mesma coisa: toda sociedade tem necessidade de se transmitir, de transmitir seus conhecimentos, suas descobertas, suas técnicas; e ela mesma se dota dos meios de transmissão. Na sociedade de tradição escrita, a escola desempenha esse papel, mas ela é apenas uma forma de resposta entre outras para esse problema fundamental que as sociedades de tradição oral também resolveram (CALVET, 2011, p. 143/144).

Notei também que na cultura dos contadores o ato de contar história vem da prática dos saberes da tradição oral, uso da memória viva. Na cultura escolar há um fomento a uma prática com saberes da tradição escrita. Embora a nossa escola já fomente a primeira também. Até porque na perspectiva intercultural, as duas práticas se dão na interação, duas culturas num mesmo espaço, resolvendo seus conflitos através do diálogo. Integrar e conviver nessa “arena de conflitos” não quer dizer submissão de uma das partes, mas questão de resolução de conflitos através de diálogos.

Então, podemos na concepção intercultural, sinalizar que o contador de história, pode atuar como professor de “história e de poética”, pois segundo Calvet (2011, p. 142) ele tem uma função muito mais importante, ele é a memória histórica. Um outro se dando com o outro. Fios tecidos, linhas diversas, culturas entrelaçadas, tapete tecido.

Por fim, neste capítulo, assim como eu contei, enveredamos por duas tradições que permeiam a sociedade, são elos para a comunicação humana, a Tradição oral e a Tradição escrita. Discutimos a oralidade e o letramento num contínuo, passeamos pelas discussões das narrativas orais e fomos desembocar numa abordagem do letramento no viés da interculturalidade, reforçando que a escrita é uma prática de força à cultura oral ou vice e versa, trazendo a importância do processo da retextualização como fomento à prática escrita da prática oral, bem como nos deparamos que há diálogos possíveis entre duas culturas, no nosso caso, os contadores (como agentes de letramentos sociais) e a escola (como agência de letramento escolarizado), mas que ambos interagem de modo a contribuir com a cultura local.

Para encerrar esse diálogo, como os contadores dizem: “passei o assunto” adentremos no próximo capítulo que traz a discussão metodológica, mas também já

sinalizando alguns resultados e análises, pois quem conta uma história sempre gosta de aumentar um ponto antes da hora. Escutemos esse percurso. .

4 CONTANDO O ITINERÁRIO METODOLÓGICO ATRAVÉS DA PESQUISA QUALITATIVA

"Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num compito".

Guimarães Rosa

4.1 A TÉCNICA DA TRIANGULAÇÃO: cruzando as informações entre métodos e técnicas

Nosso trabalho demandou uma pesquisa nas nuances das abordagens qualitativas. Para Bauer e Gaskell (2002, p. 23) neste tipo de pesquisa os números são evitados, e assim lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada uma pesquisa soft, ou seja, leve, deste modo, queremos aqui dar vez e voz aos informantes. Minayo (2001 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32) diz que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Por essa pesquisa não se tratar de um esquema de generalização, mas de valorização do ser humano, no nosso caso, dos nossos contadores de histórias, nos permitiu nessa abordagem investigar a partir do contexto à significação, nos levando a um cômputo.¹³ Logo, me deparei numa encruzilhada que permitiu visualizar e confirmar as nossas pressuposições. Assim, vislumbrei algumas veredas.

Para Bogdan e Biklen,

a abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos imita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p. 49),.

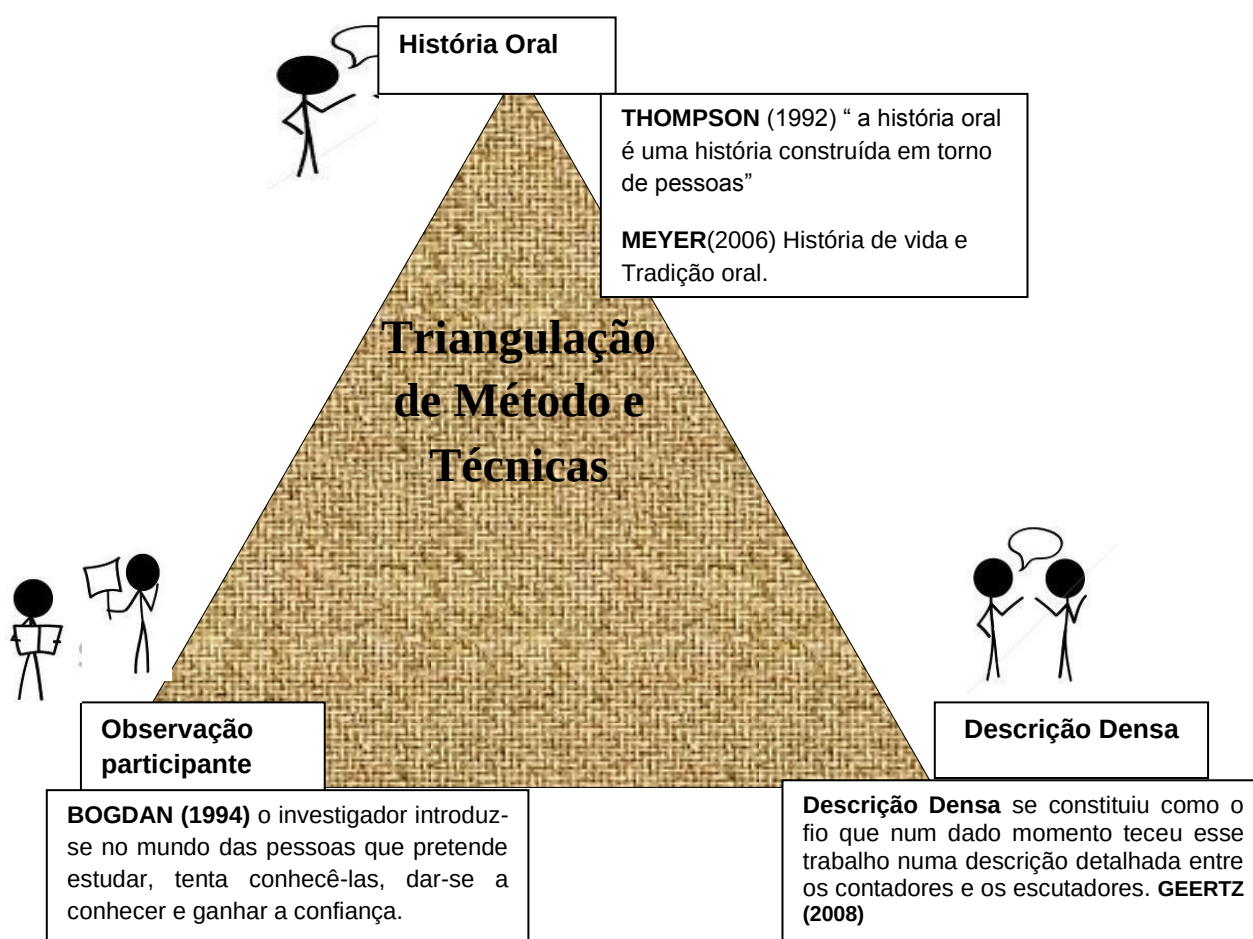
Então, para que nenhum detalhe escapasse dos olhares investigativos foi preciso pensar em métodos que fomentassem pequenos gestos, que a princípio poderia ser

¹³ Local em que desembocam vários caminhos; lugar em que caminhos se cruzam; encruzilhada.

banais, ou triviais, mas que foram relevantes para a consistência da pesquisa. Um projeto pedagógico, por exemplo, que é uma proposta cotidiana de uma escola, chamou a atenção para o cuidado e boniteza do povo da sua comunidade, onde os Contadores de histórias foram os ilustres nessa jornada pedagógica, e só estando lá para presenciar o brilho do olhar de cada um deles.

Segue uma ilustração para visualizarmos a proposta trabalhada com os métodos e técnicas abaixo:

Figura 01 – Ilustração do Entre-triangulação



Fonte: NOGUEIRA, S, 2015.

Diante dessa configuração, esse trabalho desembocou numa triangulação de método e técnicas, por acreditar que a ênfase na triangulação como um estudo de combinação de métodos e técnicas pudesse dar mais aprofundamento e ampliação

aos nossos estudos, para Erickson (2001, p. 41) “tem-se uma evidência mais forte do que se a evidência viesse apenas de uma fonte de informação”.

Nesse sentido, essa proposta nos permitiu estudar o mesmo fenômeno em diferentes metodologias (DENZIN, 1970 apud FLICK, 2008, p.62), assim, essa pesquisa abordou a investigação por três ângulos ou pontos, como propõe a triangulação. Flick (2008, p.61) lembra que Campbell e Fisk (1959) foram os introdutores da triangulação na discussão da metodologia das ciências sociais, numa discussão de sentido metafórico, pois foi importada da navegação e da estratégia militar que usam vários pontos de referências para estudar o mesmo objeto. Adentrei, desse modo, em três veredas. Lembro aqui, que não quis apenas combinar métodos e técnicas para coletar dados e analisá-los, mas sim, produzir conhecimento em diferentes ângulos, dando ênfase nas descobertas que fazem a diferença na vida dos envolvidos, contribuindo para a pertinência da pesquisa.

Como foi exposta acima, na figura 1, a postura metodológica desse trabalho deu-se nas naturezas da **História Oral, Descrição Densa e Observação Participante**, pois deram conta na investigação das práticas da contação de histórias, que é tradição no Vale do São Francisco, especificamente em Maniçoba- Juazeiro/BA.

- **História Oral – o que ouvi nesse método**

Segundo Thompson (1992, p.44) “a História Oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação”. Assim, alguns dados foram levantados a partir dos relatos sobre as contações de histórias através dos contadores, bem como a história de vida deles.

Também, busquei em Meyer (2005) as categorias por ele propostas, História Oral de Vida; História Oral Temática e a Tradição Oral. No caso dessa pesquisa enfatizei a primeira e a última categoria.

A História Oral de Vida trata da experiência vivida da pessoa, no caso em questão a história de vida dos contadores de história; e a Tradição Oral para compreender a prática social dessas contações na comunidade numa rede de transmissão, como elas se mantêm vivas através do tempo.

Por essa vereda, ouvi muitas histórias, e usando a técnica da entrevista narrativa, tendo em vista que esta técnica é uma situação que encoraja e estimula um entrevistado (informante) a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social, sendo esta técnica para gerar histórias, bem como aberta aos procedimentos analíticos que seguem a coleta de dados, também, a mesma é adequada à pesquisa qualitativa, e considerada como uma forma de entrevista não estruturada, que tem suas características específicas (BAUER; GASKELL, 2002, p. 95). Acrescento ainda, que é denominada “não-diretiva, onde o entrevistado foi solicitado a falar livremente a respeito do tema pesquisado” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009. p. 72).

Assim, marquei com os cinco sujeitos da minha pesquisa o primeiro encontro. A princípio com três dos cinco contadores na casa de um casal amigo, meu e deles. O lugar foi no Lote 72 do Distrito de Irrigação de Maniçoba. Tarde fresca. Debaixo de um pé de manga. Bolo de milho e café foram servidos. Cortesia da dona da casa. O primeiro a chegar foi o senhor Mariano, depois Reinaldo e por último o senhor Bertolino.

Foto 1: O Senhor Bertolino Alves no nosso primeiro encontro em Maniçoba



Fonte: GONÇALVES, 2014.

Tivemos de início, uma conversa informal. Apresentei a minha intenção como pesquisadora. Aproveite para reunir algumas informações (endereços e materiais) e também para marcar as entrevistas. Sem esperar, algumas histórias, ou causos, como eles denominam, foram contadas. Rimos bastante. E, aliás, fiquei sabendo de outros nomes de pessoas que também contavam histórias. Estava com um tesouro na mão. Pois descobri que numa comunidade do semiárido baiano, de fato, mantinha uma tradição. A tradição de contar histórias.

Em outro momento, marquei um encontro com Dona Jardimina para também conversarmos e realizarmos a entrevista narrativa, porém, com muito pesar, no processo de coletas de dados, já com algumas entrevistas gravadas, histórias contadas, poemas recitados quis a Providência Divina levá-la antes da conclusão dessa dissertação, nossa querida faleceu no dia 24 de abril de 2015.

E por último, conheci Dona Deijanira. Num bate papo agradável, no seu belo jardim.

Como nossos contadores são cinco, achei por bem trazer a entrevista narrativa com apenas três deles, dois homens e uma mulher, pois foram suficientes para perceber se as histórias por eles contadas seriam inventadas ou criadas a partir de situações reais, bem como compreender porque as narrativas orais permanecem vivas através do tempo.

Nessa vereda, entrevistei Reinado José, o mais novo da turma. 50 anos de idade. Iniciei pedindo que ele me contasse um pouco da história da sua vida. Nasceu em Maniçoba, distrito de Juazeiro BA. Cresceu ouvindo histórias de seus pais. Tudo era motivo para um caso. Estudou na própria região. Fez apenas o segundo grau. Trabalhava em lotes, no plantio da manga. Não deu outra, foi ser agricultor. Na sua narrativa, disse-me que suas histórias não são inventadas por ele, são histórias que seus pais já contavam a partir de situações reais, geralmente para dar lição de moral nos filhos, ou nos mais moços. Causos reais, que serviam para ensinar. Também, ele guarda de cabeça as histórias de outros contadores. Cita o senhor Hermelindo, já falecido, para ele, um grande contador de histórias de vaqueiros e boiadas. Disse ele: *“as histórias que conto tá tudo na cabeça. A memória é o meu gravador”*. Lembra-se de fatos marcantes da sua vida. Uma delas, diz ele: *“Eu alcancei, isso é fato, a gente sentava pra jantar, sentava todo mundo na mesa num horário só, e a*

gente só podia botar a comida depois que meu pai botasse a dele. E aí eu acho que eram em todas as famílias daquela geração. E pra ensinar a gente, meu pai, Zé Sabino, contava essa história, num foi com a gente não, mas ele contava assim: Uma família sentada na mesa para jantar. Um menino, é, disse: - papai já que o senhor tá com a mão na massa, passa essa farinha pra cá. Mas o pai achou aquilo o maior desaforo do mundo, o filho dizer isso com ele, pra ele foi um desaforo, né? Aí, mesmo assim, ele passou a farinha pro filho. Aí (o tempo) passou, passou, passou, ele pegou um outro filho pra dar uma surra, aí disse: - ah! Já que eu tô com a mão na massa, venha você também. E meteu a peia no filho (aquele do desaforo)”.

Esses causos que Reinaldo conta faz parte de uma coletânea, não criadas por ele, mas que já vêm de longe. Passando de geração a geração. O pai de Reinaldo contava histórias, o amigo da família, Senhor Hermelindo, também. Nessa entrevista, no entanto, o nosso contador disse que na sua casa só ele conta histórias, suas filhas não puxaram a ele, “*mas tem uma que gosta de contar piada, leva jeito*”, disse ele, se referindo à filha mais velha que com orgulho está se formando em Pedagogia. Com essa entrevista narrativa, quase não interferi. Essa técnica permitiu deixar solto o nosso sujeito. Que além de contar a sua história, contou muitas outras histórias.

Nos últimos anos, ouve um aumento significativo de interesse pelo estudo de narrativas. “Este renovado interesse com narrativas e narratividade tem suas origens na Poética de Aristóteles – está relacionado com a crescente consciência do papel que o contar histórias desempenha na conformação de fenômenos sociais. No despertar desta nova consciência, as narrativas se tornaram um método de pesquisa muito difundido nas ciências sociais” (BAUER; GASKELL, 2002, p.90).

Nosso segundo entrevistado, nos traz a sua história de vida, com muito orgulho. Seu Bertolino Alves do Nascimento se diz um homem realizado. Nasceu no Sítio Conchas. Sertão do semiárido baiano. Ao nascer foi pego por uma parteira no dia 11 de outubro de 1946 e para honrar a memória do seu avô colocaram-lhe o nome de Bertolino. Conforme tradição, foram três fogos estourados para avisar a vizinhança que um “macho” havia nascido, se fosse mulher seria apenas um.

Cresceu na região. Estudou e ao se deparar com o ato de lecionar, o Senhor Bertolino nos narra que foi uma experiência única. Vinte anos de sacerdócio na educação, para ele ser professor é um sacerdócio, contribuiu desde o ensino com crianças a jovens e adultos. Cativou, orientou, e com a comunidade lutou para que tivessem um ano inteiro de estudos, um ano letivo, já que era esporádica a educação no ano de 1966. Objetivos alcançados. Educação no campo do campo para o campo. Não sabia, mas contribuiu vinte anos para uma Educação Contextualizada. Martins (2011, p. 53) nos esclarece que “a “Educação Contextualizada” não se trata apenas de uma questão meramente estética, mas de uma política de sentido”. Nosso sujeito/contador de histórias tratava de temas específicos da realidade, “da cultura, dos saberes, dos sentires” de seus alunos, ora crianças, ora jovens, ora adultos. Uma história no sentido político.

E na sua trajetória de vida se orgulha de um fato marcante. Contou que foi através do Bispo D. Geraldo, Irmã Jandira e Padre Guilherme da Diocese de Juazeiro/BA que teve a honra de conviver com Paulo Freire na cidade de Carnaíba no ano de 1983, essa convivência foi apenas de quinze dias, mas suficiente para descobrir a sua condição de oprimido, e tomou coragem para lutar e enfrentar os opressores que adulteravam as histórias, e passou não só ouvir e contar histórias, mas também a escrever livros para que ninguém se esquecesse do passado rico de histórias, estas reais, verdadeiras. Para Paulo Freire (1987) essa coragem vem de uma violência desumanizada dos opressores, o mesmo afirma que

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos (FREIRE, 1987, p. 16).

Conhecer a história de Paulo Freire é certamente conhecer uma história de vida prestada à educação, ao povo, ao homem novo e a mulher nova. É possível sonhar a boniteza da vida. Nosso sujeito/ator/contador de histórias se faz presente nessa história freiriana, pois viu no discurso desse educador a condição de liberdade, e com essa história buscou “libertar a si e aos oprimidos”. Aos 69 anos é presença viva na sua comunidade, numa busca constante da liberdade. Não para, é um ser em

movimento, envolvente, está presente sempre, numa luta constante. Paulo Freire (1987) já visualizara sobre esses sujeitos e a liberdade quando afirmou que

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos (FREIRE, 1987, p. 18).

Nessa inclusão, o Senhor Bertolino na sua narrativa disse que escreveu quatro livros, todos tratam do outro, sobre a história de vida das pessoas da sua comunidade e também da sua história, disse ele, “até esnobei”, mas usa seu dom de contador de histórias e colocou num papel seu ato de libertação, as pessoas, disse ele, precisamente os jovens, “precisam engajar-se na caminhada, na busca de mudanças para se construir uma sociedade mais justa e igualitária”.

Esse contador de histórias, também escritor, tem fortemente no seu discurso a voz de Paulo Freire. Nosso contador é admirado, mirado por onde passa. Freire (1981, p.31) disse que “a operação de mirar implica noutra – a de ad-mirar”. Continua ele, “Ad-miramos e ao adentrar-nos no ad-mirado o miramos de dentro e desde dentro, o que nos faz ver.” Com suas histórias, agora escritas, Bertolino Alves do Nascimento, morador de Conchas em Maniçoba/BA, é ad-mirado, amado e muito festejado.

Busquei na História Oral de vida para descobrir as ações realizadas pelo sujeito aqui compreendido, o Senhor Bertolino, através das narrativas por ele contadas, onde foram realizados dois encontros e através da entrevista narrativa o nosso protagonista, durante duas horas no primeiro encontro e trinta minutos no segundo encontro, nos narrou toda a sua trajetória de vida e dedicação ao povo do seu município, Maniçoba/BA. De acordo com Thompson (1992, p. 26), a História Oral deve ter um julgamento imparcial, “as testemunhas podem ser convocadas entre as classes subalternas, os desprestigiados e os derrotados”. Nesse itinerário, a entrevista narrativa foi considerada como a melhor ferramenta para colher as informações necessárias a esse trabalho, pois ela nos permite reconstruir acontecimentos sociais a partir das perspectivas dos informantes, tão diretamente quanto possível (BAUER; GASKELL, 2002, p. 93) e deste modo encoraja e estimula

o nosso entrevistado a contar a sua história, a sua influência no contexto social de onde mora. Lembrando aqui, que as entrevistas foram gravadas.

Entende-se, neste trabalho, a importância desse ator, que é um sujeito-nos-sujeitos, numa reflexão-ação, com sessenta e nove anos de idade, casado, nove filhos, nascido e criado em Conchas/Maniçoba no semiárido baiano, onde não bastou apenas sustentar sua família com sua labuta diária, mas foi preciso também sustentar o próximo, com suas palavras, ações, dedicação para a permanência e convivência no seu semiárido chão.

Desde cedo já contava histórias, causos, que era para alegrar quem a ele escutava. Suas histórias são causos já contados por outros do passado, que ouvia, algumas escreveu e outras, guarda na memória. Para ele essas histórias eram “histórias de trancoso”, aprendeu com os mais velhos contadores de histórias a recitar os versos sempre no final das histórias: *“Entrou pele perna dum pinto/Saiu pela perna dum pato/ Sinhô rei mandou dizer/que contasse vinte e quatro.”* E continua na sua narrativa, que as histórias que as pessoas contavam eram de cunho real. Sentavam nas casas em varandas ou terreiros para ouvirem causos, esses verídicos, que tratavam da comunidade.

Numas delas, ele trata de nos contar sobre seu Lino e a barca de sua mãe: *Um certo dia, estavam trabalhando na roça próximo ao rio, Seu Lino, além de outros companheiros, quando de repente avistaram uma barca que vinha descendo o rio abaixo. Matreiro, como ele só, Lino começa a dizer:- La vem a barca de mamãe!*

Os demais companheiros que nem de longe imaginavam ser uma jogada inteligente, iniciaram a gozação: - Onde que sua mãe já possuiu barca coisa nenhuma seu moço!

- Após eu vou mostrar pra vocês si eu tô mintino.

Já se encontrando mais próxima, Seu Lino se dirige até a beira do rio e fica aguardando a sua passagem. Como lá de dentro ninguém ousasse dizer nada, o velho provoca: - Ôh, mininos! Vá mi dizem aí de quem é esta barca?

Resposta – É de sua mãe, filho da égua!

Como de costume, ele açoita a perna pro ar e feliz da vida por ter obtido a resposta que esperava, desabafa (sorrindo): - oi aí mininos, provei o qui disse a vocês ou num provei?

Essas e outras histórias de cunho reais. Personagens reais. Situações reais. Transformadas depois em histórias. Histórias engraçadas, só para divertimento e/ou ensinamentos. Vivas até hoje.

Mais uma entrevista narrativa, nossa terceira personagem não está mais aqui conosco, como dissera antes, quis a Providência Divina levá-la antes da conclusão dessa pesquisa. No entanto, em memórias, trazemo-la para dar as devidas homenagens. Jardimilina Alves dos Santos. Nasceu numa fazenda em Maniçoba. Em 14 de Abril de 1930. Porém disse que completa ano em duas datas, o do seu nascimento, e a data a qual consta no seu registro, 24 de Maio de 1930. Considera-se uma guerreira. Uma mulher de fé. Orante. Fiel a Deus e a sua Igreja. Dona de casa, comandava tudo, as ordens ela dava. Era uma autoridade por onde passava. Numa missa em que presenciei observei que o pároco da Igreja não fez a oração final, foi D. Jardimilina quem encerrou com versos criados na hora, um poema-oração, tamanha era a sua força nessa comunidade.

Narra na sua casa, no seu quarto, fatos marcantes. Ela lembra que foi pedida em casamento pelo seu esposo Hermínio num lajedo grande e bonito, ainda jovem, com 17 anos de idade. O noivo fora para São Paulo, ela prometera esperá-lo. Durante a distância alimentaram o namoro por cartas. Três meses para poder receber a resposta. Mais de cinco anos se passara e quando ele voltou, cumpriu a promessa, casaram-se. Debaixo de um Juazeiro. Um amor para sempre. Disse-nos que certa vez o neto ficou na janela olhando o avô e a avó, abraçadinhos, dormindo juntinhos (mesmo o esposo já debilitado e a algum tempo só de cama). Assustou-se quando viu o neto ali parado e perguntou “o que foi meu filho”? O mesmo respondeu “ *que coisa linda vó, depois de cinquenta anos de casados vocês ainda dormem abraçados.*” “*É meu filho - disse ela - depois de tudo é só o amor que resta, só o amor*”. Percebe-se o cuidado com seu companheiro. Um amor sereno.

E perguntei: *e suas histórias, seus causos, dizem que a senhora conta muitas histórias?* Ela respondeu: “*depois a gente marca para eu te contar algumas, mas*

tem que ser de noite, porque de dia “cria rabo”. Caímos na gargalhada. Assim, terminamos a entrevista, da qual contou um pouco da sua história. Infelizmente, não marcamos outro dia/noite, para ouvir seus causos, poemas, orações em versos. Essa ilustre faleceu em 24 de abril de 2015. Aos 85 anos. Na África, o Griô era o contador de histórias, residia tudo na sua memória, quando morria já idoso, era como se uma biblioteca incendiasse. Com a partida de Dona Jardimina, talvez tenha acontecido o mesmo, pois guardava tudo na memória, não tinha nada registrado. O que recitava, contava, cantava e orava era o que ouvia dos seus antepassados. Mas fica a certeza que o registro na memória de seus filhos, netos e bisnetos permanecerão para sempre. No entanto, uma biblioteca fora incendiada.

Nos três casos aqui narrados, ao utilizar o método da História Oral para confirmar os nossos pressupostos, se as histórias foram inventadas ou vindas de situações do cotidiano, e como essas narrativas orais perpassam de geração a geração foi uma maneira de interpretar e compreender que essa prática não é recente nessa comunidade. Pois, além dos causos narrados, poemas são recitados, orações em versos, cantorias das rodas de São Gonçalo, Reisado, e a bandeira do Rosário, Mulinha e o Samba de veio fazem parte dessa comunidade, é tradição. A tradição oral por esses contadores é mantida através do tempo. Os estudos de Calvet (2011) afirmam que todos os contadores insistem no fato de que transmitem o que, por sua vez, lhes foi transmitido, que eles não inventam nada. O que confirmam nossos estudos. E que por mais que o tempo passe, elas serão contadas e recontadas, podendo até haver versões, mas sempre serão convergentes, como também salienta Calvet (2011, p. 52).

Nesse itinerário metodológico, escutei de maneira ativa, porém sem muitas intervenções, pois a pretensão ali era ouvir as narrativas referentes às experiências pessoais de cada contador. Buscando matérias relevantes. Um investigador qualitativo encontrará sempre material importante, ressaltam Bogdan e Biklen (1994, p. 87).

A entrevista narrativa como meio para as gerações de dados facilitou o apanhado desses. Deixar o contador à vontade para contar sua história é permitir liberdade. De

acordo com Bauer e Gaskell (2002) o ato de contar histórias dar maior autenticidade às pessoas, assim, afirmam eles

Comunidades, grupos sociais e subculturas contam histórias com palavras que são específicos à sua experiência e ao seu modo de vida. O léxico do grupo social constitui sua perspectiva de mundo, e assume-se que as narrativas preservam perspectivas particulares de uma forma mais autêntica (BAUER; GASKELL, 2002, p. 91).

Deste modo, ao utilizarmos a técnica da entrevista narrativa sugerida em 1977, pelo filósofo e sociólogo Alfred Schütze¹⁴, nos valem dela para reconstruir os fatos marcantes narrados pelos nossos sujeitos/contadores de histórias.

- **Descrição Densa – o que vi para além do olhar**

Com a técnica da Descrição Densa, tive a pretensão de descrever as práticas de contações de histórias dos contadores, para tanto busquei em Geertz (2008) que nos remete no seu livro *A Interpretação das Culturas* no capítulo 1 “Uma descrição densa por uma teoria interpretativa das culturas”, uma contribuição para vermos além do que se pode ver, numa interpretação que possa esclarecer e não confundir os leitores. Então, foi preciso não só ouvir nossos contadores, mas gravar o que estava sendo contado, transcrever o que foi dito (contado), anotar no diário de campo o que não pode ser gravado, observar atentamente, os gestos, as pausas, o olhar, as mãos, mas isso só não bastou, foi preciso manter um esforço para adentrar na cultura desse povo. Assim, peguei a segunda vereda como um caminho alternativo para chegar também com segurança.

Nesse atalho, Geertz (2008) nos trouxe a descrição densa que foi tomada como empréstimo a noção de Gilbert Taylor sobre as piscadelas¹⁵, bem como as rinhas de galo balinês¹⁶, onde pressupõe uma representação simbólica.

¹⁴ Citado BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 105.

¹⁵ A farsa de um amigo imitando uma piscadela para levar um inocente a pensar que existe uma conspiração em andamento.

¹⁶ “É apenas na aparência que os galos brigam ali – na verdade são os homens que se defrontam.” (GEERTZ, p. 188)

Nesse percurso da descrição densa percebi algumas sutilezas, e responder algumas inquietações, como: A Comunidade de Maniçoba estava contribuindo para a valorização destes contadores? Como as práticas de contações de histórias influenciam as práticas sociais na comunidade de Maniçoba - BA? Esses contadores são importantes para a comunidade? O que foi feito para manter viva essa tradição? Quem escuta estas histórias?

Assim como Geertz e sua esposa chegaram numa aldeia balinesa, um lugar pequeno, que para os quinhentos habitantes a aldeia constituía o próprio mundo, cheguei a Maniçoba com meu esposo pela primeira vez. Não é uma Aldeia, é um Perímetro Irrigado, com uma área territorial de 96km² pertencente ao Município de Juazeiro/BA no Submédio São Francisco, que tem 34 anos de implantação e funcionamento como Perímetro Irrigado, mas antes já existia esse lugar tão encantador, possui ao seu entorno 35 comunidades. Em média 18 mil habitantes.

A comunidade de Maniçoba é recheada de tradições, cultura e histórias, onde seus moradores se orgulham das suas heranças. Leva em consideração a sabedoria dos mais velhos, a criatividade da juventude, a curiosidade das crianças, e permite que gerações se encontrem, no espaço escolar, no clube, nas igrejas, nas famílias, para se deleitarem com histórias fantásticas, por contadores respeitadíssimos, que por onde passam são homenageados pela responsabilidade de preservar a história da sua comunidade, antes mesmo de ser considerado Distrito de Irrigação.

Num desses espaços, presenciei nas visitas à Escola Municipal Dois de Julho e no VI Festival de Conchas distrito de Maniçoba, o quanto as pessoas valorizam esses contadores, dando-lhes vez e voz. A tradição cultural de Maniçoba é extremamente cuidada. É respeitada.

Durante a realização do Projeto Pedagógico da Escola Dois de Julho, quatro dos cinco contadores inseridos nessa pesquisa foram homenageados. Os alunos fizeram visitas nas suas residências, querendo saber mais desses ilustres. Sobre suas vidas. Seus sonhos. Ouvir suas histórias. Crianças e adolescentes adentraram na cultura dos mais velhos.

Culminância do Projeto. Final de Novembro. Final de tarde quente. Na frente da escola tudo muito bem arrumado, decorado. Nada poderia faltar. Alunos, crianças,

jovens, professores, gestores, convidados, representantes da comunidade. O que a máquina fotográfica pode registrar o fez. Mas outros a tecnologia não pode captar. Olhos brilhando. Bocas abertas. Mãos abertas encostadas do queixo para o rosto. Sorrisos no canto da boca. Mãos nos quadris. Silêncio. Ouvir não bastava. Enxergar também. No ato de contar histórias, os escutadores também eram personagens. Nos passos das danças do São Gonçalo, da Bandeira do Rosário, e do Reisado, os espectadores também se deleitaram. Bonito de ver. As histórias, as danças, a poeira, a cantoria, o povo reunido. Foi um momento único para a valorização da cultura daquele lugar. Uma tradição. Ficou a certeza, não vai acabar.

Nessa descrição, lembro aqui, mais uma vez da nossa inesquecível Jardimilina. Dona Jardimilina. Fui buscá-la na sua casa para a culminância desse projeto. Convidada e homenageada pelos alunos e professores da escola Dois de Julho. Assim, escolhe sua roupa para se apresentar. Ali, presenciei sua eloquência. Estava numa cadeira de rodas, pois tinha a alguns meses fraturado o fêmur. Estava radiante, feliz pela homenagem. Alunos ficaram ao seu redor. Tudo muito espontâneo. Recitou um poema de Casimiro de Abreu, Meus oito anos. Devota de Nossa Senhora fez orações em versos. O olhar de uma criança-aluno parecia falar *“como ela decora isso?”*

Foto 2: Dona Jardimilina na Culminância do Projeto Pedagógico da Escola Municipal Dois de Julho em novembro de 2014



Fonte: NOGUEIRA, J, 2014.

Estava tudo na cabeça. Memórias. *“Ah, minha filha, tá tudo na cabeça. Nunca esqueci. Tenho uns causos que preciso lhe contar, nunca esqueci viu? Nunca esqueci”!* Disse ela. E olha que eu não perguntei nada. E ela simplesmente entendeu o nosso olhar.

Nesse mesmo evento o senhor Mariano, que também foi homenageado parecia não acreditar. Nervoso. O Seu Bertolino era só felicidade. Os dois estavam radiantes. Honrados. Nessa tarde deixaram os afazeres da lavoura. E vieram prestigiar o evento, ou melhor, eles foram prestigiados pelo evento. *“É bonito ver isso, a gente ainda vivo, ser reconhecido pela nossa cultura, pelo que a gente faz por essa comunidade, por não deixar morrer nossas tradições”* disse seu Bertolino, numa satisfação. São artistas anônimos. Numa riqueza cultural anônima.

Desvelando-se nesse momento para o mundo. Pois fotos, vídeos já estavam rolando nas redes sociais. Esse evento foi tão elaborado com etapas, bem produzido que no ano de 2015 a equipe gestora recebeu a visita de alguns representantes do MEC, pois com este trabalho participou do Projeto Mais Cultura – PDDE, dessa forma, tiveram que prestar conta através de registros, com fotos, vídeos, relatórios e produções dos alunos. Foram bastante elogiados. Uma vitória para a escola.

Foto 3: Seu Bertolino, Seu Mariano e Dona Jardimina no estande preparado só para eles com as produções dos alunos



Fonte: NOGUEIRA, J, 2014

Também, em outro evento, no VI Festival de Arte, Cultura e Meio Ambiente em Conchas, uma comunidade pertencente à Maniçoba, e lugar onde reside o senhor Bertolino, fui presenciar de perto esse que é o evento mais esperado do ano dessa comunidade. Nosso contador de histórias é o responsável em preparar essa festa junto com a equipe da Associação de Lavradores de Conchas. O senhor Bertolino atualmente é o secretário. Antes já fora o Presidente. O evento sempre é realizado no mês de Março. Carinhosamente sua equipe o organiza com o objetivo de valorizar os artistas da região, preservar a cultura e chamar a atenção para os cuidados com o meio ambiente. A programação foi feita para dois dias. Sábado e domingo. Muitos convidados, escolas, políticos, comunidades vizinhas.

Nesse evento, há desde exposição de artesanatos locais, cantorias, degustação de produtos da agricultura familiar local, partida de futebol, danças de São Gonçalo, Bandeira do Rosário, Reisado, Samba de veio, palestras sobre a preservação do meio ambiente, visitas às margens do rio São Francisco para a recomposição da mata ciliar, contação de piadas e claro, não podia faltar, as histórias de trancosos, contados pelos velhos contadores de história. Até premiação tem para os melhores.

Foto 4: O Senhor Mariano de vermelho e as crianças ouvindo suas histórias no VI Festival de Arte, Cultura e Meio Ambiente em Conchas/Maniçoba-BA



Fonte: NOGUEIRA, S, 2015

Diferente de Geertz e sua esposa que se sentiram invasores e foram ignorados pelos balineses, passando despercebidos, foram “criaturas invisíveis”, eu e meu esposo, fomos bem recebidos. Queríamos passar despercebidos para não influenciar nos dados que seriam coletados. Mas não fomos. Fomos até apresentados lá no palco central. Ocupei ali um lugar de destaque. Mas fiquei atenta.

Foto 5: Eu e o Senhor Bertolino na abertura do VI Festival em Conchas



Fonte: NOGUEIRA, N, 2015.

Era o primeiro dia do evento. Sábado à noite. Muita gente. O espaço era bastante amplo. Ainda em construção. Um terreno cedido para a construção do Clube de Conchas. O que estava pronto era o palco. Cadeiras. Iluminação. Carro de som chamando a população. Fogos. Barracas. Bebidas. Animação. O Senhor Bertolino traz consigo a vontade de preservar as tradições do seu pequeno chão. Questão de paixão, disse ele, pelo seu povo, sua comunidade, sua cultura. Não pode tudo isso acabar. Para ele, juntar idosos, crianças, jovens e adultos nesse evento é a sua maior alegria. E ver sua família, esposa, filhos, netos e bisnetos envolvidos, também lhe traz muita felicidade.

Foto 6: Senhor Bertolino e os tocadores de São Gonçalo no VI Festival de Conchas



Fonte: NOGUEIRA, S, 2015.

Muito arrumado. Camisa listrada de azul e branca. Calça cinza. Sandálias de couro. Impecável. Havia um respeito grandioso por aquele homem, tão franzino, magro, negro, simples, de voz mansa. Pediu para que todos ficassem de pé para ouvir o Hino de Maniçoba, de sua autoria e de dois filhos. Todos em sentido de respeito não só escutaram como também cantaram. Muito bonito.

Os grupos de danças se apresentaram. O público cantava e dançava junto. Depois, o senhor Mariano, nosso contador de histórias, também fez sua apresentação, pois estava inscrito para mostrar seu talento. Todo pronto. Elegante. Camisa vermelha. Calça preta. Sorriso tímido. Muito gentil. Um abraço amoroso recebi desse amigo. Não fez de rogado, começou suas histórias sobre a cultura local, o Rio São Francisco, preocupado, demonstrando que se não cuidassem poderia morrer. Pois, se antes muitas família se reuniam nos batentes das casas, nos terreiros, hoje “*tá mais fraco*”. E começou dizendo: “*Eu vim somente contar um pouquinho da história do nosso rio e também da nossa cultura, pra resgatar um pouco da memória, né? Eu me lembro muito bem que* (começa um repente) – *Na lua cheia se juntava no terreiro...* – para e diz: *Oia, como ela tá bunita, a lua, bem bunita, num tá? Se faltasse luz agora num fazia perigo, num era? Pois era assim que nois fazia* (nesse

instante todos olham para a lua cheia, clara, linda, depois se voltam para nosso contador, o mesmo dá continuidade ao repente) – *Na lua cheia se juntava no terreiro pra contar muita história e aboio de vaqueiro/ mas cadê?, cadê? cadê?/A nossa cultura morreu e o culpado foi você/Nossa cultura viveu/ e o responsável é você*”.

Segundo Geertz (2008, p. 40) “é preciso mergulhar no meio das dimensões simbólicas da ação social – arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum”. De fato, mergulhei, embora não tão profundo, mas no raso deu para descrever a sensibilidade de um povo que preza pela sua cultura, pois desperta na criançada o valor da preservação das suas raízes culturais.

Foto 7: Estande de artesanatos no VI Festival



Fonte: NOGUEIRA, S, 2015.

Nesse evento, todos estavam envolvidos. As crianças queriam ocupar os primeiros lugares na frente. Os idosos estavam todos assentados. Jovens deslumbrados, parados. Não há idade para os escutadores de histórias. Não tem um público alvo àqueles que escutam histórias. Todos ficam encantados. Reconhecem-se nessas histórias. São suas histórias. As histórias de seus pais e avós. São suas raízes ali representadas. Sejam nas histórias, sejam nas danças, nas cantorias.

De fato, essa tradição influencia muito nas práticas sociais dessa comunidade. Atentar-se para a escuta, para os passos. Refletir sobre o dito. Reconhecer os personagens. Vê-se nessas histórias. O dia a dia desses escutadores remetidas nas

histórias. Vi aqui experiências transmitidas a jovens e crianças, que tenho esperança que darão continuidade a essas práticas. Sobre isso, Benjamin (1987) nos contempla que a prática de contar histórias está no domínio das experiências dos mais velhos, mas questiona se ainda existe essa prática nos nossos tempos, indaga ele

De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração a geração? Quem é ajudado, hoje por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1987, p. 114).

De fato, a experiência dos mais velhos, nessa noite, nesse evento, era o cume principal, Seu Mariano, Seu Bertolino, Dona Adília e Dona Gonçalinha, mostraram como muita eloquência suas experiências e passaram para aquela geração futura muitos conhecimentos do seu povo, das suas tradições. Aqui encontramos pessoas que ainda transmitem palavras duráveis, creio que o anel será repassado, pela quantidade de jovens, crianças e famílias reunidas nesse lugar.

Diante do contexto, por essa vereda, descobri que para analisar e descrever como maior profundidade tanto respeito e fascínio de um povo pela cultura da sua comunidade, é preciso um estudo mais elaborado, de cunho etnográfico, não estudar a aldeia, mas estudar na aldeia (GEERTZ, 2008 p. 32). Mas mesmo assim, ficou evidente que o povo da Comunidade de Maniçoba contribui de modo significativo na valorização não somente desses contadores, mas de toda propagação das tradições, cultura e costumes de seu povo. Para a comunidade, essas pessoas são ilustres, de grande importância no cenário cultural, social e até político.

A prática de contar histórias, as danças por eles também praticadas, estão enraizadas na cotidianidade do seu povo, vislumbro aqui essas práticas como patrimônio imaterial¹⁷, pois são transmitidas de geração a geração. E a sua recriação

¹⁷ Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas,

se mostra para confirmar a identidade própria desse lugar. Pois os jovens e crianças já começam seus primeiros ensaios.

- **A técnica da observação participante – a terceira vereda trilhada**

Para dar conta de analisar os efeitos da contação de histórias nas práticas escolares e estudar a retextualização como prática de letramento escolar, busquei manter alguns contatos com as escolas de Maniçoba, porém, escolhi apenas uma para participar de algumas atividades previstas no calendário escolar, assumindo uma postura artificial com o objetivo de realizar a investigação. Brandão (1981 apud Gil, 2008, p. 103) salienta que a observação participante nos estudos das comunidades pelos antropólogos passou também a ser chamada como "pesquisa participante".

Na minha primeira visita, a gestora e o secretário, ambos jovens, ficaram satisfeitos em saber que sua escola iria fazer parte de uma pesquisa. Colocaram-me a par das propostas de trabalho da escola, bem entusiasmados, mostraram registros através de fotos e gravações de muitas atividades ali desenvolvidas pelos professores e alunos. Observei, naquele contexto escolar, uma preocupação em desenvolver nas práticas pedagógicas iniciativas que despertem nos alunos o respeito e a valorização da cultura local.

Uma escola de pequeno porte. Em reforma. Mas observei que a reforma não estava sendo apenas na estrutura física da mesma, havia naquele lugar um reforma de cunho pedagógico, social e cultural, os professores se reformando, através de formações oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação de Juazeiro; alunos se reformando através das suas participações ativas nas atividades propostas; equipe gestora reformada buscando sempre oferecer o melhor; em particular, reformei-me também, à medida que fui participando desse espaço educacional tão acolhedor. Ao presenciar um fato interessante, observei como a comunidade é pequena em área geográfica, tudo fica perto, uma aluna adoeceu e o secretário, que estava sozinho naquela ocasião e a levou nos braços para o PSF, o posto de saúde, na mesma rua. Também os acompanhei. Lá a aluna foi examinada e encaminhada para o Hospital

de Juazeiro com suspeita de apendicite. Voltamos para a escola. “*Dia corrido hoje, quer dizer, sempre é corrido*” disse o jovem secretário.

A escola é bastante movimentada. Tem uma quadra poliesportiva recém-inaugurada que sempre está sendo usada pelos alunos. Fica uma pessoa na portaria sempre organizando o fluxo de alunos e visitantes.

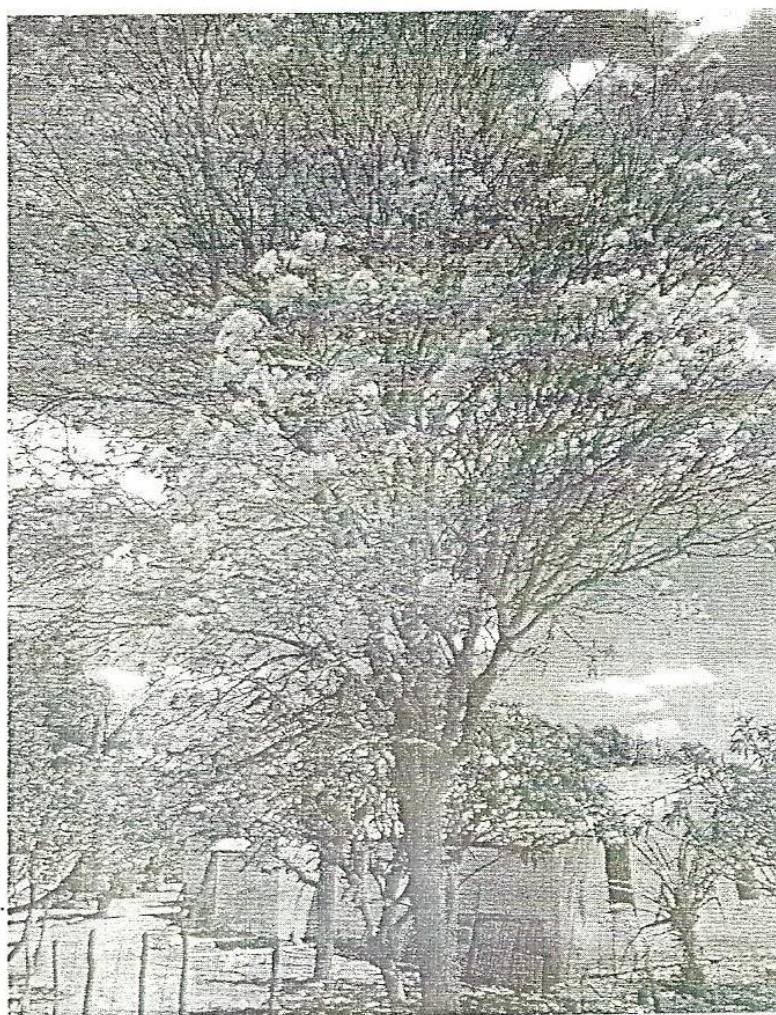
Para Minayo (2004, p. 59) a observação participante se realiza através do próprio contato direto do observador com o que é observado, obtendo assim, informações relevantes sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. Assim não quis apenas ouvir a comunidade escolar, mas ver, presenciar como esses sujeitos estavam envolvidos nesse contexto.

Movimentar-me por essa agência de letramento deu-me a certeza de que ali era o ponto que ligava os contadores a alguns escutadores (alunos), pois existiam propostas pedagógicas de fomento à prática de contação de histórias na perspectiva da leitura e escrita imbuídas no enfoque ideológico como propõe Street (2014, p. 161) onde as práticas sociais estão diretamente ligadas à leitura e escrita.

Durante uma etapa da execução da proposta do Projeto, os alunos registraram através de dois livretos, um de cordel, contando as histórias de vida dos nossos contadores (ilustres para os alunos) e o outro de causos, lendas e curiosidades que nossos contadores contaram sobre a comunidade e os alunos escreveram.

Seguem abaixo algumas figuras ilustrativas das produções desses alunos:

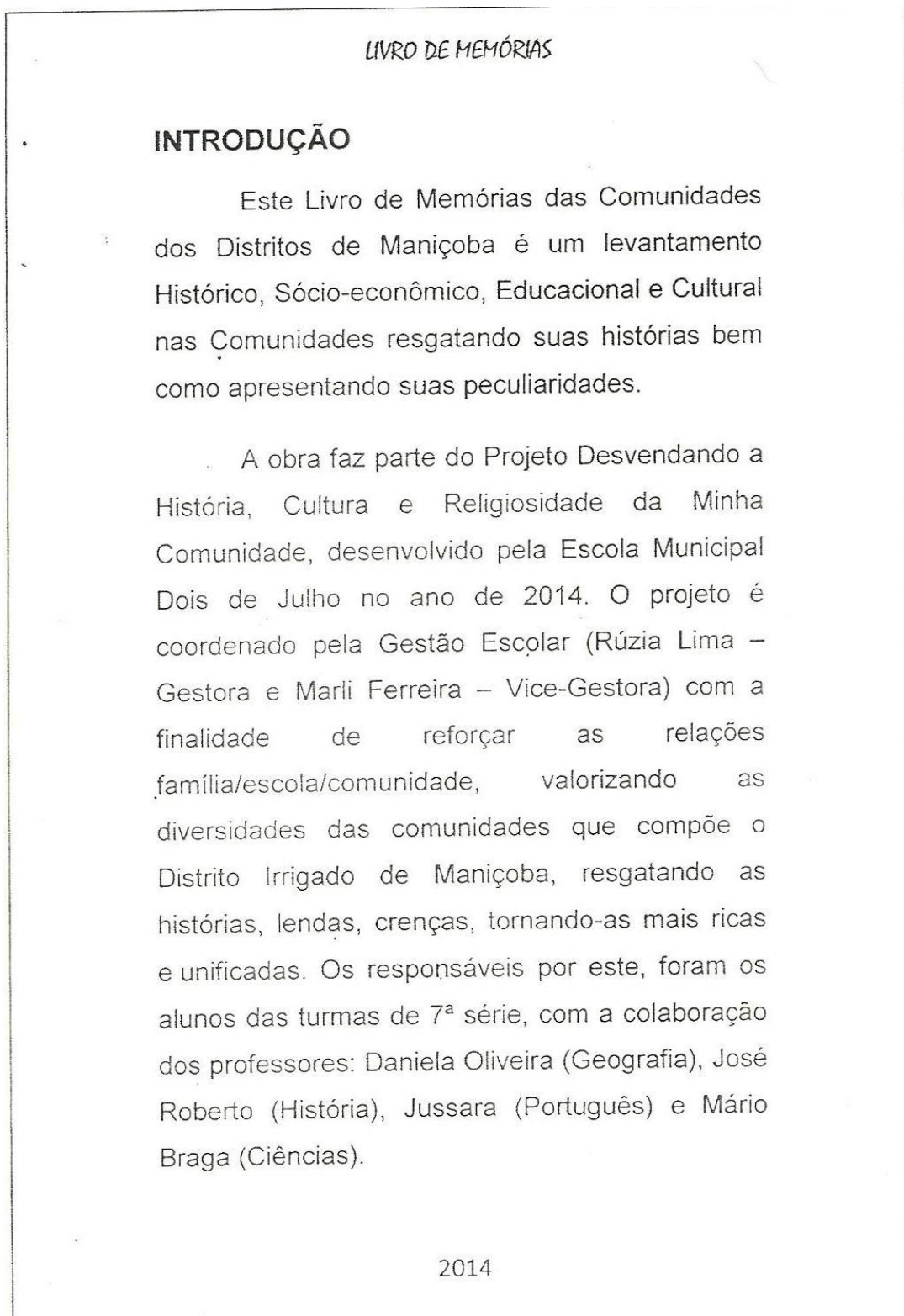
Figura 2: Capa do livro de Memórias produzida pelos alunos



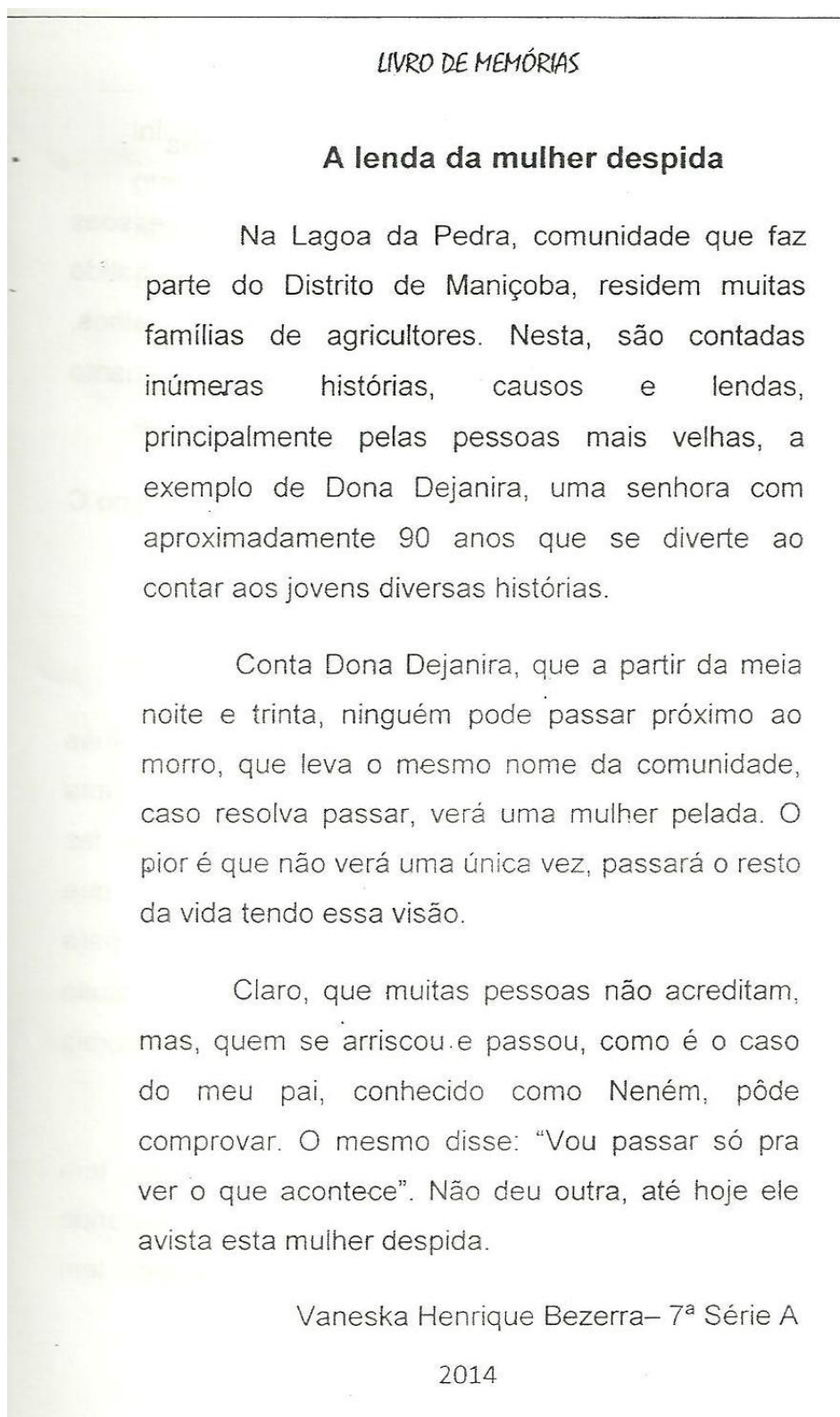
CAUSOS, LENDAS E

CURIOSIDADES DE MANICÓBA

Fonte: NOGUEIRA, S, 2015.

Figura 3: Capa de Introdução do Livro Memórias produzido pelos alunos

Fonte: NOGUEIRA, S. 2015.

Figura 4: Produção realizada pelos alunos

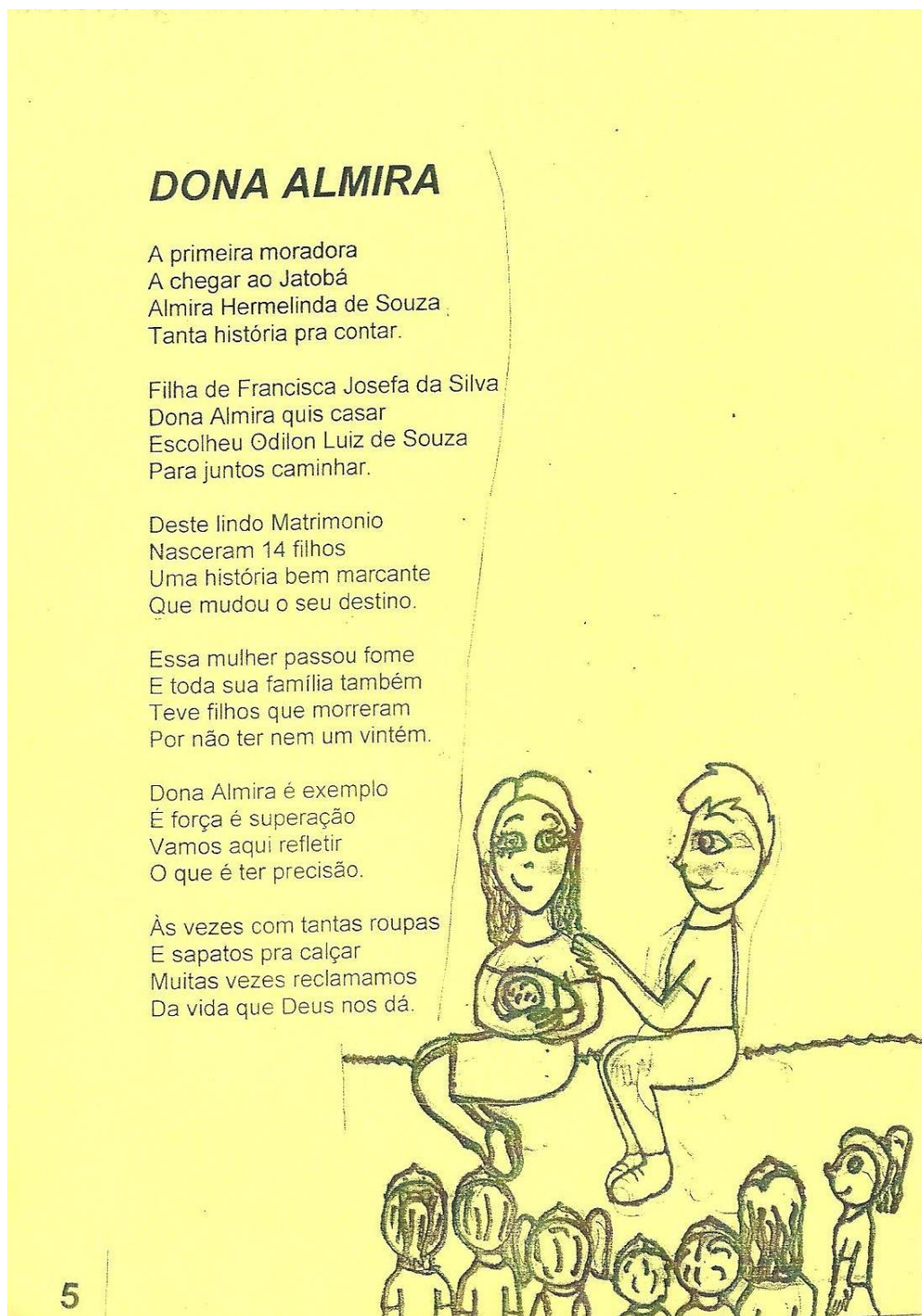
Fonte: NOGUEIRA, S, 2015.

Figura 5: Capa do livro de cordel produzida pelos alunos



Fonte: NOGUEIRA, S, 2015.

Figura 6: Produção realizada pelos alunos.¹⁸



Fonte: NOGUEIRA, S, 2015.

¹⁸ Como dito anteriormente o Distrito de Maniçoba é formada por várias comunidades, uma delas é Jatobá. E a ilustre homenageada Dona Almira nos versos acima não fez diretamente parte dessa pesquisa, mas trago essa homenagem dos alunos para confirmar que existem muitos outros contadores de histórias nessa região.

Para Bogdan e Biklen (1994, p. 47-51), a investigação qualitativa enfatiza: O CONTEXTO; A DESCRIÇÃO; O PROCESSO; A INDUÇÃO; O SIGNIFICADO, desse modo, traga de forma mais sistematizada o contexto e a descrição dessa pesquisa para darem melhor compreensão ao nosso itinerário.

4.2 O CONTEXTO

“Mire veja: O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior”

Guimarães Rosa

Para o investigador qualitativo divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p.48). Assim, como a fonte de dados é o ambiente natural (o contexto é alvo do pesquisador), evidencio o lugar e as pessoas inseridas na sua realidade diária, contando um pouco sobre Maniçoba, distrito de Juazeiro/BA, os contadores de histórias, um pouco das suas histórias de vida e a escola Municipal Dois de Julho, que é uma agência de fomento ao letramento.

4.2.1 A comunidade Perímetro Irrigado de Maniçoba e a Escola Municipal Dois de Julho

Maniçoba faz parte territorial do Município de Juazeiro/BA no Submédio São Francisco. Segundo informações da CODEVSF tem uma Área irrigável de 4.160 ha, uma Área ocupada de 4.160 ha (1.781 ha - lotes familiares; 2.379 ha - lotes empresariais). Os dados da infraestrutura são de 156 km de canais; 8 km de adutoras; 97 km de drenos; 223 km de estradas; 3 estações de bombeamento. Predomina a exploração de manga, seguida pelos cultivos de cana-de-açúcar e coco¹⁹. Esta comunidade se orgulha das suas tradições, da sua cultura e da sua história.

¹⁹ <http://www.codevasf.gov.br/principal/perimetros-irrigados/elenco-de-projetos/manicoba>. Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

Numa conversa com um colega de profissão, somos professores, sobre a tradição de contar histórias, fiquei intrigada com tanta informação do Perímetro Irrigado de Maniçoba, percebi como tinham pessoas que mesmo não tendo participado das exigências da educação formal, de uma Academia, contribuía ali, através de suas histórias, de forma modesta, para o desenvolvimento cultural e educacional dessa região. E também, por essa comunidade ser constituída por um povo bravo e hospitaleiro.

No Perímetro Irrigado de Maniçoba tem quatro escolas, porém escolhi apenas uma escola, a Escola Municipal Dois de Julho que funciona com duas etapas de ensino, Educação Infantil e Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, e na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. A escolha se deu a princípio pelos projetos desenvolvidos nessa escola, que fomenta a propagação das tradições, cultura e costumes do seu povo.

Foto 8: Entrada do Distrito de Maniçoba/Juazeiro-BA



Fonte: MARINS, 2014.

Foto 9: A escola Municipal Dois de Julho em Maniçoba



Fonte: NOGUEIRA, S, 2014.

A escola Municipal Dois de Julho está localizada no Perímetro Irrigação de Maniçoba pertencente ao Município de Juazeiro/BA. A escola tem 799 alunos matriculados onde estes vivem na Zona Rural. Funciona com ensino de Educação Infantil, Fundamental do 1º ao 9º ano, e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Uma grande agência de letramento.

A escola, como agência de letramento, está inserida no contexto social, possibilitando a inserção das práticas sociais da leitura e da escrita, com efeito, a escola deve inserir na prática pedagógica textos significativos a partir das experiências culturais que os alunos trazem para o meio escolar. Kleiman (2007) salienta “que, antes de entrarem na escola, os alunos já são participantes de atividades corriqueiras de grupos sociais” que com suas especificidades pertencem a uma cultura letrada, e acrescenta sobre o letramento escolar que está envolvido em práticas significativas, sobre isso ela comenta

Uma perspectiva escolar de letramento – que, afirmo, não é contraditória a uma perspectiva social da escrita na esfera de atividades escolares – tem por foco atividades vinculadas a práticas em que a leitura e a escrita são ferramentas para agir socialmente. Aliás, as práticas escolares de aprendizagem e uso da língua escrita, ainda que “estritamente escolares”, são também práticas sociais, sendo que muitas delas (...), tomam por base práticas sociais e, portanto, recontextualizam as práticas com as quais os alunos convivem fora da escola, tornando-as mais significativas para eles (KLEIMAN, 2010, p. 380).

Na comunidade de Maniçoba as escolas públicas estão comprometidas com uma educação de qualidade, fomentam as práticas de leituras e escritas. Registro aqui informações sobre estas: a Escola Municipal Dois de Julho, localizada no NH1, iniciando as suas atividades em 1981; a Escola Estadual 15 de Julho, situada no NH2, fundada em 1982 e a Escola Municipal Santa Inês, que em 1993 foi inaugurada com classes multisseriadas, e segundo uma professora, estas escolas, “trouxeram progresso para a comunidade”.

Destaco a iniciativa dessas agências de letramentos, em especial a escola Municipal Dois de Julho, que valoriza a cultura regional, dando vez e voz aos seus alunos, reconhecem que os mesmos já trazem de casa suas experiências e vivências, deste modo, realizam projetos pedagógicos que fomentam essa riqueza, assim, convidam os contadores de histórias, (muitos desses são parentes dos alunos), para participarem de concursos de contação, escolhendo as melhores histórias, bem como, a produção textual das mesmas. E assim, comungam com uma cultura milenar, com um dom, uma magia, uma riqueza diferente, a tradição oral, permeada pelos espaços escolares, imbricada na tradição da escrita, empoderando os sujeitos dessas histórias. Uma troca.

Nessa imbricação, vimos aqui o compromisso da escola ao inserir no seu currículo atividades relevantes centrados na comunidade local. Um currículo pertinente. A escola pesquisada visa uma concepção de letramento para além da leitura e da escrita na sala de aula. Kleiman (2007, p. 3) comunga com essa ideia quando afirma que os pressupostos da concepção da escrita dos estudos de letramento estão na heterogeneidade das pessoas e grupos sociais. Portanto, afirma ainda a autora que é viável conceber princípios que organizem os currículos com atividades diversificadas numa interação entre professor, alunos e alunos. A escola da nossa pesquisa não só faz essa interação como também interage com a comunidade local, numa prática social.

4.2.2 Os contadores de histórias e suas histórias de vida

Nossos contadores de histórias se alegram ao serem procurados, contam histórias para ensinar, alegrar, divertir aqueles que atentos, saboreiam o momento único de descontração, com enredos da vida local. Causos, lendas, histórias de trancoso

permeiam na cotidianidade dessas pessoas. Nas primeiras visitas empíricas, já adiantaram, “*nossas histórias são populares, né?*” “*São causos, contos que tá na boca do povo*”. Essas histórias são contadas de geração a geração. “*Papai contou pra mim, né?*” Nessa comunidade há tradição de contar e ouvir histórias. Essa comunidade tem muitas histórias para contar.

Estes contadores de histórias fomentam a prática da leitura e da escrita nas escolas, pois participam de concursos de Contação de Histórias, festivais de arte e cultura, tornando-se agentes do letramento, onde Kleiman (2006) argumenta em favor dessa representação, a de agente de letramento, que

“cujas associações metonímicas com o conceito de agente (humano) trazem à mente a ideia de fazer coisas: um agente se engaja em ações autônomas de uma atividade determinada e é responsável por sua ação, em contraposição ao paciente, recipiente ou objeto, ou ao sujeito coagido (KLEIMAN, 2006. p. 414).”

E nessa interação passamos a ver a escola como espaço de valorização desses agentes, que não são professores, mas que contribuem também para a educação formal, abrindo veredas nas agências de letramentos e deixando legados nesses espaços. Conto agora as histórias dos nossos contadores. Participantes diretos dessa pesquisa.

a) Dona Jardimilina, uma contadora encantadora

Uma senhora com mais de oitenta anos, conta que suas histórias só podem ser ouvidas à noite, porque se contar de dia pode-se “*criar rabo*”. Nasceu em Juazeiro/BA e foi criada na região de Maniçoba, moradora da vila II, atuante na Igreja católica, personagem importante para os fieis cristãos. Bastante respeitada pelos moradores, tem uma memória impecável, recita poemas, faz orações utilizando versos com rimas e suas histórias são de causos antigos, segundo ela vividos pelos mais velhos que viviam na região.

Os alunos da Escola Dois de Julho, na culminância do projeto “Desvendando a história e a cultura de minha comunidade” no ano de dois mil e catorze, homenagearam figuras ilustres de Maniçoba, através da produção textual feito por eles no gênero Cordel, trouxeram a história de Dona Jardimilina e de outros contadores, segue abaixo a primeira homenagem:

*Como falar de Jardimilina
Sem a todos emocionar
Mulher guerreira e valente
Que no meio dessa gente.*

*Sua história é exemplar
Descendente de Juazeiro
Sem muito arroteio
Em Maniçoba veio morar.*

*Aos 24 anos de idade
Ocorreu seu casamento
O noivo foi seu Herminio
Que por sorte do destino
Estão juntos até esse momento.*

*A festa foi bonita
Debaixo de um juazeiro
Pois todos que lá tiveram
Festejaram o tempo inteiro
E os noivos agradeceram
A todos esse festejo.*

*Do fruto do casamento
Nasceu o Dorival
Depois veio Deusa
Não se viu coisa igual
Djalma e João Batista
Eita moçada bonita
Você nunca viu igual.*

*Mais não para por aí
Deuselita apareceu
E pra fechar o fim da fila
Zulmira logo apareceu.*

*Mas que fim que nada
Pegou mais dois pra criar
Manoel e Aparecida
Eita família bonita
Da gosto de olhar.*

*Mas não para por aí
Pois também sabe rezar
Seja pobre ou seja rico
Sua bênção vai passar
Pois sua fé é tão grande
Que a todos quer ajudar.*

*Católica com muito orgulho
Sempre participando de tudo
Sabe bem representar.*

*A prosa tá muita boa
Mais vou logo acabar
Pois são tantas qualidades
Que o tempo aqui não dá
Vamos bater uma salva de palmas
E Jardimilina homenagear.*

Foto 10: Dona Jardimilina na Culminância do Projeto Pedagógico



Fonte: NOGUEIRA, J, 2014.

No entanto, como foi salientado no início desse capítulo, não temos mais conosco essa preciosidade, essa biblioteca. Um ser tão delicado. Conversando com sua filha Zulmira, que ficou responsável pelas atividades da mãe na Igreja, nos contou do fatídico dia da partida da nossa amada Jardimilina. Noite de sexta-feira. Jantou. Conversou. Sentada no sofá da sala começou a passar mal. Zulmira a levou para o posto próximo da sua casa. Mas ainda no carro, nos seus últimos suspiros, disse que já tinha chegado a hora da sua partida. Não temera. Sabendo disso, cheia de fé e força, a filha lhe falou: “*mãe, não se preocupe com pai, eu cuido dele, vá em paz, descanse*”. Logo após, Zulmira vira sua mãezinha baixando a cabeça e falecendo. Chegou ao PSF já sem vida. Para os laudos médicos “causa de morte desconhecida”.

Tristeza para a família. Tristeza para a Comunidade católica. Tristeza para toda a região de Maniçoba. Uma filha ilustre partira consciente, certa da sua missão cumprida na terra. Tristeza para todos nós. Partira em 24 de abril de 2015. Com apenas 85 anos de idade. São Francisco de Assis padroeiro da sua comunidade a quem ela todo mês de Outubro organizava a novena e a festa em honra a esse santo, disse certa vez: *“O que temer? Nada. A quem temer? Ninguém. Por quê? Porque aqueles que se unem a Deus obtêm três grandes privilégios: onipotência sem poder; embriaguez sem vinho e vida sem morte”*.

b) Senhor Bertolino, um contador escritor de histórias

Franzino, pequeno, 68 anos de idade não aparente. Como já foi dito anteriormente é um escritor, *“um simples agricultor”*, como ele mesmo se apresenta, tem quatro obras literárias publicadas na sua localidade, de maneira autônoma. Registrou a história da localidade de onde nascera e mora até hoje, Conchas – Nasce uma comunidade. Ressalta o ontem o hoje e o amanhã, sobre as narrativas das pessoas que fundaram essa localidade com lutas e bravuras, as que vivem e os futuros jovens que devem se engajar na busca de pertença e respeito ao seu pedaço de chão. Nesse primeiro escrito, o senhor Bertolino parte do princípio da liberdade social, por isso ouviu os mais idosos da comunidade por serem mais experientes.

Lembrando aqui, esse contador de histórias, é também um escutador, e com receio de perder as informações preferiu usar a escrita para registra como fonte de segurança, consolidando “as declarações” apresentadas por seus agentes; no seu segundo livro, “Reminiscências – retrato falado de gente da comunidade” retorna como ele mesmo diz “para dar prosseguimento” à jornada pedagógica que na primeira obra teve dificuldades em prosseguir, traz assim, sua biografia às características socioculturais da sua gente, do seu mundo, e assim com seu jeito reata novamente através da história registrar o que viu, viveu e ouviu; na terceira obra, homenageia Maniçoba, quando esta completou o “Jubileu de Prata”, seus vinte e cinco anos de implantação e funcionamento, puxando pela sua memória e pela memória coletiva dos mais velhos, “viajando pela esteira do tempo” fez uso da história oral dos mais velhos para assim tecer sua obra literária. Calvet (2011, p. 53)

salienta que essa busca oral para o escrito não é exótico e nem tão antigo, se dá no cotidiano.

Foto 11. Senhor Bertolino no Festival de Arte em Conchas



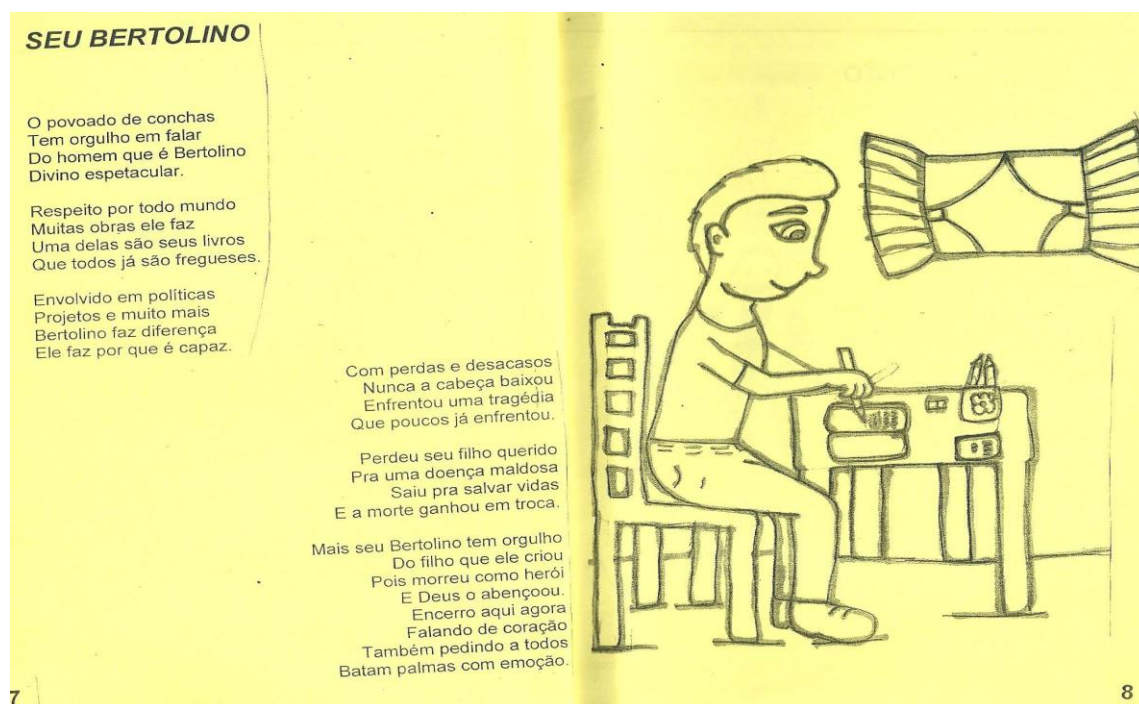
Fonte: NOGUEIRA, S, 2015.

Num outro pequeno livro, traz o registro de várias histórias da Festa de São Gonçalo do Mulungu, como cenário de mitologia, fé e compromisso de um povo, estas histórias são contadas por “figurantes”, como ele descreve pessoas já idosas, num enredo para descobrirem quantos anos de fato estava sendo realizada a Festa de São Gonçalo, seriam setenta e quatro anos, como insistiam os mais velhos, pois estava na boca do povo, ou cento e três anos, como afirmavam as autoridades da Diocese e da Prefeitura Municipal de Juazeiro/BA? E assim, o diálogo fora mantido com os mais velhos daquela região, histórias e mais histórias foram contadas, até chegarem ao desfecho, mas *“aí é que a porca troce o rabo”* certeza a data do início da festa não se chegou, mas como quem legitima são os enredos contados de geração para geração, pressupõem pela uniformidade de pertencimento das falas dos figurantes, moradores antigos, a festa completaria seus setenta e quatro anos. Mais uma vez usou a história oral para se valer da sua obra.

Percebe-se que nosso contador escreve suas histórias ouvindo outras histórias, busca na memória coletiva dos mais vividos a fundamentação dos seus escritos e dos seus ditos. E nesse emaranhado de enredos, o senhor Bertolino contribui ao manter uma ótima memória, não se tratando apenas de uma “memória individual” como contempla Halbwachs (1990, p.54), com lembranças das nossas infâncias, onde o mesmo afirma “que é na história vivida que se apoia nossa memória”, mas também, numa “memória coletiva”, nas palavras do autor, “um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade”.

Nessa concepção, notamos que esse nosso contador, ao retomar velhas histórias, pediu emprestados fatos ocorridos, que por ele não foi presenciado, mas que pela confiança no outro, por ele ter vivido tal acontecimento, vai passando, pois o que foi dito e não foi escrito nas gerações passadas se tornam fontes de memórias, sendo estas individuais ou coletivas, que para nosso contador, é melhor registrá-las para não se perder no tempo. Também homenageado pelos alunos da Escola Municipal Dois de Julho, trago aqui a homenagem feita pelos alunos a esse ilustre:

Figura 7: Produção dos alunos – Seu Bertolino



c) Senhor Mariano um contador, compositor e tocador

Sorridente, magro, negro, tímido. Mariano Manoel da Silva, 60 anos, agricultor, residente no povoado Saco do Meio, também em Maniçoba. Além de contar histórias, é compositor, faz de cabeça as músicas e sua filha Maiane as escreve.

A Igreja católica de Juazeiro/BA agradece pelos seus serviços prestados, pois o mesmo compõe hinos para os novenários das paróquias dessa região. É autodidata, se vale da memória para contar suas histórias, compor seus hinos. Fez até a segunda série primária, é alfabetizado, mas por não ter firmeza nas letras, quando quer registrar seus versos, apela para a filha registrá-los apesar de tê-los guardados na cabeça, *“tá tudo na cabeça”* diz ele. Estudou pouco, mas para ele a escola é um lugar também de valorização da cultura local.

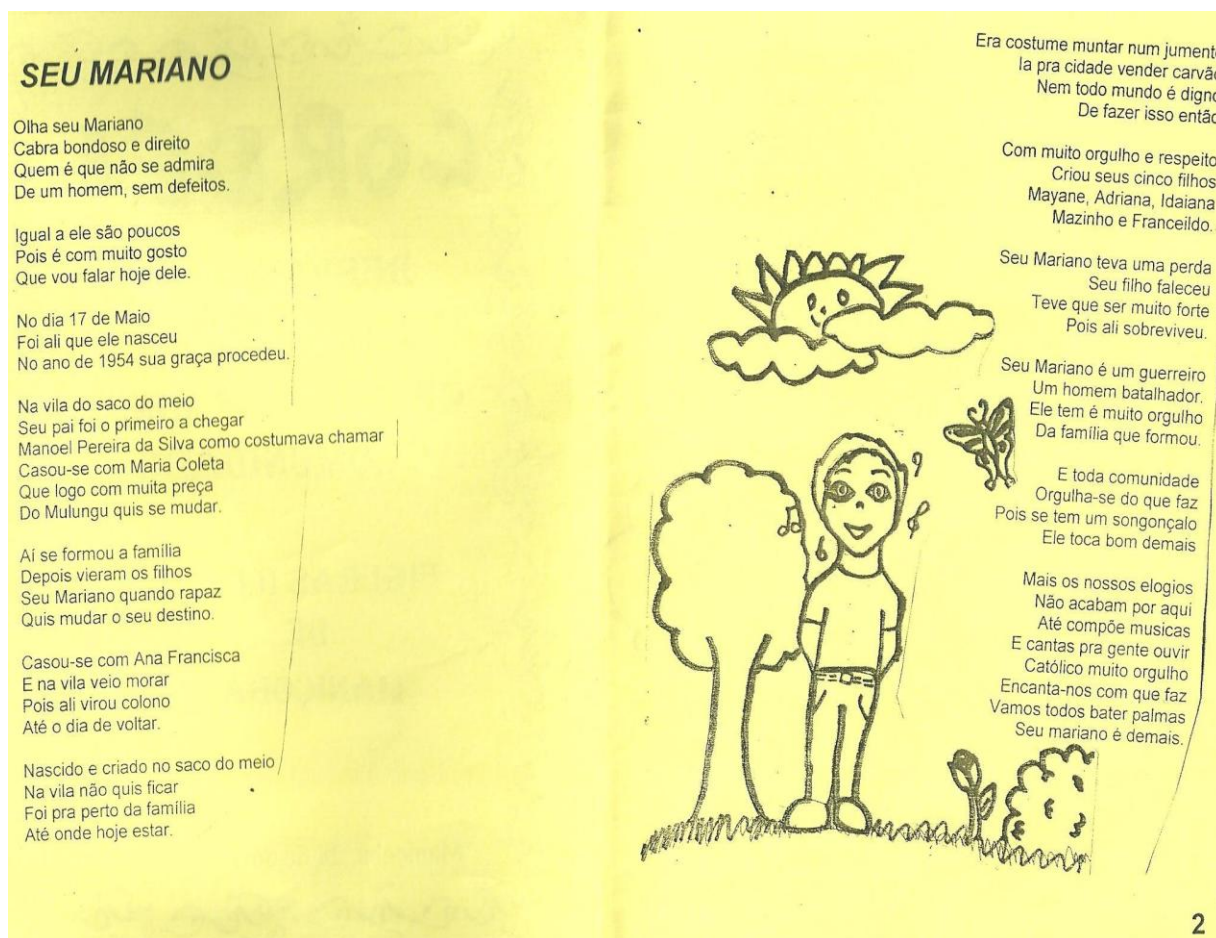
Foto 12: Seu Mariano no VI Festival de Arte em Conchas

Fonte: NOGUEIRA, S., 2015.

No encontro que tivemos no Festival de Conchas, onde também foi homenageado, falou para todos que antigamente se faziam um “Rodoi”. *Rodoi, seu Mariano? Que quer isso?* Perguntaram da plateia. Contou ele, “*Rodoi era o momento de distração que a gente criava para conversar e namorar enquanto as crianças ficavam ouvindo histórias dos mais velhos*”. Que coisa, as histórias também serviam de estratégias para os enamorados que aproveitavam o pouco momento que tinham. Enquanto os jovens namoravam, a criançada se deleitava com os causos contados.

Esse nosso contador, é encantador. Ficou emocionado ao ser convidado mais uma vez ao Festival, bem como ver tanta homenagem preparada pelos alunos da escola Municipal Dois de Julho no final do Projeto pedagógico que desenvolveram durante o segundo semestre do ano letivo de 2014.

Figura 8: Produção dos alunos – Seu Mariano



Fonte: NOGUEIRA, S, 2014.

Essa homenagem deixa explícito o que vem sendo salientado durante toda nossa pesquisa, o envolvimento da escola no fomento às tradições culturais da região, bem como a interação dos alunos com os contadores de histórias.

Retornando, ainda sobre Seu Mariano, salientamos que o mesmo é também responsável pelo grupo de danças do São Gonçalo, da Bandeira do Divino e do Rosário. Todos os anos nas festas religiosas que acontecem nas localidades, ele e seu grupo são convidados para mostrar e confirmar que essa tradição religiosa é bastante viva na sua região. Bonito de se ver.

Foto 13: Seu Mariano na apresentação da dança da Bandeira do Rosário na culminância do Projeto Pedagógico



Fonte: NOGUEIRA, J, 2014.

d) Reinaldo, a alegria de um jovem contador

Reinaldo José dos Santos, o mais moço, tem 50 anos de idade, é técnico agrícola no lote 72. Casado, três filhas. Branco, olhos azuis, alegre, conversador.

Ele traz na memória as histórias que seus pais lhe contaram. Além de saber de muitos causos contados pelos pais, conta também histórias dos amigos mais velhos, escuta, guarda na cabeça. Não registra nada. A memória é o gravador. Esse

contador é muito “encartado”, tudo pra ele é “ *encartado né?*” que quer dizer engraçado, divertido.

Já foi sujeito de uma pesquisa acadêmica, contribuiu com histórias e informações num Trabalho de Conclusão de Curso de um aluno da Universidade Estadual da Bahia, que tratava sobre a maior festa realizada em Maniçoba, a Festa do Colono.

Reinaldo conta seus causos numa prosa matinal, quando toma café na casa de um casal amigo (quase todo sábado) e aproveita o momento para alegrar o dia dessa família com suas anedotas. Também gosta de contar suas histórias no trabalho aos amigos. À sua família, também, que já está habituado a ouvi-lo. Esse contador por onde passa deixa o ar da graça. É encartado. É divertido. É alegre. Sua filha disse “*que qualquer palavra dita ele tem uma história pra contar*”.

Aqui ele nos lembra de uma história que acontecera com seus avós, disse ele que seu avô era muito exigente, e a avó como uma mulher submissa, acatava-o e lhe tinha muito respeito. Conta-nos: “*Meu avô sempre sentava na mesa e tomava um bule de café todinho. Aí minha avó um dia esqueceu e colocou a asa do bule ao contrário, e foi cuidar das coisas dela, quando chegou pra pegar o café perguntou: - mas home o que aconteceu que não tomou o café hoje? aí ele:- hum! “você não botou pra mim, você botou pro cão que a asa tava virada pro inferno”. Aí ela: - ô home, me perdoe. Como o café já estava frio, ela derramou e fez outro*”.

Suas histórias são de fatos reais, situações do cotidiano vividas geralmente por pessoas que faziam parte da redondeza, que já não estão mais vivas, cita vários nomes de personagens/autores das histórias como seu Hermelindo, Seu Brito, Zeca, Adão Prego, Zé Sabino seu pai, e a mãe que contava sobre as místicas das rezas, das histórias de vaqueiros, pois seu pai nunca pegara numa enxada, mas era um vaqueiro muito conhecido nas redondezas, era sua profissão. Recita um verso sobre uma história de uma pega de boi:

*“Pedro de Zezinho também dizendo
Estou bem montado
Tenho meu cavalo forte
Corre bem atraquejado
Tenho ainda um cachorro
Que me ensina a pegar gado”.*

Lembro que as histórias que Reinado conta não são registradas. Os versos acima são de um poema que ele fez e foi recitado no aniversário da mãe para lembrar as histórias de vaqueiro de seu pai. São versos cantados. Está registrado na cabeça. Tudo na cabeça. Memórias. Halbwaches (2003, p. 51) afirma que a memória tem dois planos, o primeiro está no grupo, nas lembranças da maioria dos membros que vivenciam as histórias, resultado da própria vida, para o segundo plano, se vê na experiência individual, um membro apenas detém das suas lembranças.

Acredito que nosso contador engraçado se enquadra no primeiro plano, pois traz na memória lembranças do passado e histórias vivenciadas e contadas por membros do seu grupo.

Foto 14: Reinaldo no encerramento de uma novena na residência de amigos



Fonte: MARINS, 2015.

e) Dona Deijanira, das suas histórias é melhor não duvidar

Deijanira Gomes de Oliveira. 90 anos de idade. Franzina. Cabelos curtos, brancos. Linda. Essa senhora se diverte ao contar histórias, são as mais diversas, e fica feliz

quando os jovens a procuram para ouvir seus causos, contos ou lendas, que para ela, lenda que nada, são verdadeiras, é bom acreditar.

Dona Deijanira mora em Lagoa da Pedra, lugar que faz parte do Distrito de Maniçoba, agricultora, moradora antiga desse povoado, onde a tradição de contar histórias permanece viva por causa dos mais velhos. Foi professora leiga. Alfabetizou muitas crianças. Ensinou e aprendeu. Pois ao fazer parte do programa Logos 2, terminou a 4ª série junto com outras crianças que eram seus alunos.

Não só ensinava as letras. Brincava de roda. E tinha um dia de leitura. Essa parte, disse ela, era que os alunos não gostavam. *“As crianças não gostam de ler, ainda hoje elas não gostam de ler”*. Mas, segundo nossa contadora, inventava brincadeiras e no final todos já sabiam ler, como também já gostavam da leitura. Pressupomos aqui a princípio que a leitura para esses alunos era um processo doloroso, sem prazer. Uma pratica sem função. Uma atividade regular. No entanto, com as táticas criadas pela nossa contadora para o estímulo à leitura, suas crianças além da leitura apreendida, o gosto por ela também se concretizava. Cosson (2014) sobre isso, afirma que o ato da leitura torna-se uma atividade social e acrescenta que

Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas (COSSON, 2014, p. 40).

Assim, essa mulher-professora-leiga, cumpriu com seu sacerdócio durante oito anos. Ensinou a meninada da região. Sabe da importância que a escola tem na vida das crianças.

Tem seis filhos. Quando chegou a idade de estudar foram para a cidade. *“Foi preciso colocar as crianças pra estudar. Tudo era muito longe. Eu acompanhei os meninos na cidade. Era preciso estudar. E nas férias víamos pra aqui”* – a roça. E suas histórias? Perguntei. Hoje, ela afirma que já esqueceu, *“não lembro mais”* disse ela. Ressalvo aqui uma passagem de Halbwachs (2003, p. 53) ao falar sobre as lembranças que devem ser evocadas através de “uma sequência de percepções pelas quais só podemos passar de novo refazendo o mesmo caminho, de modo a estar outra vez diante das mesmas casas, dos mesmos rochedos”. É preciso reavivar a memória. Dar vida. Puxar pela memória. E foi nesse itinerário, no seu

jardim, sentada num banco, que foi olhando da sua varanda o seu passado. Os rochedos. As suas lembranças reavivaram-se.

E lembra de que contava as histórias antigas para seus filhos à noite, uma parte aqui é interessante, ela afirma que não só contava como dramatizava, vivia a história. Ela, seu esposo e filhos davam vida aos personagens. “*A velhinha da bilousa*”, que ela mesma se vestia dessa velhinha, um dos meninos (filhos) era o marido da velhinha, os outros (filhos) eram os cachorros que latiam quando a velhinha chegava. Ao invés de contar a história para os filhos era dramatizava. Envolvia todos nas suas histórias. Os contos de fada e as lendas eram os preferidos. O lobo mal, por exemplo, era o marido, “*era sério, feioso, não gostava de conversar, sempre era o lobo mal*”. Conheceu essas histórias através de seus avós. Refez o caminho. Lembrou-se desse momento em família.

A sua comunidade é cheia de história, memórias vivas. Num grande rochedo, perto da sua casa tem uma escultura de um homem. É o fundador da Lagoa da Pedra, o senhor Justino. Do outro lado, também, em cima de uma pedra, tem a escultura de uma mulher com uma criança. Esposa do Senhor Justino. Lá ela levava os filhos e lavava as roupas. Cada escultura uma história. Uma visão encantadora. Arte na rua. Arte para o povo ver.

Na parte de sua casa, no jardim, logo na entrada, também tem uma escultura de outro homem. Mãos no bolso. Muito elegante. Bonita arte. Perguntei quem era. “*Meu pai, o senhor Joaquim*”. E continuou ela: “*Essas esculturas foram feitas pelo meu filho*”. O artista dessas esculturas, filho de Dona Deijanira, é o Ledo Ivo Gomes de Oliveira. Muito conhecido na região. Artista plástico. Cada escultura tem uma história para contar. Ele cresceu escutando, nas noites de lua cheia, à luz de candeeiro, as histórias de Lobisomem, Curupira, Nego d’água, Caipora, Lampião e Maria Bonita, Almas Penadas e muitas outras. As histórias permeando o imaginário de um artista. Um artista dando vida às histórias.

Nossa contadora nos relatou que quando criança existia muita ignorância, muito medo. Pois naquele tempo não existia muito conhecimento das coisas. Mas se tinha muito respeito nas missões da igreja. No que o pai e a mãe ensinavam.

Dona Deijanira é uma personagem das suas histórias. Histórias que ficaram no passado. O tempo passou e as coisas foram mudando, as crianças cresceram, foram estudar. Ficou viúva. Uma história triste para ela. A solidão chegou. No entanto, recebe a visita dos filhos e netos que todo final de semana vêm visitá-la. O filho mais novo já estava lá quando chegamos. Uma tarde agradável de sábado passamos. Até uma lembrancinha ganhei. Uma muda de uma planta, não soube dizer bem o nome, *“mas é da família dos cactos, viu? Não pode aguar muito não, se não morre”* – disse ela já preocupada. Esta planta encontra-se no meu jardim, viva, linda. Uma recordação.

Esta mulher, guerreira, sorridente, ensinou seus alunos contando histórias. Educou seus filhos através das histórias. Histórias do passado. Histórias de família. Histórias fantásticas. Imaginárias. Clássicos. Mas muitas histórias reais na vida de uma senhora de quase 91 anos de idade. Muita coisa ainda para contar.

Foto 15: Dona Deijanira na sua residência em Lagoa da Pedra/Manicoba-BA



Fonte: MARINS, 2015.

Nossa contadora, encantadora, é conhecida por todos na região. Quando cheguei a Lagoa da Pedra, ainda sem saber sua casa, perguntei a uma criança onde Dona Deijanira morava, sem demora, me ensinou. Lá perto do campo. Uma casa branca.

Uma casa grande. De fato, as crianças também a conhecem muito bem, porque sempre a visitam para tirarem tamarindo, ouvir suas histórias e Dona Deijanira disse: *“eles também vêm contar histórias, eles contam histórias. Tenho muita amizade com esses meninos”*.

No ano de 2014, nossa contadora, recebeu a visita dos alunos da escola Dois de Julho numa pesquisa do projeto já mencionado anteriormente, os mesmo tinham interesse de ouvir algumas de suas histórias. A aluna Vaneska Henrique Bezerra da 7ª série A, escreveu a sua narrativa:

“Conta Dona Deijanira, que a partir de meia noite e trinta, ninguém pode passar próximo ao morro, que leva o mesmo nome da comunidade, caso resolva passar, verá uma mulher pelada. O pior é que não verá uma única vez, passará o resto da vida tendo essa visão.”

E claro que muita gente não acredita nessa história, dizem que é lenda, mas segundo relatos, pessoas duvidaram e resolveram passar exatamente no horário descrito por Dona Deijanira, e não deu outra, até hoje avistam uma mulher despida. Assim, nas suas histórias não é bom duvidar, antes acreditar.

4.3 A DESCRIÇÃO

Saliento que nas andanças a Maniçoba e suas comunidades, numa distância de 50 quilômetros de Petrolina de onde sempre eu partira para as visitas empíricas, não me senti como um “cavaleiro solitário”,²⁰ partindo para o mundo empírico sozinha, sempre fui acompanhada por alguém da família (meu esposo, minha mãe, minha filha, ou minha sobrinha). Partindo nessa companhia na certeza de que os investigadores qualitativos em equipe vivenciassem o processo do que simplesmente os resultados ou produtos, e que realizando a investigação no modo descritivo nada pudesse passar despercebido aos nossos olhares. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49).

Assim, o nosso processo de recolhimento dos dados deu-se em forma de palavras e imagens e não em números, desse modo, ouvi as histórias de vida desses

²⁰ Bogdan e Biklen afirmam que a grande maioria das investigações qualitativas são aquilo que se designa por investigação do “cavaleiro solitário”, isto é, o investigador enfrenta, isoladamente, o mundo empírico, partindo só, para voltar com os resultados. Contudo, cada vez mais a investigação qualitativa é feita em equipe.

contadores, e algumas de suas histórias, fiz as primeiras observações para além do olhar das lentes das câmaras, o que estava por trás dessas histórias. Registre e recolhi os primeiros dados. E para dar maior segurança à pesquisa foi preciso apresentar o Projeto de Pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa - CEP da UNEB, durante a elaboração da mesma, para assim, com maior tranquilidade continuarmos com a fase prática da pesquisa, coletando os dados e usar os nomes dos sujeitos participantes, sem restrições.

Foi necessário manter a coerência entre os dados recolhidos com as exigências de uma pesquisa qualitativa, que é o nosso caso, que permitiu usar diversas técnicas para a produção dos dados. Utilizei a entrevista narrativa onde focalizei minha atenção sobre a experiência das contações de histórias e seus efeitos na comunidade.

Recorri também às anotações nas visitas empíricas. Sendo que estas foram anotadas num diário de campo, que serviu também como um instrumento de comentários e reflexão de uso pessoal.

Usei filmadoras, gravador, máquina fotográfica, bloco de anotações. Recolhi livros, anotações, vídeos, cartas, músicas, tudo para olhar/ver, escutar/ouvir, compreender/apreender detalhes importantes no cotidiano dos envolvidos desta investigação.

Por fim, vamos enveredar no próximo capítulo trazendo mais análises de tudo que foi recolhido, visto e ouvido. Adentremos.

5 UM QUADRO PANORÂMICO DAS ANÁLISES: ALGUMAS HISTÓRIAS CONTADAS – UMA CONTRIBUIÇÃO ÀS PRÁTICAS DO LETRAMENTO

"Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza".

Guimarães Rosa

Durante todo o percurso dessa pesquisa estudamos como a tradição de contar histórias, causos e contos populares pode fazer interface com a cultura escrita e pode também está inserida no empoderamento dos praticantes. Diante disso, investigamos as práticas de contação de histórias em Maniçoba/BA, como também a transcrição dos contos para a escrita que permite aproximar os contadores nessa prática, além disso, foi investigado como a contação permite formar um aprendizado do oral na interface com a escrita formando leitores escutadores.

Assim, elegemos uma questão para a pesquisa: poderíamos considerar que as práticas de contar histórias dos contadores de Maniçoba geram um processo formativo na escrita e na leitura dos escutadores e, em alguma medida dos contadores? Para responder essa questão enveredamos pela triangulação de métodos e técnicas, pois partimos do princípio que empregar a entre-triangulação descreveria e interpretaria melhor a prática da contação de histórias em Maniçoba. Desse modo, articulei com o método da História Oral, e a Descrição Densa e a Observação Participante como técnicas, conforme exposto no capítulo anterior da metodologia.

Nesse sentido, com este capítulo, apresento um quadro panorâmico das análises com os resultados dos dados obtidos das histórias, dos eventos de contação, da retextualização dos alunos que serviram como materiais relevantes para a confirmação dos nossos pressupostos.

Para uma boa visão panorâmica julguei necessário organizar um sumário dessas análises:

5.1 A HISTÓRIA ORAL E A TRANSCRIÇÃO DAS HISTÓRIAS

5.1.1 Primeira transcrição – História de Reinaldo José

5.1.2 Segunda transcrição – História do Senhor Mariano

5.1.3 Terceira transcrição – História de Bertolino Alves

5.1.4 Quarta transcrição – História de Dona Deijanira

5.1.5 Interpretação das transcrições das histórias

5.2 DESCRIÇÃO DENSA DAS PRÁTICAS DE CONTAR HISTÓRIAS

5.2.1 Temas – do que se falam nessas contações

5.2.2 Cenários da contação – um contexto para as práticas de letramento?

5.2.3 Interpretação das práticas da contação de histórias

5.3. A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EM EVENTOS DE LETRAMENTO

5.3.1 O desvelamento de uma escola no semiárido baiano: observando o Projeto Pedagógico

5.3.2 A Retextualização das narrativas - as narrativas orais e a prática escolar de retextualização

5.3.3 Algumas considerações sobre o processo da retextualização

Assim, iniciaremos nossas discussões buscando mostrar os resultados de tudo que foi pesquisado, recolhido e interpretado.

5.1 A HISTÓRIA ORAL E A TRANSCRIÇÃO²¹ DAS HISTÓRIAS

A História Oral trouxe nas categorias da história de vida e tradição oral algumas histórias que depois de transcritas, passaram por uma primeira redução e algumas palavras-chave para confirmar os pressupostos. Das muitas histórias, escolhi quatro para análises, julgando que responderiam as questões seguintes: essas histórias são inventadas ou contadas a partir de situações reais? E como essas narrativas orais se mantêm vivas através do tempo?

Lembrando, também, que já adiantamos no capítulo da metodologia sobre essas indagações, bem como já sinalizamos algumas confirmações, no entanto, achamos por bem trazer mais essas narrativas nesse modelo de transcrição. Sempre é bom ouvir/ler mais histórias.

²¹ O critério estabelecido para as transcrições se deu a partir da intencionalidade em interpretar as informações de acordo com o objetivo dessa pesquisa, bem como responder as questões estabelecidas, por isso foram transcritas de maneira parcial as histórias, mantenho a fidelidade do que foi contado. Marcuschi (2003, p. 9) salienta que o pesquisador deve saber quais são os seus objetivos e assinalar o que lhe convém para análise.

Informamos, ainda, que nas transcrições abaixo houve interferência nos discursos produzidos, no entanto, passamos a fala para a forma gráfica observando as mudanças para não interferir na natureza do que foi dito, a linguagem e o conteúdo.

5.1.1 Primeira transcrição – História de Reinaldo José

TRANSCRIÇÃO			
Contadores	Transcrição da história	Primeira Redução	Palavras-chave
Reinaldo José	<i>Meu avô uma vez foi uma pega de boi numa fazenda muito distante, mas foi prevenido, levou um alforje cheio de rapadura e carne seca. Aí chegou na casa do cidadão, tirou a sela do cavalo e se deitaram nas redes no alpendre, casa de fazenda, quando foi mais tarde a mulher foi botar a janta e começou a se queixar: - mas meu Deus minha anágua já rasgou, esta anágua já rasgou!</i> <i>O marido de lá respondeu: - mas mulher, não acredito, não tem três meses que eu comprei essa fazenda pra tu fazer essa anágua e esse pano já rasgou? Ela disse: E o que você quer? Côa leite, côa água, côa café, côa mel, e você num quer que se rasgue?</i> <i>Aí, meu avô escutou e disse: Eita! Esse negócio deu errado! Quando chamou pra jantar ele disse que tava com dor de barriga e não juntou. Cedinho selou o cavalo e foi embora.</i>	Meu avô uma vez contou que foi para uma pega de boi levando o alforje com alimentos. Chegando numa fazenda ouviu a dona da casa dizendo que a anágua que ela usava também servia para coar leite, água, café e mel. Não gostou do que ouviu, inventou uma dor de barriga para não jantar e no outro dia cedinho foi embora.	Meu Avô Alforje Pega de boi Anágua Rapadura e carne Seca Redes

5.1.2 Segunda transcrição – História do Senhor Mariano

TRANSCRIÇÃO			
Contadores	Transcrição da história	Primeira redução	Palavras-chave
Senhor Mariano	<i>Os nossos pais contavam. Era assim: No São João cortavam um molho de lenha de juazeiro, iam ao serrado, tiravam um molho de alecrim pra fazer espeto e compravam velas que eram benzidas. Mãe já tinha guardado. A lenha era pra fogueira das três noites de escuro e também só a luz que acendia era a luz das velas. Os espetos eram para afugentar os lobisomens, que eram os filhos malcriados com os pais, viravam bicho e os amancebados que iam morar junto, podiam virar bicho, aí o pessoal tinha medo, não queria se juntar, só queria casar.</i>	Os pais contavam as histórias de São João. Apanhavam lenha para a fogueira, benziam velas e faziam espetos de alecrim. E nas três noites de escuro clareavam com a fogueira e as velas. E para afugentar os lobisomens usavam os espetos de alecrim do mato.	Pais Histórias Lobisomem Fogueiras Velas bentas Amancebados Espetos de alecrim ²²

5.1.3 Terceira transcrição – História de Bertolino Alves

TRANSCRIÇÃO			
Contadores	Transcrição da história	Primeira redução	Palavras-chave
Senhor Bertolino	<i>“O pai de nego de Matilde morava no recanto e todo dia ia trabalhar numa ilhota, depois das Concha. (...)aí, todo dia ia num jumentinho (...) um</i>	O pai de Nego de Matilde que trabalhava numa ilha esqueceu um dia o facão, e não se perdoo por isso,	O Pai de Nego de Matilde Ilha

²² O espeto de alecrim, segundo o Senhor Mariano, era usado para afugentar os animais por exalar um cheiro forte, como um repelente, nesse caso o animal afugentado era o lobisomem.

	<i>dia na volta pegou o jumento, e montou. Quando chegou lá adiante, lembrou que tinha esquecido do facão, aí disse:</i> <i>“- ói nego, tu vai vortar agora, e tu não vai montado não viu nego? Tu vai é de pé! Pra tu aprender a nunca mais esquecer das coisa, viu nego? “</i> <i>Ele amarrou o jumento, e ainda pegou o chicote, e disse: “e agora tu ainda vai apanhando, e tu vai enxotando. E foi pegar o facão. E tornou a pegar o jumentinho.</i>	amarrou o jumento e voltou a pé e ainda foi dando chicotada nele mesmo.	Perdão Jumento Chicotadas Enxotar
--	--	--	---

5.1.4 Quarta transcrição – História de Dona Deijanira

TRANSCRIÇÃO			
Contadores	Transcrição da história	Primeira redução	Palavras-chave
D. Deijanira	<i>“Nesse tempo ia ter uma missão na Maniçoba, a gente morava no Jatobá, aí vinham os padres e os bispos, eu tinha uns oito anos, nós fomos pra essa procissão, montada num jumentinho, meu pai colocava os mantimentos nas cangalhas pra passar o dia todo, todo mundo ia montado nos cavalos. Iam muitas famílias. Todo mundo montado em cavalo. Quando chegamos numa praça, lá numa rodagem num ponto final pra gente chegar, lá vinha dois carros com os padres, nunca</i>	Em Maniçoba há muito tempo atrás existiam missões e as pessoas vinham para as procissões montadas em cavalos. Padres e bispos sempre vinham de longe. Só que dessa vez vieram de carro. As pessoas com medo saíram correndo, pensando que o carro era um bicho.	A gente Eu tinha oito anos Missão Meu pai Cavalos Carros

	<i>ninguém tinha visto falar em carro, todo mundo largou essa estrada e ganhou o mato, saiu todo mundo correndo, eu mesmo corri com medo do carro. Veja a ignorância do povo. Num conhecia carro. Achavam que era um bicho. Os padres vinham ensinar muitas coisas as pessoas e uma delas foi ensinar a correr.”</i>		
--	--	--	--

5.1.5 Interpretação das transcrições das histórias

Concluimos que essas histórias são causos reais, vividas no contexto social de cada um dos contadores, as quatro transcrições acima nos remetem nomes de alguém que contou, bem como vivenciaram essas histórias, “meu avô, “meu pai”, o pai de alguém, “eu tinha oito anos” sempre se referem a uma pessoa dona da história. Lembranças do passado. Histórias que tratam dos costumes locais. Histórias com temáticas que perpassam pela tradição local, como é o caso da transcrição 1; pelo cotidiano nos trabalhos diários que sempre acontecia alguma coisa e virava história – transcrição 2; pela ignorância e severidade que tinham com os outros e consigo mesmo, caso da transcrição 3. E na transcrição 4 vimos uma situação vivida pela contadora com a chegada do progresso na sua comunidade.

Histórias perpassadas de uma geração a outra. Reinaldo e Seu Mariano contam as histórias vividas pelo avô e ou pelo pai; seu Bertolino nos agracia com as histórias dos mais velhos, pessoas amigas, antigas; a história de Dona Deijanira está na sua memória a mais de oitenta anos, um caso real de sua família e famílias vizinhas que seguiam os preceitos da religião, andando quilômetros a cavalo, jumentos, os únicos meios de transportes usados na época da sua infância para as missões da Igreja. No entanto, a sua lembrança da chegada de um novo meio de transporte se dá de maneira engraçada, quando todos saem correndo com medo do carro que trazia os padres, algo estranho que parecia um bicho, “coisa do demo” logo para um povo simples, fervoroso na fé.

Vancina (1982, p.140) nos revela que “a tradição oral pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra”. Histórias dos pais, dos avós, dos mais velhos, suas histórias. Confirmei que esses causos transcritos não foram escritos. Cada um traz na memória para ser contada num momento oportuno, geralmente quando se fala de algo que traz à tona a temática vivida. Nossos contadores são mnemones²³, encarregados de evocar e conservar um passado nas suas memórias.

Sobre isso, Benjamin (1987, p.200) trata as narrativas como uma Caixa de tesouros, pois têm em si uma dimensão utilitária, que pode consistir em ensinamentos morais, e afirma que “o narrador é um homem que sabe dar conselhos”. É certo que essa dimensão utilitária se realiza nos letramentos locais que estão para além da “pedagogização” do letramento, exercendo um valor ideológico, como vislumbra Street (2014, p. 121).

Saliento que ainda não há uma interface aqui com o letramento nessa nossa primeira interpretação, pois trouxe os dados apenas para darmos conta das nossas pressuposições quanto a veracidades das histórias e da narrativa como uma tradição oral. Mas adianto que já mostram vestígios para tal discussão. Nesse sentido perceberemos mais adiante.

5.2 DESCRIÇÃO DENSE DAS PRÁTICAS DE CONTAR HISTÓRIAS

Ao descrever as práticas de contação de história no Distrito de Irrigação de Maniçoba, fazendo uso da Descrição Densa, respondemos as indagações: A Comunidade de Maniçoba está contribuindo para a valorização destes contadores? Como as práticas de contações de histórias influenciam as práticas sociais de letramento na comunidade de Maniçoba - BA? Esses contadores são importantes para a comunidade? O que foi feito para manter viva essa tradição? Quem escuta estas histórias? Nossos contadores se consideram contadores de histórias?

A Descrição Densa vem como um método proposto por Geertz (1998, p. 8) para se compreender a ciência, numa prática etnográfica, estabelecendo relações, selecionando os informantes, transcrevendo textos, mapeando campos, usando um

²³ Pessoa que guarda a lembrança do passado. Le Goff (1994, p. 437)

diário, e muito mais, no entanto, o autor alerta que não são essas coisas que determinam o empreendimento, o que vai de fato definir é o “tipo de esforço intelectual que ele representa”. Busco assim, explicar e interpretar expressões sociais que são “enigmáticas na sua superfície” (GEERTZ, 2008, p.4).

Nesse sentido, vemos nessa interpretação, os contextos social e cultural de sujeitos que ocupam um lugar de grande importância na sua comunidade e são vistos nas comunidades como patrimônios culturais, vivos, ricos de ensinamentos. Para compreender esse processo, foi necessário aproveitar os momentos de encontros com esses sujeitos no lócus da pesquisa. Foi preciso sair da superfície.

Compreendi aqui um processo de força e movimento, onde as histórias narradas (o texto), a fala (o que dizem), o lugar (cenários) e o depoimento (dos que ouvem) fomentam a tradição local.

5.2.1 Temas – do que se fala nessas contações

Ao contar as histórias, sempre remetem ao cotidiano. A lida do dia a dia. A família. A religião. Crenças, como os filhos desobedientes e casais que viviam juntos, sem o sacramento do matrimônio viravam lobisomens. Assombrações que aparecem meia noite àqueles que ousam enfrentar. Situações engraçadas e embaraçosas também, como é o caso da história que o Senhor Mariano conta sobre um senhor já idoso. Assim ele narra: *“o Velho Brito estava fazendo cem anos, e vieram fazer a festa do São Gonçalo. Estava ele deitado numa rede dentro da casa que só tinha um vão. As netas dele foram trocar de roupa, e como não tinha outra opção tiraram a roupa lá mesmo, onde Seu Brito estava deitado. Ele meio baqueado, começou a gritar: não pode! Não pode! Os filhos correram e perguntaram o que estava acontecendo. E o velho respondeu: - isso não pode meu filho, elas tirando a roupa na minha vista! Os filhos disseram que não tinha nada, pois ele já estava muito velho. E velho respondeu: - mas não estou morto, mas não estou morto”*.

Nessas contações, também descobrimos que por se tratar da realidade local, esses contadores dão vida a pessoas que já não estão mais na localidade, já partiram, descansaram, no entanto, os que elas vivenciaram, numa lida do dia a dia, nas vaquejadas, nas festas de São Gonçalo, de São João, nas missões da Igreja, tempos depois são lembrados por guardiões que evocam um passado para numa

roda de conversa, numa calçada, no terreiro da casa, numa escola distrair àqueles que escutam. Histórias que fazem rir.

5.2.2 Cenários da contação – um contexto para as práticas de letramento?

Retornemos ao Festival de Arte, Cultura e Meio Ambiente, realizado sempre no mês de março, este foi a sexta edição, no ano de dois mil e quinze, precisamente em Conchas, uma localidade pertencente à Maniçoba. Sexta-feira. Noite de lua cheia. Saí de casa pensando que ali encontraria apenas um pequeno grupo, mas me surpreendi ao ver tanto gente. As mais variadas idades. Num evento cultural como esse sempre temos a ideia de que a força está centrada nos mais velhos, de fato, isso foi comprovado, porém, quem liderava àquela noite, não era só o Senhor Bertolino, o mentor desse evento, tinha uma jovem, de pouco mais de 24 anos. Fez a abertura, agradeceu a todos pela presença. Abriu formalmente o evento que durariam dois dias, aquela noite e sábado.

Perguntei ao seu Mariano quem era aquela moça, que pensei ser apenas a apresentadora, mas disse-me ele que ela era a Presidente da Associação de Lavradores de Conchas. Quanto respeito. O senhor Bertolino como coordenador do evento e criador poderia ter dado início à programação sem protocolos, mas escolheu, como um bom cidadão, seguir a hierarquia, deu vez àquela jovem que soube usar a sua superioridade. Porém notei uma “estrutura simbólica”. De direito a jovem assumiu o cargo, mas de fato era “outro” que as regras estabeleciam.

Em outro momento desse evento, formou-se a roda de São Gonçalo, os guias na frente e os tocadores e logo atrás os dançarinos, esses, mulheres e crianças, com passos improvisados, mas bonito de se ver. “Seu Bertolino, as crianças também sabem dançar o São Gonçalo? Perguntei. “Aqui, minha filha, a gente ensina, pra não morrer.” Diversão. Ensinamentos. Aprendizagem. Cultura. Tradição. Essa grande riqueza deve ser preservada. “Aí, diante desse evento ninguém nem fala do Rock in Rio, né”? “Mas sim da nossa cultura e das nossas tradições” - disse seu Mariano, que também alertou a todos sobre a responsabilidade dos jovens e crianças que devem dar continuidade com as tradições daquele lugar.

Logo, esse contador ilustre, naquela noite foi convidado para contar uns causos e alegrar os presentes, falou sobre a importância das histórias contadas em noite de lua cheia.

Nesse festival nos deparamos com peças escritas interagindo entre os participantes. Convites distribuídos às instituições convidadas; anúncio publicitário que foi lido pelo locutor no carro de som convidando e divulgando toda a programação do VI festival, bem como os patrocinadores; o Hino de Maniçoba escrito e registrado em cartório de autoria de Seu Bertolino e seus dois filhos, e eu também que usei o diário de campo para anotar com maior detalhe o que estava acontecendo.

No nosso segundo cenário, na culminância do Projeto Pedagógico da Escola Municipal Dois de Julho, que fora realizado em Novembro de dois mil e catorze, já mencionado anteriormente, podemos descrever o quão nossos contadores estavam felizes por serem reconhecidos na sua região. Quatro dos cinco contadores dessa pesquisa foram homenageados pela escola, pelas suas valorosas contribuições à cultura e tradição local. Numa das etapas do projeto, antes da Culminância, dois deles (Seu Bertolino e Seu Mariano) estiveram na escola contando suas histórias, e uma (Dona Deijanira) foi visitada em casa pelos alunos, onde também contou algumas histórias. Contar histórias e ouvi-las é costume nessa região.

E aí, mais uma vez, nós estávamos também rodeados de eventos e práticas letradas. Livretos de cordel, livros de memórias, convites às instituições, cartazes, folders, jornal escolar, mural da escola, guia de turismo local.

No nosso terceiro cenário, trago o senhor Mariano na sua casa, descrevendo na interface da oralidade e da escrita, mesmo quando se vale da prática oral busca na filha a prática escrita, para colocar no papel os seus versos. Diz ter pouca habilidade com as letras, “sei escrever pouco” diz ele, deste modo confia na filha para registrar os seus versos, que chama de Cantos e contos Populares. “*Para ficar bonito*”, diz ele. Assim, faz os hinos para as igrejas com o cuidado para não errar. O erro aqui é uma característica marcante nos estudos linguísticos, Seu Mariano preocupa-se com a exigência tão infundada sobre o erro e o acerto, nota-se que ele não quer que a filha transcreva como ele fala, mas como a língua, vista como sistema, código, exige. Marcuschi nos traz na apresentação de seu livro, *Da fala para escrita* (2001) que:

São os usos que fundam a língua e não o contrário. Defende-se a tese de que falar ou escrever bem não é adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa determinada situação. Portanto é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática. Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina (MARCUSCHI, 2001, P.9).

Nesse contexto, nosso contador se mostrou preocupado com as regras da língua, com as exigências gramaticais. Há aqui um preconceito linguístico advindo de uma realidade opressora, sendo assim, o nosso contador é um “hospedeiro do opressor”²⁴, pois ele não quer nos seus “Cantos e contos Populares” nem um erro na escrita. Vejamos aqui um trecho de um causo sobre a extinção da natureza, de forma oral: *“O berro forte dos bezerro bem cedim/ e o aboio dos vaqueiro acordando seus vizim/ o gado gordo dava o leite e a coalhada/requeijão na nossa mesa não fartava”*. Quando transcrito pela filha mudam-se as palavras e passam a concordar conforme as exigências gramaticais: *dos vaqueiros/dos bezerros; cedinho/vizinhos; faltavam*.

Nosso quarto e último cenário podemos descrever a relação de Seu Bertolino com suas atividades diárias, ao escrever seus livros (quatro), não se fez de rogado, “*esnobe*”, disse ele, e aceitou o desafio de escrever, colocar no papel, suas origens, a cultura do seu povo, a sua história, e muitas outras histórias. Foi um escriba das narrativas contadas pelos “mais velhos”. Aqui mudou o foco do letramento, de fato ele se apoderou do letramento, e usou também outros meios para divulgar esse poder. E na apresentação de um de seus livros ressalva: *“...desejo unir forças e compartilhar desta dádiva suprema, também concebida pela interseção divina que permite a um simples agricultor como eu, o dom de historiar ainda que sua sistemática seja rudimentar..”*

Quando disse da satisfação do seu trabalho como locutor da Rádio Comunitária em Campos, outra vila da sua localidade alegra-se, pois aos domingos das 11h até 13h, convoca todo povo das vilas, das roças, dos lotes a participarem do programa Liberdade: A hora e a voz do Campo, com temáticas sugeridas por ele e sua equipe

²⁴ Termo usado por Paulo Freire no seu livro *A pedagogia do Oprimido* (1987) para tratar dos oprimidos em relação às inseguranças vitais, frutos da realidade opressora em que se constituem.

técnica, abordam questões como a importância do uso água, a educação de qualidade como fomento à liberdade. Ouvintes de toda a região ligam, participam e também pedem músicas, esse espaço de interlocução é de grande importância para manter a comunicação. Percebo aqui, o poder de persuasão que Seu Bertolino tem, pois moradores de áreas distantes, também ligam, interagem, mandam e-mails, cartas, avisos, entre outros. Diz ele: “não gosto da minha voz, não sei como as pessoas gostam do que eu digo”. Para nós, é notório, na sua voz mansa, calma, que transmite paz, segurança, fala as vozes de outros. Uma voz coletiva. Uma voz sertaneja. Uma voz política.

Descrevo aqui, como já adiantara no capítulo anterior, como o Senhor Bertolino se emocionou ao lembrar quando se reconheceu como oprimido, mas teve a oportunidade de beber nas fontes de Paulo Freire, participando de um curso durante quinze dias em Carnaíba, o fez despertar da condição que levava, descobriu que somente a classe dominante contara a sua história, mas de maneira adulterada, agora, a história dos opressores iria ser contada, não adulterada, mas real, a verdadeira história. Uma voz libertadora.

5.2.4 Interpretação das práticas da contação de histórias

Com esses cenários percebemos que o povo da Comunidade de Maniçoba valoriza esses homens e mulheres que traduzem o contexto cultural e social desse lugar, e guardam consigo muitas histórias para contar. Logo, notamos que há uma grande influência desses contadores na cotidianidade das pessoas, bem como são pessoas importantes, “ilustres” como a comunidade os consideram.

Vi nesse contexto uma grande mobilização da população afirmando uma unidade entre todos. Reforçando através dos estudos de Geertz(2008) que cada contador aqui traz uma “estrutura simbólica” e são percebidos como tal. Assumem um papel importante na sua comunidade. Quando cheguei à Lagoa da Pedra, oito quilômetros de Maniçoba, perguntei a um garoto onde morava Dona Deijanira, e sem demora deu-me as coordenadas, “*logo ali, depois do campo, numa casa branca...*”. Todos a conhecem. A escola Municipal Dois de Julho quando sistematizou um Projeto Pedagógico e trouxe para a escola esses contadores, os homenageando, propagou

assim a cultura e costumes de um povo, percebendo aqui o cuidado para se manter viva uma tradição, a prática de contar histórias e outras tradições, como as danças, festas, e outras heranças culturais.

E a prática de contar histórias não determina a eles que são contadores, se consideram apenas homens e mulheres que desejam *“dizer alguma coisa sobre algo”*, como disse Reinaldo, *“eu não sou contador de história não”*, sorrindo, num ato de satisfação. Assim a prática de contar histórias não os faz contadores de histórias, ou melhor, eles não se consideram contadores apesar de terem muitas histórias para contar. Na verdade dizem que são guardiões de uma tradição oral, causos que *“meu avô contou”*, *“meu pai”*, *“minha mãe”*, *“meu vizinho”*, tudo vivido lá no passado que não querem deixar morrer. Causos de vida, que ensinam, divertem, aconselham. A exceção de Seu Bertolino, contador/escritor, que diz que o que faz é uma dádiva suprema que permite um simples agricultor como ele o dom de historiar, ainda que a sua escrita seja rudimentar, porém o mesmo conta as histórias do passado, escreve sobre suas raízes, o que os outros narradores já contaram.

Mas também analisamos aqui, por sua vez, que os escutadores reconhecem esses sujeitos como contadores de histórias, pois sempre estão vez ou outra, envolvidos num caso contados por eles, *“qualquer palavra dita ou uma situação vivida, meu pai se lembra de uma história e nos conta”* – disse a filha mais velha de Reinaldo José, nosso contador. *“Então o consideramos um contador de histórias.”* O filho mais novo de Dona Deijanira, ao chegarmos à sua casa, também disse logo, *“contar histórias é com mamãe mesmo”*. O casal que intermediava o nosso contado com os contadores e nos recebia sempre que íamos a Maniçoba, não tem dúvidas ao afirmarem que todos são contadores de histórias e *“grandes contadores”*, *“tudo vira motivo para eles se lembrarem de uma história”*, *“eu mesmo não sei contar do jeito que eles contam”*, disse Dona France, a dona da casa. Aqui notamos que France remete a performance dos contadores, como expõe Paul Zumthor(1997), sobre a ideia da presença de um corpo, *“é o texto em presença e a força energética e teatralizante da linguagem”*. Os escutadores se encantam com esse movimento. É bom lembrar que os escutadores são diversos, os filhos, os netos, os colegas de trabalho, os alunos, os vizinhos, os amigos. Temos assim, muitas pessoas interessadas e encantadas com as histórias dos nossos contadores.

Vimos aqui também que o papel desses contadores é contar muitos causos que não foram vivenciados por eles, mas que acreditam na importância de recontá-las para não serem esquecidas, pois de certa forma, sempre tem uma função, seja maior ou menor utilidade, mas cabem a eles enfeitar, acrescentar conforme o momento. Sobre isso Calvet (2011, p. 114) expõe sobre o papel desses contadores que sem jamais sido testemunha direta desses relatos, escolhem as mais diversas variações que dispõem, enfeitam, transformam segundo seus gostos ou suas ideologias.

E como essas práticas de contação de histórias estão influenciando as práticas sociais de letramento na comunidade de Maniçoba - BA? De certo que a força nômade da voz não se compara a força fixa da escrita, como propõe Zumthor (1997), até porque nossos contadores enfoca a oralidade. Mas não quer dizer que nesse enredo não haja ciência, a ciência da escrita. Descrevemos a relação da escrita e da oralidade, “um ocultamento da escrita no oral e a oralidade na escrita”. Vejamos sobre essas considerações em dois contadores:

Seu Mariano, 2^a série fundamental e Seu Bertolino, Ensino Médio. Nos textos escritos de Seu Mariano, os quais pede para a filha escrever, seus hinos de cunho religiosos católicos e suas histórias, exige que a filha “escreva certinho”, a princípio notamos que ele quer retirar as marcas linguísticas dos seus versos, ocultando assim o oral da escrita, a filha escreve assim: “O berro forte dos bezerros bem cedinho/ e o aboio dos vaqueiros acordando seus vizinhos/...” Porém ao ler diz: “O berro forte dos bezerro bem cedim/ e o aboio dos vaqueiro acordando seus vizim/...” performatizando o corpo em ação. Confirmamos que Paul Zumthor (1997, p. 40) já havia previsto que há oralidade na escrita “performatizado”, mesmo sem vocalização há uma voz vibrante no que está escrito. Logo, seu Mariano está fazendo uso da escrita, para o nosso contador há um profundo significado nos seus textos orais que perpassam para os escritos, apesar de que ele mesmo não os usa, até porque os têm na cabeça, mas quer ter a certeza que alguém vá lê-los quando o mesmo não mais estiver por aqui. Brian Street (2007, p. 466) propõe o empoderamento através do modelo ideológico de letramento, onde as pessoas que fazem uso podem se fortalecer através da interação com a escrita. Mariano, contador e compositor, interage perfeitamente com a escrita para registrar o que conta e canta.

Também vi o empoderamento de seu Bertolino ao se apropriar da escrita e fazer uso da mesma para manter viva a história local, as histórias dos contadores e sua história. Quatro livros escritos. “O ontem, o hoje, o amanhã: nasce uma comunidade”; Reminiscências: retrato falado de gente da comunidade; Maniçoba: sua gente e sua cultura; São Gonçalo do Mulungu: Cenário de Mitologia, Fé e Compromisso. Notamos que o letramento agora passa a ser lugar de transformação e de negociação, permitindo as pessoas a terem sua “identidade e pessoalidade”, não apenas com indivíduo, único, mas que interage no seu contexto (STREET, 2007, p. 470). Seu Bertolino, contador e escritor, interage com a escrita para contar o que os outros contam.

Certamente, já tratamos durante as leituras anteriores sobre a escrita e a oralidade como duas modalidades discursivas do mesmo sistema linguístico onde homens e mulheres utilizam para apresentarem seus pensamentos, suas histórias ou para manter a comunicação. Ambas têm influencia mútuas. Além disso, estão ligadas às práticas sociais.

Então, as práticas de contação de histórias, de certo modo, influenciam as práticas sociais de letramento na comunidade de Maniçoba/BA, pois notamos o impacto social que a escrita tem à medida que se mostra como “um sistema simbólico” onde os contadores no uso da escrita buscam “a própria autonomia, distanciando-se do aparelhamento vicioso das estatais”²⁵, ou seja, nos livros de seu Bertolino e nos escritos feito pela filha de seu Mariano estão suas vozes, as vozes da comunidade, num ato dialógico, coletivo, como propõe os estudos de letramento, que parte de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contexto em que se desenvolvem(KLEIMAN, 2007, p. 2).

5.3 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EM EVENTOS DE LETRAMENTO

Quais os efeitos da contação de histórias nas práticas escolares? E o processo da retextualização é uma prática de letramento escolar? Com essas inquietações fui

²⁵ Frase usada por seu Bertolino na dedicatória do livro São Gonçalo do Mulungu: Cenário de Mitologia, Fé e Compromisso.

analisar através da observação²⁶ tais efeitos e o processo da retextualização. Chegando à escola Municipal Dois de Julho em Maniçoba/BA constatei que para o segundo semestre toda a comunidade escolar iria participar do Projeto pedagógico “Desvendando a História, Cultura e Religiosidade da Minha Comunidade”. Durante dois meses os alunos e professores discutiram conceitos de identidade, cultura, comunidades, preservação cultural, heranças culturais, patrimônio material e imaterial, realizaram visitas e entrevistas com os membros ilustres (os contadores), ouviram suas histórias, a origem das comunidades e as histórias que fazem parte da tradição local. Nesse processo a força da tradição oral se concretizou na força da tradição escrita. O dito passou para o escrito. Vejamos agora como essa escola no semiárido baiano se desvelou com a realização desse projeto.

5.3.1 O desvelamento de uma escola no semiárido baiano: observando o Projeto Pedagógico

A escola Municipal Dois de Julho, localizada em Maniçoba/BA foi nosso espaço de investigação, onde fomenta através de projetos a valorização da cultura local. Os currículos desarticulados da realidade semiárida e propagadores das vulnerabilidades dessa região, entre elas a incapacidade de responder às suas próprias necessidades, funcionam como passaporte para o êxodo (RESAB, 2006).

Pensando nesse contexto, e preocupada em manter um currículo articulado com a realidade, a escola Municipal Dois de Julho, desenvolveu o Projeto: Desvendando a história, cultura e religiosidade da minha comunidade, onde teve como objetivos “proporcionar aos alunos a exploração do lugar onde vivem conhecendo sua cultura, história, biodiversidade, aspectos geográficos, através de visitas de campo nas comunidades”, bem como “discutir conceitos de identidade, cultura, comunidade, preservação cultural, heranças culturais, patrimônio material e imaterial”.

O projeto envolveu todas as disciplinas desde a Educação Infantil, Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, desenvolvido durante dois meses no segundo semestre de dois mil e catorze, sendo a conclusão no mês de novembro.

²⁶ Lembrando aqui que estou usando a triangulação de métodos e técnicas, como discute Denzin (1970) o “entre-triangulação”.

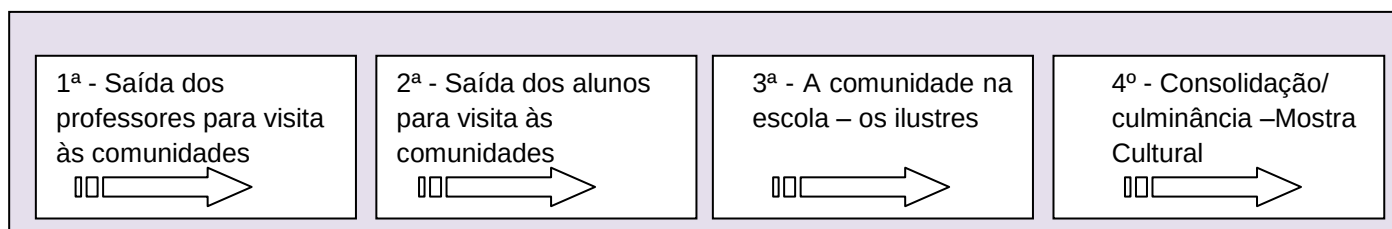
Mostrou-se nesse projeto o cuidado com seu território. Buscaram mergulhar na história de sua comunidade e desvendaram o Distrito de Maniçoba, viajaram pela cultura do seu povo, pelas peculiaridades da sua história e pelas belezas naturais, e como está escrito na proposta do Projeto, “aflorando assim o orgulho de ser Maniçobense e despertando o desejo pelo conhecimento”.

No Projeto ressalva que o Distrito de Maniçoba possui 35 comunidades, onde escolheram algumas dessas comunidades para a exploração em campo. Assim, a metodologia proposta foi à visita dos professores a essas comunidades com registro das paisagens e resgate histórico, alcançando os dados disponíveis para nortear as pesquisas dos alunos e depois os próprios alunos visitaram essas comunidades nas saídas a campo, com seus olhares. Registraram e investigaram a história e a identidade da comunidade, religiosidade e manifestações culturais, construindo uma ponte para os assuntos que foram trabalhados nas diversas disciplinas envolvidas.

Foram desenvolvidas visitas, entrevistas com antigos moradores, ouviram histórias de quem as viveu, na intenção de compreender melhor os conceitos de identidade coletiva, patrimônio material e imaterial.

Diante de tudo isso, as produções textuais foram surgindo: Diário de Bordo, contendo registros das experiências das diversas viagens; um Jornal Escolar, para as diversas notícias e novidades observadas nas visitas de campo através de fotos e registros; um Livro de Memórias, com a participação dos contadores de histórias; uma cartilha/livro foi criada com as músicas cantadas em cada apresentação das diversas manifestações culturais e a produção de um CD com essas músicas; a criação de um Vídeo com o roteiro turístico das comunidades e a produção do Livro de Cordel contando a história das personalidades de cada comunidade, onde três dos nossos contadores (Dona Jardimilina, seu Mariano e Seu Bertolino) foram homenageados com os versos cordelistas.

Vejamos o quadro abaixo com as etapas realizadas no Projeto:



Entre uma etapa e outra as produções foram surgindo. Uma delas, a retextualização das narrativas orais.

A proposta de trabalho dessa escola se torna visível quando se desvela, reconhecendo-se e fazendo-se conhecer no contexto do semiárido baiano. Assim, assume a educação como um direito social que emana de um povo rico de diversidade. Há um fator pertinente nesse processo, como já sinalizamos nos capítulos anteriores, a vivência de um currículo contextualizado, quebrando as amarras de um currículo já pronto, acabado, fora de contexto. Sobre currículo descontextualizado Martins (2004) contempla

No currículo descontextualizado não importa se há saberes; se há dores e delícias; se há alegrias e belezas. A educação que continua sendo “enviada” por esta narrativa hegemônica, se esconde por traz de uma desculpa de universalidade dos conhecimentos que professa, e sequer pergunta a si própria sobre seus próprios enunciados, sobre seus próprios termos, sobre porque tais palavras e não outras, porque tais conceitos e não outros, porque tais autores, tais obras e não outras. Esta narrativa não se pergunta sobre os próprios preconceitos que distribui como sendo seus “universais”. (MARTINS, 2004, p.31/32).

Longe dessa narrativa hegemônica, a proposta vivida por essa escola, diante desse Projeto Pedagógico nos revela que a “cultura apresenta-se ligada de forma direta às questões educacionais”. Diz o texto “Só com um novo olhar cultural será possível uma melhor compreensão de fazer socializador da escola no cotidiano”.

Os resultados foram impressionantes. Alunos envolvidos. Professores satisfeitos. Muitas produções concretizadas. Muito bem planejado e executado. Uma aprendizagem significativa.

O Projeto foi inscrito no PDDE cultura do Ministério da Educação. Ultrapassou barreiras. Fez-se no dia a dia. Contou a sua história. A história de um povo acolhedor, criativo. Produziu novos discursos. Não aceitou mais as “narrativas universais”. Desvelou-se.

Sobre o momento de mostrar os resultados, superou-se. Vejamos as imagens:

Foto 16: CULMINÂNCIA DO PROJETO²⁷



1. Estande de Apresentação do Cordel – Pessoas ilustres de Maniçoba



²⁷ Realizado em 28 de Novembro de 2014 em frente à Escola Municipal Dois de Julho.



2. Estande de acolhida aos convidados. De blusa branca: Sayonara (minha pessoa) e de blusa verde a Gestora Rúzia.



3. Estande de Apresentação dos desenhos e mensagens produzidos pelos alunos aos ilustres homenageados



4. Estande de Apresentação das fotografias tiradas pelos alunos nas visitas de campo, bem como visitas dos ilustres na escola.



5. Estande de Apresentação das crenças de cada comunidade.



6. Estande de Apresentação do Jornal Escolar - Jornal em Rima



7. Estande de apresentação de Vídeos sobre as visitas realizadas nas comunidades.



8. Nossos três contadores(Bertolino, Mariano e Jardimilina) lendo suas histórias escritas pelos alunos).

Pontuo nesse espaço, um pouco sobre os contadores de histórias que também fizeram parte desse Projeto Pedagógico, pois no percurso do Projeto houve também a preocupação dessas “vozes escondidas ou desconhecidas” que fizeram parte da construção histórica da comunidade de Maniçoba, tornando visível outros olhares, permitindo ouvir as vozes, materializadas num Livro de Memórias, organizado pelos alunos das 7ª séries e do 7º ano com a contribuição desses contadores.

Essas vozes foram materializadas através da retextualização feita pelos alunos que visitaram alguns contadores. Trago os textos dos contadores sujeitos, desde o início dessa pesquisa, bem como outros contadores.

5.3.2 A Retextualização das narrativas - as narrativas orais e a prática escolar de retextualização

Analizamos sete histórias que foram contadas por moradores das comunidades pertencentes à Maniçoba. As mesmas se encontram no livro “Memórias das Comunidades do Distrito de Maniçoba – Causos, lendas e curiosidades de Maniçoba”, produzido pelos alunos das 7ª séries e alunos do 7º ano com a colaboração dos professores de Português, História, Geografia e Ciências da Escola Municipal Dois de Julho. Primeiro, os alunos fizeram um levantamento histórico e cultural nas comunidades, resgatando suas histórias, lendas, crenças, suas peculiaridades, depois, os professores e alunos foram a campo, realizaram pesquisas e entrevistas com os moradores das comunidades, e por fim, ao captarem as histórias, (re) produziram segundo suas compreensões.

Para nossa análise tratamos essas reproduções ou produções como processo de retextualização, de acordo com o que Marcuschi (2001, p. 73) propõe que qualquer mudança que se realiza de um texto para outro, neste caso, da fala para a escrita, já se inicia esse processo, a inserção da pontuação, por exemplo.

Diante desse processo de retextualização podemos observar que as narrativas orais tiveram um papel relevante no ensino da escrita na escola, no letramento escolar dos alunos, a partir do significado que a escrita teve para eles, pois a atividade partiu de um contexto cultural específico, uma tradição oral, as narrativas dos contadores das comunidades permeando pela tradição escrita da escola. Desse modo, a escola sai do modelo universal de letramento, como também expõe Santos (2001)

Assim, em vez de se persistir em um único modelo universal de letramento que discrimina as variáveis linguísticas sociais e geográficas, deve adotar-se modelos que privilegiem o ato de escrever como uma atividade comunicativa em diferentes contextos sociais (SANTOS, 2001, p, 63).

Nessa perspectiva, professores e alunos foram buscar fora do arcabouço escolar, outras histórias para, assim, de fato, privilegiarem o ato da escrita. Vamos aos textos:

Texto 1

A lenda do Lobisomem

Na localidade do Distrito da Maniçoba conta-se muitas lendas sobre o local, principalmente pelos mais velhos que habitam a região há mais tempo. O povo de maniçoba tem muitas crenças em suas culturas, religiões e lendas.

Houve uma época que espalharam boatos de que havia dois lobisomens correndo por aqui. Alguns não acreditaram, mas outros, como minha irmã mais velha, Maria Aparecida, mais conhecida como Neguinha, que estava grávida na época acreditou. Ela, o marido e o primo do marido moravam em uma casa localizada numa área bem deserta, quando de madrugada os três ouviram o barulho como se fossem pisadas de um animal grande. Os três curiosos tentavam ver o que era pelo buraco da fechadura. Minha irmã com um barrigão tomava toda a porta, os outros dois também queriam ver, então ficavam um empurrando o outro, mas não conseguiram ver nada.

A senhora dona Nevinha também acredita que lobisomem existe. Ela mora no Distrito a mais de 20 anos e disse que certa vez a tia dela tinha um bebê e em uma conversa sobre lobisomens, a mesma disse não acreditar. O padrinho da criança disse para ela não duvidar, mas ela continuou desacreditada, então ele disse que a meia noite ela teria a prova de que existia. Ela como medo, quando a noite caiu, colocou na porta do quarto da criança muitos galhos de espinhos, mas não teve jeito. O lobisomem entrou na casa e levou o bebê.

Quando amanheceu o dia o bebê estava de volta na cama, mas estava melada com uma gosma esquisita por todo o corpo, a mãe ficou desesperada. Pouco tempo depois, o padrinho da criança chegou bem sorridente e perguntou:

- E agora acredita que lobisomem existe?

O lobisomem era o padrinho da criança, e o mesmo só não devorou a criança porque era um ser inocente e só queria mesmo provar a sua existência, conta Dona Nevinha.

Vanessa Alves— 7ª série A

Texto 2

Os três postes

Na onde eu moro existem inúmeros contos assustadores, uma moradora antiga chamada Dona Marilene conta que na estrada dos Lotes e do Jatobá existem Três Postes, ela revela que a pessoa que passar por eles tem uma visão assustadora de uma mulher vestida de

branco, outros contam que em cada poste morreu uma pessoa, quando anoitece várias pessoas evitam passar por lá.

Reina – 7ª série A e Camila Rocha – 7º ano C

Texto 3

A lenda da mulher despida

Na Lagoa da Pedra, comunidade que faz parte do Distrito de Manicoba, residem muitas famílias de agricultores, nesta, são contadas inúmeras histórias, causos e lendas, principalmente pelas pessoas mais velhas, a exemplo de dona Deijanira, uma senhora com aproximadamente 90 anos que se diverte ao contar aos jovens diversas histórias.

Conta Dona Deijanira, que a partir da meia noite e trinta, ninguém pode passar próximo ao morro, que leva o mesmo nome da comunidade, caso resolva passar, verá uma mulher pelada. O pior é que não verá uma única vez, passará o resto da vida tendo essa visão.

Claro que muitas pessoas não acreditam, mas, quem se arriscou e passou, como é o caso do meu pai, conhecido como Neném, pode comprovar. O mesmo disse: “vou passar só pra ver o que acontece”. Não deu outra, até hoje ele avista esta mulher despida.

Vaneska Henrique Bezerra – 7ª série A

Texto 4

A Mãe do Mato

Segundo relatos de caçadores do Riacho da Massaroca, uma aparição denominada Mãe do Mato é vista nas proximidades de uma empresa de uva. Quando ela aparece, a pessoa tem que presentear ela como fumo, em troca, se for um caçador que a encontrar, ele terá sucesso em sua caça por um período, se o fumo pedido não for dado, a pessoa é morta e ouvem-se gemidos, gritos e batidas de árvores.

John Atalan – 7º ano C

Texto 5

O homem do mato

Muito parecido com o Curupira, o Homem da Mata vive na Caatinga protegendo a fauna e a flora, diz a lenda que se uma pessoa arrancar uma árvore ou matar algum animal, ele lança seu chicote feitos de cipó.

Muitas pessoas acreditam que ao andar à noite é muito perigoso, conta-se que dá até para ouvir o barulho de seu chicote batendo, e outras pessoas revelam que já viram olhos vermelhos na mata escura.

Kleriston Santana – 7ª série A

Texto 6

O lobisomem de Jatobá

Os moradores mais antigos de Jatobá contam que há muitos anos atrás um homem chamado João, virava Lobisomem. Pois em toda noite de lua cheia ele era o único morador da comunidade que desaparecia. Certa noite dois moradores que passavam perto de sua casa avistaram uma criatura que se parecia mais com um cachorro gigante.

A criatura estava se alimentando de um animal, nessa mesma lua cheia eram encontrados inúmeros corpos de animais mutilados pela mata. O mais curioso, é que quando João morreu esses estranhos acontecimentos se foram com ele, não se sabe se é verdade, mas no mínimo é estranho.

Rute dos Santos – 7ª série C

Texto 7

Origem do nome “Vila Santa Inês”

Conta-se que há muitos anos atrás, onde hoje localiza-se a Vila Santa Inês, vivia uma mulher muito bonita e de grande coração, ela era gentil e bondosa. A mesma sabendo da penúria da sua comunidade começou ajudar os mais necessitados e feridos.

Ela abrigava pessoas que não tinham lar, cuidava de ferimentos, consolava as famílias com palavras de conforto, esperança e fé. Em momentos de percas de entes queridos, pequenos gestos como um abraço, um aperto de mão era o suficiente para amenizar a dor dos que ficavam. A mesma dizia que não existiam momentos ruins, apenas dias difíceis.

Essa mulher vivia sorrindo e espalhava alegria por onde quer que fosse. Ajudava o próximo a qualquer dia, a qualquer hora, não importava onde. Ela sempre estava lá para ajudar. Seu nome era Inês, e ao falecer os habitantes do local que foram ajudados tantas e tantas vezes por ela, resolveram homenageá-la e assim se deu a origem ao nome “Vila Santa Inês”.

Raquel Cordeiro – 7ª série C

5.3.3 Algumas considerações sobre o processo da retextualização

As visitas que os alunos fizeram na pesquisa de campo, ouviram, gravaram, transcreveram e reproduziram ou fizeram produções das lendas e causos que mais fazem parte da localidade, para nossa análise consideramos como processo de retextualização.

Transcrever e retextualizar para Marcuschi (2001, p. 49), são processos distintos, a primeira trata apenas a passagem da fala, de sua realização sonora para a forma gráfica, já na retextualização, há interferências, mudanças, como por exemplo, o uso de pontuação e outras operações. Observando o texto escrito, percebemos tais mudanças, mas o que está em jogo aqui é o uso de uma produção oral que passou

para uma produção escrita. Tencionando assim, uma manifestação do uso da língua, tanto na forma oral como na escrita. Na passagem ou transformação das histórias narradas pelos moradores das comunidades se realiza a retextualização produzida pelos estudantes por se tratar de uma mudança de uma modalidade para outra permanecendo na mesma língua. Já notamos que os textos 1 a 7 retextualizados foram necessários realizar algumas operações complexas.

Marcuschi (2001, p.75) nos apresenta um modelo de operações textuais-discursivas na passagem do oral para o escrito, lembrando que tal modelo é um método de descoberta relativamente intuitivo, não tão rigoroso, mas que podemos analisar a retextualização nesse plano a fim de projetar nossas expectativas. O autor agrupou este modelo em dois grandes grupos, o primeiro grupo segue as regras de regularização e idealização, abrangendo as operações de 1 a 4, o segundo grupo segue regras de transformação, nas operações de 5 a 9. Saliento que não foram explorados os textos orais, pois o meu objetivo foi analisar as conquistas da escrita dos alunos, mas recuperei as diferenças, uma vez que já sabemos como é a narrativa oral. Ficando a análise com as quatro operações do primeiro grupo e duas do segundo grupo. Vejamos:

1ª OPERAÇÃO - Eliminação de marcas interacionais (as hesitações, marcadores convencionais), por exemplo, “ah..., eh..., né!, aí...”, que não aparecem nos textos dos alunos ao que certamente na fala dos contadores aparecera. O autor afirma que nessa operação já se perdem cerca de 10% a 20% do material fônico do texto falado;

2ª OPERAÇÃO - Introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas, se observarmos os textos 1 e 3 os alunos usaram o discurso direto como reprodução de maneira direta da fala, veja nos trechos: Texto 1 – “Pouco tempo depois, o padrinho da criança chegou bem sorridente e perguntou: - E agora acredita que lobisomem existe?” Texto 3 - O mesmo disse: “vou passar só pra ver o que acontece”. Notamos aqui o uso da pontuação para o discurso direto em situações diferentes, o texto 1 se vale dos dois pontos e do travessão e ponto de interrogação fazendo uso convencional do discurso, já no texto 3 o aluno recorre as aspas para a fala do personagem, dando a entender uma citação ou transcrição.

Obseamos que em todos os textos os alunos já perceberam que não se pode escrever sem pontuar, pois seus textos não seriam entendidos, notaram que a fala não dispõe desse recurso.

3ª OPERAÇÃO - Retiradas de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos (eu, nós) onde os alunos nos seus textos certamente perceberam que uma das características da fala é a repetição de termos, assim observamos textos enxutos, concisos.

4ª OPERAÇÃO - Introdução de paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos, nessa operação fica bastante visível nos textos que os alunos usaram como critérios de agrupar em parágrafos as ideias, caso dos textos 1, 3, 5, 6 e 7, onde os alunos deram sentido às histórias dando continuidade em paragrafação sem perder a unidade temática das mesmas.

Nessas quatro primeiras operações Marcuschi (2001, p.74) considera regras de regulação e idealização que tem como estratégias de eliminação ou inserção. As operações seguintes (5 e 6), segundo o autor, seguem as regras de transformação, elas substituem, selecionam, acrescentam, reordenam e condensam.

5ª OPERAÇÃO - Introdução de marcas metalinguísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos, aqui os alunos também se atentaram quanto essa operação, pois uma das características da fala é a utilização do contexto físico, os narradores fizeram essa referenciação, assim percebemos nos textos os dêiticos de pessoa no T2, ao usar “eu”, os dêiticos de lugar no T1, “aqui”, T2 “lá”, T3 “nesta”, T7 “lá” e os dêiticos de tempo no texto 3 “hoje” e texto 7 “hoje”, essas referenciações implicam num contexto situacional. Lembrando que as expressões dêiticas passam por um significado que não depende do contexto em que elas são usadas, mas só tem significado em uma determinada enunciação, ou seja, num contexto de uso particular, como foi o caso dos alunos e dos contadores no processo de contação e de escuta.

6ª OPERAÇÃO - Reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamento, como não temos explícito o texto oral, apenas os textos escritos, partimos do pressuposto que de certo modo como os textos são apresentados houve a construção de uma reordenação sintática, pois ao

retornar os textos 1, 5 e 7 notamos o uso da colocação pronominal no termo “conta-se” e no texto 4 o termo “segundo relatos” o uso da conjunção “segundo”, onde partimos do princípio que estes usos exigiram dos alunos um maior domínio da escrita e das estratégias de organização lógica do raciocínio.

Nesse panorama vimos que os alunos ao usar o processo da retextualização recorreram à atividade cognitiva da compreensão, de certo que eles precisaram compreender tudo o que estava sendo dito, para com segurança passar do dito para o escrito concretizando um produto final, uma narrativa oral numa narrativa escrita, além disso, com essa atividade foi possibilitado a esses alunos a entenderem que a fala e a escrita são dois modos de representação da língua que se manifestam em práticas sociais. Envolveram-se numa relação de práticas letradas.

Marcuschi (2007, p.89,90) reafirma que as vantagens da escrita não estão na escrita em si mesma, mas estão nas práticas letradas que advém das mais variadas agências de letramento, no nosso acaso a escola com a prática da retextualização e a própria comunidade com suas histórias orais.

Percebemos também que nesse contexto ao assumirem e valorizarem a tradição da contação de histórias, a escola e os estudantes se envolveram numa prática social que de certa forma influencia o gosto desses alunos pelas narrativas, bem como a escola assumindo a tarefa de fazer a transição do oral para o escrito “na passagem de uma ordem para outra ordem” possibilita que as práticas das comunidades e dos pais não se percam, há nesse envolvimento uma interface entre a oralidade e escrita, entre as práticas escolares e práticas comunitárias, logo notamos que as narrativas orais e a prática de contação assumem novos formatos, por exemplo, o formato letrado, escolarizado, e ideológico. Sobre isso, Ângela Kleiman (2010) quando envereda pela discussão do letramento ideológico nos propõe uma reflexão sobre os letramentos locais, da cotidianidade, de pessoas singulares fazendo sua história, onde a prática cotidiana da escola deva enxergar o que está lá fora, sair da zona de conforto, não ficar apenas centrado em acessos limitados e pressupostos elitistas, a autora afirma:

Mais do que tentar transformar a instituição, parece necessário sugerir práticas e atividades que de fato visem ao desenvolvimento do letramento do aluno, entendido como o conjunto de práticas

sociais nas quais a escrita tem um papel relevante no processo de interpretação e compreensão dos textos orais ou escritos circulantes na vida social. O elemento-chave é a escrita para a vida social. (KLEIMAN, 2010, p. 377)

Assim, a escola assume também seu papel como agência de letramento e forja projetos pedagógicos que demandam a saída dos alunos do chão da escola e vão às casas, roças, noutras agências de letramentos, às comunidades. Dando assim sentido à escrita, o que propõe a concepção do letramento ideológico, práticas sociais, em contextos específicos, objetivos específicos.

Então, o processo da retextualização para o letramento escolar das crianças foi de grande pertinência, primeiro porque fora construído a partir das narrativas orais da comunidade, os alunos acessaram a tradição narrativa do seu povo, e depois, porque se apropriaram da consciência metalinguística sobre a relação fala-escrita.

Quanto ao pequeno livro produzido pelos alunos, Rúzia do Nascimento, a gestora acrescentou

“Desta forma, procuramos aproveitar a filosofia de vida existente das pessoas das comunidades espalhadas pelo distrito de Maniçoba, dando assim a nossa contribuição para o Projeto e para as Comunidades, enriquecendo o conhecimento e o ensino-aprendizagem dos alunos e estreitar as relações entre os alunos das diversas comunidades e professores”(NASCIMENTO, 2014).

Sair do arcabouço escolar, buscar em outros terreiros e se inserir nos estudos da relação do oral e da escrita é comprovar as relações de poder que o letramento para além da escola desempenha num modelo ideológico, como propõe Street (2014). É bom definir o que se entende com a noção de diferentes letramentos, segundo Street o letramento está muito ligado às instituições educacionais, e que é preciso desvencilhar dessa concepção, acrescenta o autor

O letramento está de tal modo encaixado nessas instituições na sociedade contemporânea que, às vezes, é difícil nos desvencilharmos delas e reconhecer que, na maior parte da história e em grandes setores da sociedade contemporânea, as práticas letradas permanecem encaixadas em outras instituições sociais. (STREET, 2014, p. 122)

Percebemos que o letramento também é praticado pelas comunidades. Ao percorrer as trilhas diferentes as da escola, os alunos tiveram contado com os contadores produzindo significados no viés da leitura e da escrita. Ao visitarem essas agências

– Lagoa da Pedra, Jatobá, Maniçoba, Riacho de Massaroca – aprenderam também com outros agentes de letramentos, no nosso caso, os contadores de histórias.

Quando voltamos para a história retextualizada feita pela aluna Vaneska Henrique Bezerra da 7ª série A – Texto 3 traz Dona Deijanira, sujeito integrante dessa pesquisa, contando uma história aos alunos que foram visitá-la na sua roça, localizada na Lagoa da Pedra. Com suas histórias, suas experiências, seus conselhos, Dona Deijanira e os demais contadores assumem de fato um ser agente, agentes do letramento. Tudo isso fora do contexto escolar. Estes contadores até então estavam às margens.

Observamos, ainda, diante das sete histórias que foram retextualizadas pelos alunos, que há uma interação entre alunos e famílias (minha irmã-T1; meu pai-T3), e contadores (Dona Nevinha-T1; Dona Marilene-T2; Dona Deijanira-T3; os caçadores-T4; os moradores antigos-T6), ou alguém que contou (conta-se – T5 e T7). Para ouvir essas histórias foi preciso sair e ir ao encontro, foi uma festa, pois as comunidades visitadas ficam de 5 a 8 quilômetros de distância. O ato de passear já diz tudo, garantia de diversão. Visitas prazerosas. Ensino contextualizado. Aprendizagem significativa.

Diante dessa pesquisa, percebemos o quanto a escola esteve atenta a esse contexto. Ao estimular práticas e atividades reais, alunos entrevistando os contadores, ouvindo as histórias, escrevendo-as, transcrevendo-as, retextualizando-as, produzindo um livro de memórias com as histórias da localidade. Sem dúvidas, um ato de transformação, de conhecimento. O aluno sendo protagonista desse processo e à medida que ia acontecendo o Projeto Pedagógico todos iam se envolvendo numa rede de eventos de letramentos num universo local.

Street(2014) já nos fala desses universos que chama de universos local e global, quando nos indica o valor dos letramentos locais é fazer com que enxerguemos nos usos do dia a dia “o letramento por grupos marginalizados em ambientes tanto rurais quanto urbanos”, para o autor esses letramentos locais têm sido visto por muitos como simples práticas “folclóricas”, que não avançam o desenvolvimento do lugar, no entanto, somos sabedores que há nesses letramentos uma prática de

conhecimento, de libertação, de envolvimento, de troca. Não há folclore nisso. Há aprendizagem. Há uma interação entre as pessoas e o seu lugar.

Sobre isso, lembramo-nos das contribuições das autoras Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011, p. 136) quando elas remetem uma metáfora que fora estabelecida por Barton (2004, p. 29) a metáfora da ecologia que trata sobre o tema, “concebendo que o uso da língua escrita é parte do contexto em que se processa, influenciando e sendo influenciado por esse contexto”. Escreve o autor: “Uma abordagem ecológica toma como ponto de partida essa interação entre os indivíduos e seus ambientes”. E ainda: “Uma abordagem ecológica enfatiza a diversidade e, no sentido biológico original da ecologia, a vê como uma virtude”.

Por fim, a metáfora da ecologia do letramento se concretiza nas relações de interação dos sujeitos nos sujeitos no ambiente onde vivem. Cuidar. Questão de natureza.

Acreditamos dessa forma, que o uso da escrita por esses sujeitos/escutadores/alunos influencia e é influenciada nesse enredo. Uma troca. Uma experiência. Um cuidado. E como nos presenteia na sua terceira obra literária, *Maniçoba: sua gente e sua cultura*, Bertolino Alves Nascimento, nosso contador, na apresentação escreveu: *“(...) Há neste pedaço de chão, abençoado por Deus, familiares, muitíssimos amigos e amigas, com os quais desejo unir forças e compartilhar desta dádiva suprema, também concebida pela interseção divina que permite a um simples agricultor como eu, o dom de historiar ainda que sua sistemática seja rudimentar, referendando a convivência de um povo maravilhoso, confiante de que a nossa querida juventude por quem tenho um apreço todo especial, possa enveredar por caminhos que a conduzam exercitar a aplicação de propostas semelhantes a nossa”*. Um desejo nosso também.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS – uma história (in)acabada

*No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade. Fim que foi.
Aqui a estória se acabou.
Aqui, a estória acabada.
Aqui, a estória acaba.*

Guimarães Rosa

Neste trabalho, conforme exposto na introdução, foi desbravado um itinerário onde partimos do pressuposto de que as práticas da contação de histórias dos contadores de Maniçoba/BA poderiam gerar um processo formativo na escrita e na leitura dos escutadores e em alguma medida dos contadores, desse modo, tive como objetivo geral investigar as práticas de contação de história em Maniçoba/BA considerando os pressupostos culturais presentes nas narrativas dos contadores e os indícios dessas práticas como a aquisição da leitura e do letramento dos escutadores.

Logo, foi preciso enveredar por uma revisão literária que se encontra no segundo capítulo dessa dissertação, sendo de grande pertinência, pois permitiu visitar trabalhos nas áreas de nosso interesse, como foi o caso da Linguística, Literatura e Educação que também pesquisaram a oralidade e a escrita como modalidades que têm influências mútuas ligadas às práticas sociais.

Também, para a nossa investigação nos valem de muitos referenciais teóricos, assim trouxemos Brian Street (2007, 2011, 2014) com a contribuição das reflexões sobre as abordagens dos letramentos sociais, destacando a abordagem do letramento intercultural que valoriza as interfaces entre a leitura e a escrita nas práticas sociais, as agências e agentes de letramentos; Zumthor (1993, 1997, 2007) trazendo uma contribuição sobre a voz na escrita; Vancina (1982) com a tradição oral, bem como outros teóricos que tiveram valorosa contribuição. Certamente, esses nos asseguraram trilhar no terceiro capítulo da tradição oral à tradição escrita onde enveredamos nas narrativas orais, ouvindo as vozes através dos causos populares e o encantamento da performance dos contadores, bem como abordar o letramento intercultural contribuindo numa prática de fortalecimento à cultura oral, que há traços da oralidade na escrita e vice-versa, e que sempre é possível um ato dialógico entre culturas, nesse caso, os contadores e a escola.

As abordagens metodológicas se concretizaram a partir da pesquisa qualitativa em educação à luz de Bogdan e Biklen (1994) que numa Triangulação de métodos e técnicas permitiu confirmar nossos pressupostos (DENZIN, 1970 apud FLICK, 2008). Aplicar o método entre-triangulação, nos valendo da História Oral, Descrição Densa e Observação Participante, permitiu validar nossa pesquisa, pois chegamos aos resultados esperados.

Assim, foram interpretados os pressupostos apresentados nas contações de histórias, onde elas não são inventadas, mas contadas a partir de situações reais, bem como compreendemos como essas narrativas orais se mantêm vivas através do tempo, sendo realizadas entrevistas narrativas com os contadores que nos presentearam com suas histórias de vida e suas histórias, causos populares, contadas por amigos, familiares e outras vividas por eles mesmos. Tudo, para esses contadores, lembra um caso do passado, evocam a memória, seja para deleitar, aconselhar ou ensinar os escutadores. Uma tradição fortemente arraigada nesse distrito de irrigação, Maniçoba/Juazeiro-BA.

E descrever a prática da contação de histórias dos contadores foi sem dúvida um momento fascinante, pois estar envolvida nesse enredo fez-me sentir um etnógrafo, estava na aldeia com os aldeões. Vimos que a contação de histórias não é a chave principal para a vida dos contadores, assim como a briga de galos não é a chave principal para a vida balinesa e as touradas não o é para os espanhóis como descrevera Geertz (2008, p. 212). Nossos contadores têm outras práticas culturais, como as danças, as cantorias, as crenças religiosas, conforme foi descrito durante a pesquisa.

Na intenção de colher dados que permitisse analisar os efeitos da contação de histórias nas práticas escolares e estudar a retextualização como prática de letramento escolar, trilhamos no chão da Escola Municipal Dois de Julho e nos deparamos com atividades fortalecedoras à cultura local e que de certa forma respondeu a indagação que norteou essa pesquisa: poderíamos considerar que as práticas de contar histórias dos contadores de Maniçoba geram um processo formativo na escrita e na leitura dos escutadores, e em, alguma medida dos contadores? De certo que sim, e foi na técnica da observação participante que

participamos da vivência do Projeto Pedagógico, este inserido num currículo contextualizado. Uma escola assumindo seu papel como agência de letramento e forjando outros conhecimentos em outras agências de letramentos, a comunidade local.

De certo, que a prática da retextualização das narrativas contadas pelos contadores, numa das etapas do projeto, produzida pelos alunos, demandou uma grande relevância no letramento escolar desses estudantes, a princípio porque a construção se deu a partir das histórias narradas por contadores da própria comunidade, tiveram acesso à tradição oral do seu povo, e depois porque se apropriaram de questões da consciência metalinguística sobre a relação fala-escrita. Uma dupla relevância nesse processo.

Vale ressaltar, ainda, que essa atividade de retextualização passou a ter uma grande importância para essa pesquisa, pois à medida que fomos nos envolvendo com os estudos da retextualização como prática de letramento escolar, percebemos um maior envolvimento entre os alunos e os contadores. Lembrando que ao iniciarmos nossas investigações não esperávamos encontrar essa técnica na sala de aula justamente com as histórias dos contadores da comunidade pesquisada, e isso veio confirmar nossas pressuposições, que de fato, há nesse “sertão” um enredo entrelaçado entre sujeitos, gerando um processo de formação entre a escrita e a leitura, a oralidade e o letramento.

Concluimos, no final dessa caminhada, que ao estudar a tradição de contar histórias, causos e contos populares na interface com a cultura escrita, percebemos um processo de empoderamento dos praticantes, ou seja, o contador se vale da sua prática, e se vê importante, anima, aconselha, ensina, e até escreve, quando necessário, as histórias. Por isso, sua prática permite aos escutadores uma aprendizagem entre o oral e a escrita. Os escutadores se empoderam à medida que se envolvem nas duas tradições.

Desse modo, os resultados obtidos nesta dissertação poderão contribuir no fortalecimento dos estudos que fomentam a tradição oral no viés dos letramentos sociais, partindo do princípio que a tradição local, nesse caso, a prática de contar histórias no chão dos terreiros dos contadores permeia tranquilamente no chão do

terreiro das escolas, e ainda, cabe salientar aos interessados pelo tema que há muito para contar, ou seja, para se pesquisar, desde a própria riqueza local, quanto à cultura das histórias narradas, quanto à discussão, com maior profundidade, da prática da retextualização na fronteira da escola.

Lembramos, ainda, que diante das veredas trilhadas, e de acordo com as nossas expectativas, os resultados apontaram que a contação de histórias, como tradição oral em Maniçoba/BA é uma prática fortalecedora na interface da oralidade e da escrita dos contadores e dos escutadores, e de certa forma, ao letramento escolar no semiárido baiano.

Enfim, encerramos com uma pequena história: *“um velho no leito da morte revelou a seus filhos que escondia um tesouro enterrado na sua roça. Assim, os filhos não perderam tempo, correram e começaram a cavar por toda a terra, mas não descobriram nenhum vestígio do tesouro. Porém, quando o período chuvoso chegou, aquela roça produziu mais que qualquer outra na região. Então, compreenderam que o ensinamento que o pai deixara era que o sucesso não estava no ouro, mas no trabalho em conjunto”*. Com esta narrativa ilustramos o quão foi importante na construção dessa dissertação descobrir que o tesouro estava, de fato, no trabalho partilhado, escavado por muitas mãos, pois investigar a contação de histórias numa abordagem da tradição oral e do letramento escolar no semiárido baiano demandou um envolvimento, uma cumplicidade. E agora, é hora de usufruirmos dos frutos.

Aqui, a história por enquanto se acaba. E *“O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real”*, disse Guimarães Rosa.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Linguagens, códigos e suas tecnologias** (Orientações curriculares para o ensino médio, volume 1). Brasília: 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura. Volume 1. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.

CALVET, Louis-Jean. **Tradição Oral e tradição escrita**. Tradução Waldemar Ferreira Netto, Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CÂMARA CASCUDO, Luis da **Literatura Oral no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

CERTEAU, Michel de **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COUTO, Mia. **O sertão brasileiro na savana africana**. In Pensatempos: textos de opinião. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

ERICKSON, Frederick. **Prefácio**. In: COX, Maria Inês P. ASSIS-PETERSON, Ana Antonia. Cenas de sala de aula. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

FREITAS, Sônia Maria de **Prefácio à edição brasileira**. In: THOMPSON, Paul. A voz do passado: História oral; tradução Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FLICK, Uwe. **Qualidade na Pesquisa qualitativa**. Coleção Pesquisa qualitativa. São Paulo: Artmed, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel,; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HARTMANN, Luciana. “ARTE” E A “CIÊNCIA” DE CONTAR HISTÓRIAS: como a noção de performance pode provocar diálogos entre a pesquisa e a prática. **Moringa: artes do espetáculo**. João Pessoa, V. 5 N. 2 jul-dez/2014.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista brasileira de história da educação**. nº1 jan./jun. 2001

KLEIMAN, Ângela. Professores e agentes de letramento: Identidade e Posicionamento Social. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 8, 2006. p. 409-424.

_____. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, 375-400, jul./dez. 2010.

_____. **O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização**. 2007. Disponível em: www.letramento.iel.unicamp.br/publicações/artigos/Letramento Acesso em 19 set. 2013.

LE GOFF, Jackes. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. 3 ed. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1994.

MARCUSCHI, Luiz A. Oralidade e escrita. **Signótica**, V. 9, p. 119-145, jan./dez. 1997.

_____. **Da fala para a escrita. Atividades de retextualização**. 3. ed., São Paulo: Cortez, 2001

_____. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio.; DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTINS, Josemar da Silva. **Anotações em torno do conceito de Educação para Convivência com o Semi-Árido**. In: Educação para a convivência com o Semi-Árido Brasileiro: reflexões teórico práticas. Bahia: Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2004.

_____. **Educação Contextualizada: da teoria à prática**. In: REIS, Edmerson dos Santos. CARVALHO, Luzineide Dourado (Org.) Educação contextualizada: fundamentos e práticas. Juazeiro/BA: Selo Editorial RESAB, 2011.

MATTE BRAUN, Ana Beatriz. **Tradição oral e tradição escrita, de Louis-Jean Calvet**. Eletras, vol. 23, n.23, dez. 2011.

MEIHY, José Carlos. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MENDONÇA. Márcia; SANTOS. Carmi Ferraz; CAVALCANTI. Marianne C.B. **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte : Autêntica, 2007.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

NÓVOA, Antônio. **As ciências da Educação e os processos de mudança**. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.) Pedagogia, ciência da Educação? São Paulo, Cortez, 1996.

PRIETO, Benita. **Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes**. Rio de Janeiro: s. ed, 2011.

REIS, Edmerson dos Santos. **Educação do Campo: escola, currículo e contexto**. Juazeiro-BA: ADAC/UNEB-DCH-III/NEPEC-SAB, 2011.

RESAB – Rede de Educação do Semi-árido Brasileiro. **Diretrizes de Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro**. Juazeiro-BA: Selo Editorial RESAB, 2006.

REYZÁBAL, Maria Victoria. **A comunicação oral e sua didática**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

RODRIGUES, Rosângela; CERUTTI-RIZZATTI Mary Elizabeth. **Linguística aplicada: ensino de língua materna**. Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2011.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Cosme Batista dos **Processos de retextualização e ensino de língua materna: uma experiência com alunos de escola pública no semi-árido baiano**. Campinas, SP: [s.n.], 2001. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SANTOS, Cristina Mielczarski dos **A ponte entre a palavra da alma e a palavra do papel** – espitolarío ficcional miacoutiano. Rio Grande do Sul, RS:[...], 2013. 147 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SILVA, Lília Brito da, Letramento e oralidade: uma abordagem etnográfica dessas práticas sociais em teresina-PI. **Anais do SIELP**. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

SILVA, Maria da Conceição Hélio (Org.) **Era uma vez...A pesquisa**. Juazeiro/BA: Editora UNEB, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Currículo e identidade social**: territórios contestados. In: _____. Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

STREET, Brian. Perspectivas Interculturais sobre o Letramento. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, 2007, p. 465 – 484.

_____. **Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas**. In: Cultura Escrita e Letramento, org. por Marilda Marinho, SP, 2011.

_____. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução Marcos Bagno – 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História oral; tradução Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Manual de Orientações**: Normas para elaboração e apresentação da dissertação do programa de Pós-graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos– PPGESA. Juazeiro, BA, 2015, p. 1 – 23.

VANSINA, Jan. **A Tradição Oral e sua Metodologia**. In: História Geral da África. v. 1: Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática; Paris, UNESCO, 1982

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

_____. **Introdução à poesia oral**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira (et all). Belo Horizonte: Editora: UFMG, 1997.

_____. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2007.